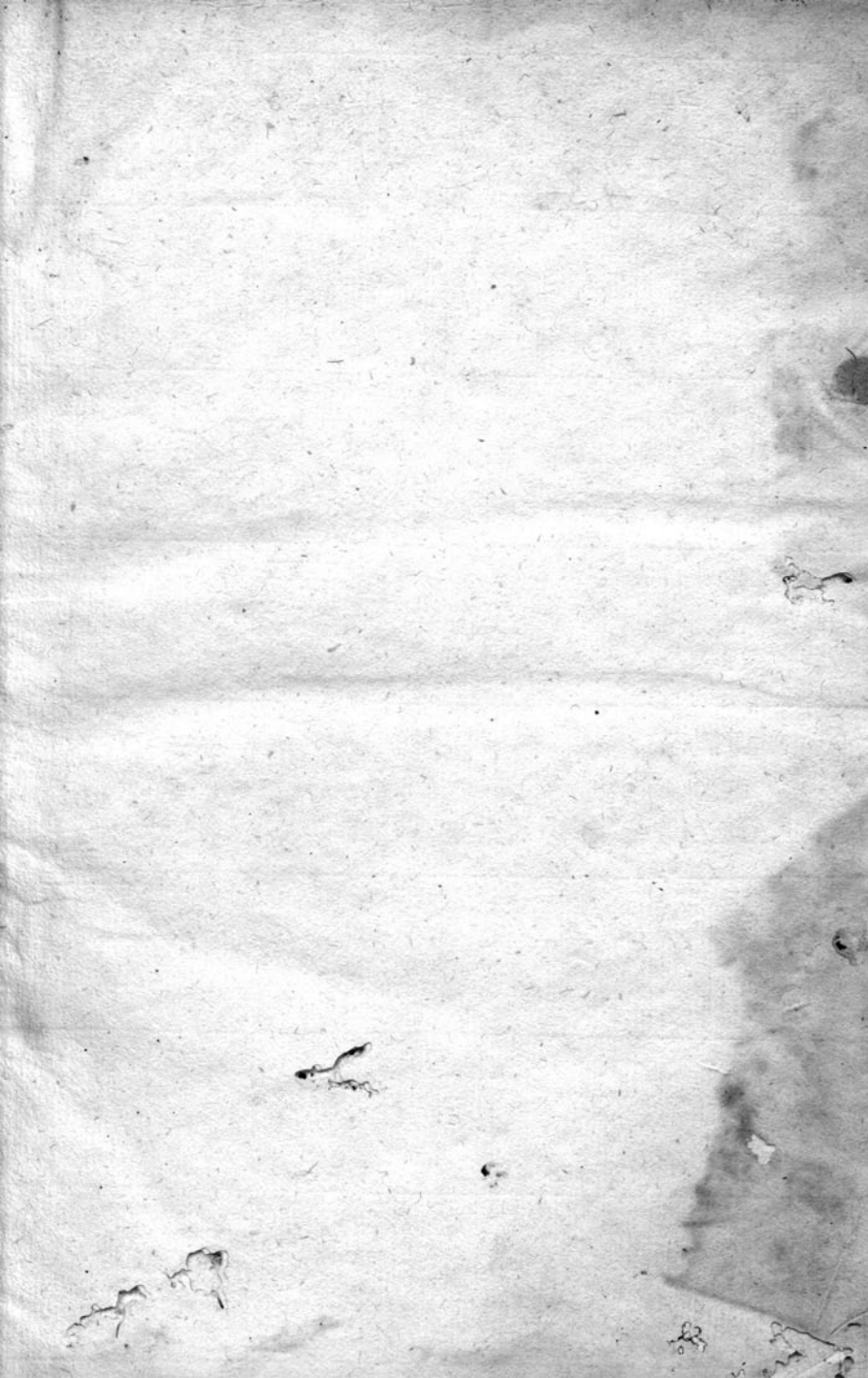




Completo



g-434

R. 11. 453
Castello Branco
1920

MANEJO REAL, ESCOLA MODERNA

DA CAVALLARIA DA BRIDA,

Em que se propoem os documentos mais solidos, para os Cavalleiros conseguirem esta scientifica faculdade:

NOVO METHODO

PARA DESEMBARACAR OS POTROS,
unir os Cavallos, vencer os refabiados, e reduzillos a huma total obediencia:

EXTRAHIDO, E RECOPIADO DOS MAIS selectos Authores Estrangeiros, que tem escrito na Europa sobre a estimavel Arte da Cavallaria:

OFFERECIDO

Ao ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO SENHOR

HENRIQUE JOSEPH
DE CARVALHO E MELLO.

POR SEU AUTHOR

JOSEPH DE BARROS PAIVA
E MORAES PONA,

Cavalleiro professo na Ordem de Christo, e Monteiro mór da Comarca de Villa Real, natural da Cidade de Bragança.



L I S B O A,

Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.

M. DCC. LXII.

Com as licenças necessarias.



59808 cm

MANUELO REAL
ESCOLA MODERNA
DA CAVALLARIA DE BRIDA

Este livro de preceitos de documentos mais antigos e
de os Cavalheiros contem em esta forma
facilidade:

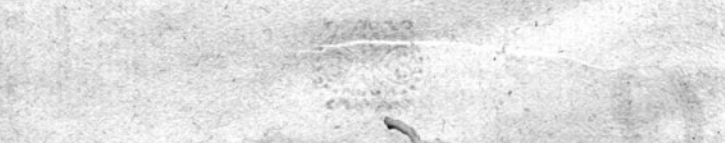
NOVO METODO
PARA DESEMPENHAR OS DEVERES
DE UM CAVALHEIRO DE BRIDA

EXTRAHI DO RECOMPILADO DOS MAIS
BONS AUTORES BRASILEIROS E DE OUTROS
EXPERIMENTADOS CAVALHEIROS DE BRIDA

DE JOSE CARVALHO DE MELLO
CAVALHEIRO DE BRIDA

JOSEPH DE BARROS PAIVA
CAVALHEIRO DE BRIDA

DE LISBOA



LISBOA
No Officio Real de Francisco Luis Amaro

1809
Com os preços seguintes



ILL.^{MO} E EX.^{MO} SENHOR.

QUEM teve o subido pensamen-
to de offerecer a V. Excellencia esta
limitada Obra, desculpado fica, ainda
* ii que

que a Obra não seja igual ao pensamento; e muito mais quando eu busco o sagrado respeito de V. Excellencia, para que queira dignarse de aceitar debaixo da sua decorosa protecção esta nova Arte da Cavallaria, que por ser a mais propria da Regia Nobreza [como em varios lugares afirma a sagrada Escriitura] he muito estimada de todos os Monarcas da Europa, aonde foy sempre costume antigo dos Authores dedicarem as suas Obras, e partos do entendimento aos mayores Principes, para que as defendessem, e amparassem das criticas dos Zoilos, e das censuras dos Aristarcos: e assim he bem certo não podia eu achar outro Mecenas, que com igual respeito protegesse este novo Methodo; pois ainda que pela sua pomposa materia se intitula Manejo Real da Cavallaria, com tudo pela infima

fór-

fôrma com que nelle entro, o confide-
ro pouco avultado para delle fazer
oblação a hum Mecenas taõ egregio,
que justamente goza os louvaveis pre-
dicados dos Principes: e bem assim eu
por esta incentiva razaõ imploro aquel-
la innata generosa urbanidade, que to-
dos reconhecemos em V. Excellencia,
herdada dos mais esclarecidos Proge-
nitores, e instruida das mais heroicas
virtudes, que todos os Monarcas da
Europa estaõ vendo, e admirando com
universal applauso na muito veneravel
Pessoa do Illustrissimo, e Excellentis-
simo Senhor Conde de Oeiras Pay de
V. Excellencia, a cujo prudente, in-
flexivel, e reåtissimo governo deve-
mos todos os bem affortunados Lusi-
tanos a mayor felicidade do nosso bem
logrado socegõ, e augmento inveja-
do de todos aquelles que tanto bem
naõ desfrutaõ.

Nes.

Nestes veridicos encomios bem podia eu deixar correr gostoso a pena; mas ocioso parece dizer o que sabe, e publica com jubilos alegres toda a Nação Portugueza, e o que louvaõ, e applaudem com emulaçaõ justa todas as mais Nações que professão a Religiaõ Catholica.

E sendo, como he, V. Excellencia Ramo preclarissimo da Arvore mais fecunda em todas as sciencias, que bem reconhece o mundo; estou certo que protegida, e amparada esta Arte da sua prodigiosa sombra, naõ só colherá o esperado fruto de florescer para o bem commum na aceitação dos mais peritos Cavalleiros; mas tambem, ainda que tosca em periodos incultos, póde dizer com desvanecimento: Sub umbra illius, quem desideraveram, sedi.

A estimavel vida de V. Excellen-

*lencia dilate Deos por muitos annos ,
para que os seus criados tenham am-
paro , a Corte fidalguia , os doutos
exemplo , a benignidade exercicio , o
mundo fortuna , e todo este Reino im-
mortal gloria.*

Illustrissimo , e Excellentissimo Senhor.

Beja as mãos de V. Excellencia

Seu mais reverente criado

Joseph de Barros Paiva e Moraes Pona.

PRO:

PROLOGO.

LEITOR, quem quer que sejas, estes são huns apontamentos, que fiz para os gastos da casa, e tambem para o publico: o que nelles digo, he apoyado pelos mayores homens de Cavallo, que tem escrito na Europa sobre a estimavel Arte da Cavallaria: a ordem, e estylo com que o digo, he meu: se não he este o modo com que se compoem semelhantes livros, eu não sey outro. Se me não engana o amor proprio, me parece que quem tiver este livro, e praticar as doutrinas que nelle proponho, se fará universal nesta scientifica faculdade. Se fores entendido, entendo que

**

me

me has de louvar; se fores igno-
rante, pouco importa que me
vituperes. *De minimis non curat
Prætor.*

Vale.

DE

DE PEDRO FERREIRA

DE SA' SARMENTO,

*Cavalleiro professo na Ordem de Christo, Moço
Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Capitão
de Dragões na Praça de Chaves, Ami-
go, e Patricio do Aulhor.*

ROMANCE HEROICO.

SUBI, fabio Escritor, ao celfo Solio
Dos Afros mais luzidos, e facundos,
Se à arte de equitar dais tanto augmento,
Como para louvarvos grande assumpto.
Sem sombra de censuras exaltai-vos,
Que ao voffo nome he breve theatro o mundo,
Se vos influe favor, luz ao dictamen
Hum Principe Real, Benigno, e Justo,
Taõ Regio, taõ Solar, e taõ Amavel,
Como Afro de Auftria, e Sol do Imperio Luso,
Que fazendo feliz a voffa estrella,
Fará, que se vos prestem altos cultos.
De Afuero nos refere a sacra Historia,
Que para a Mardocheo dar mayor lustro
Nas honras, com que amante o decorava,
O fez montar seu espumante bruto:
E o mesmo, ou mais dirá a chara Lyfia
Do noffo pio Rey, Heróe augusto,
Se em tudo tanto excede a Afuero,
Como a Mardocheo vós tambem em tudo.
Na Real presença pois da voffa arte
As normas reduzistes taõ astuto
A' pratica, que a todos admirastes
Na douta execuçãõ com gofio summo.

Se os barbaros de Irta à falsa Hypona
 Renderão culto, bem que falso, e injusto,
 Por Deosa tutelar do exercicio
 De equitar tão nobre, grato, e pulchro;
 A hum Pona, como não os Portuguezes
 Daraõ adorações, obsequios puros,
 Seu Numen respeitando na sciencia,
 E ao Regio esplendor, que lhe dá lustro?
 Confesso merecerdes tudo isto,
 Se nas lições do vosso instituto
 Fazeis, que o estudo seja agradavel,
 Sendo aliàs odioso todo o estudo.
 De Orpheo a lyra já não attrahe montes,
 Pois vós de Traz dos Montes parto summo
 A tudo encantais com vossa penna,
 E com a discrição atrahis tudo.
 Tambem de Phaetonte o precipicio
 Undoso, que sentio no patrio curro,
 No nosso Hemisferio hoje cessara,
 Por vossa mão de redea certa em tudo.
 Aquelle Cavalleiro por incauto
 De Phebo aos Cavallos deu sepulchro;
 Mas vós aos do Rey nosso a vida déstes,
 Quando lhe influistes vossos estatutos.
 Que muito pois, que assim em os volumes
 Discreto a todos utilizeis muito,
 Se até aquelles brutos delles ficaõ
 Mais fabios, mais vistosos, mais agudos?
 Que muito que a perder de vista fique
 O Cavallo Arion do Deos Neptuno,
 Se de vós a doutrina he verdadeira,
 E de Arion o ensino incerto ao mundo?
 Esconda Aquilles seu Castor, e Xanto,
 E de Cylaro o nome fique occulto,
 Plutaõ, Nerencio, Admeto a fama ponhaõ
 Do Dicto Rebo, e Tride em o obscuro.
 Pois quem, como eu, tem visto os Cavallos,
 Que nas vossas lições tem feito estudo,
 Não tem outros que ver, e só lhe resta
 Tomar os vossos literaes influxos.

A esta gloria porém, que aqui pondero,
E dos vossos dictames certo fruto,
Melhor verá quem vir em este livro
A vossa grata norma, ensino agudo.

Se dos fallazes Deoses foy Pandora
Prodigio singular, assombro instructo
De taes perfeições, como obra de taes Deoses,
Em que se empenhou o seu concurso;

Que direy deste livro, illustre Pona,
Em que parece houve o alto influxo
Do verdadeiro Apollo das sciencias,
Com que será primeiro sem segundo?

Do Duque Neucastel tive as lições;
Em que preceitos vi muito seguros,
Do famoso Jordaõ segui a Escola,
De Pluvinel tirey conceitos muitos:

Tambem de Guernier as instruções
Objecto foraõ sempre ao meu estudo,
E do Sonier insigne os documentos
Reconheci por doutos, e inconcussos.

Destes sabios Varões, heroes preclaros,
Que a fama fez eternos neste mundo,
Monarcas, e outros Grandes aprenderaõ,
Porém ficaraõ ignorando muito.

Mas hoje Portugal em esta Arte,
Que novamente dais para os Alumnos,
Lucrando ficará até aquillo,
Que àquelles Heroes grandes foy occulto.

Affim com alta dita se desprezem
Já de Pomóna os factos mais fecundos,
Pois de vós, Pona, a penna nos escreve
Nesta arvore folial melhores frutos.

E affim conhece minha experiencia
No exercicio desta Arte, em que me occupo,
E a fallar a verdade reconheço,
Que a tudo satisfez vosso discurso.

Entenda pois affim o Reino todo,
E saiba o Cavalleiro mais robusto,
Que se entrar, e sair quizer airoso,
Nesta Arte a porta he franca, e certo o lustro.

Se houve hum Dom Fernando Rey de Napoles,
Que ao seu Cavallo deu nobre sepulchro:
Que excellencias dará ao seu Cavalleiro
Taõ Pio Rey, Monarca taõ Augusto?
Bem que não podeis ter mayores ditas,
E melhor eminencia neste mundo,
Que o serdes taõ bem visto, e attendido
De hum Principe taõ Regio, Charo, e Justo.
Porque o mesmo he mostravos graça,
Que do seu Real peito obterdes tudo,
Se excede a Alexandre nos favores,
E ao Imperador Tito no jucundo.
Tudo isto mereceis tambem por filho
Do douto Paiva e Pona taõ astuto,
Que além de amparar orfãos com seus livros;
Mostrou ser o melhor Jurisconsulto:
A quem os Tribunaes rendem obsequios,
E Themis confagrou devidos cultos,
Que a vós quasi igualmente são devidos
Por traduzirdes seus legaes discursos:
No que mostrastes ser seu semelhante,
Como de boa arvore bom fruto;
Mas vós mais mereceis para a paz dando
Normas, e para a guerra inventos summos:
Pois taõ seguros são vossos dictames,
Como este Manejo he, para os triunfos;
Que por isto será do Orbe assombro
Em os presentes tempos, e futuros.

IN LAUDEM AUCTORIS
de Arte Equestri.

EPIGRAMMA.

Dicere si laudes cogor, laudare supremas
Lingua nequit, tenui carmen ab ore fugit:
Altius evehitur, quam possit lingua referre,
Mensura tanti nominis æquat opus.
Ipse tu proprias includis nomine laudes;
Si tua te laudant, plus tibi laudis erit.

Fecit Doct. Emmanuel Pires Velasq.

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

Approvaçãõ do M. R. P. M. Fr. Joseph de Santa Rosa Teixeira, Religioso da Terceira Ordem da Penitencia, e Qualificador do Santo Officio, &c.

ILLUSTRISSIMOS SENHORES.

POR ordem de Vossas Illustrissimas vi o livro intitulado *Manejo Real sobre a Arte da Cavallaria*, composto por Joseph de Barros Paiva e Moraes Pona, Cavalleiro professo na Ordem de Christo, e Monteiro mór da Comarca de Villa Real, e nella naõ achei cousa alguma contra os dogmas da nossa santa Fé, e os bons costumes, mas sim que admirar a respeito da erudiçãõ, e vasta noticia, naõ só especulativa, mas tambem practica, e experimental de seu Author na materia de que trata, muito util sem duvida a todos, os que quizerem occuparse no exercicio de taõ nobre Arte: motivo, porque julgo ao Author digno de se lhe permittir a licençã que pertende. Este o meu parecer em tudo subordinado ao de Vossas Illustrissimas. Convento de Nossa Senhora de Jesus de Lisboa, 29 de Janeiro de 1761.

Fr. Joseph de Santa Rosa Teixeira.

Vista a informaçãõ, pôde-se imprimir o livro, de que se trata, e depois voltará conferido para se dar licençã que corra, sem a qual naõ correrá. Lisboa, 30 de Janeiro de 1761.

Trigoso. Silveiro Lobo.

DO ORDINARIO.

*Approvaçãõ do M. R. P. M. Fr. Bento Cardoso
Castellobranco, da sagrada Ordem dos
Prégadores, &c.*

EXCELLENT. E REVER. SENHOR.

O Nobre assumpto do *Manejo Real, e Escola moderna da Cavallaria da Brida*, que discorre Joseph de Barros Paiva e Moraes Pona, que V. Excellencia me manda examinar, he hum argumento digno de todos os Principes, e de todos os Cavalleiros. Esta arte, da qual nasa grada Escrirura se faz em muitos lugares mençaõ, foy inventada na opiniaõ de huns por Bellerofonte; outros querem que Hyponio filho de Glauco Rey de Epyro fosse o seu primeiro Author, e outros com mais fundamento a querem attribuir aos famosos habitadores de Nephele: seja o que for, o certo he que naõ saõ precisas semelhantes tradições para credito da sua veneranda antiguidade, quando authenticamente nos consta que ella se praticava já no tempo de Moysés, aonde vimos o formidavel Exercito de Faraó, e o respeitavel Corpo dos Israelitas, entre os quaes os seus respectivos Capitães governavaõ a Cavallaria pelos preceitos desta arte. Eu naõ quero entrar aqui na impertinente questãõ, que entre os eruditos he problematica, de terem, ou naõ terem as artes nos seus principios toda a sua perfeiçaõ, todo o primor, e toda a delicadeza de que se acha hoje revestida pelos seus professores modernos; mas a razãõ persuade com toda a força, que os Cavallos Egypticos, ou já para soffrer ao homem, ou para seguir aos Israelitas, e finalmente para evitar os estragos dos inimigos, e para o manejo que praticaraõ, lhes era preciso que primeiro fossem domesticados, para soffrerem o incommodo dos homens sobre si; e que igualmente tivessem sido desembaraçados, e promptos, ou já para partir, ou já para parar, por-

porque sem estas lições da Cavallaria, e outras mais que o Author desta Arte, extrahidas dos melhores Authores della, descreve neste seu livro, não podiaõ aquelles Brutos estarem habeis para os movimentos de huma tão dilatada campanha, sendo tão diversas as marchas, e os terrenos, quantas foraõ as mansões, ou acampamentos que tiveraõ os dous Exercitos, desde a Corte de Faraõ até o mar Vermelho. Por esta razão devem ser estimados, e dignos do agradecimento da Patria, e dos Principes, todos aquelles Authores, que ou traduzem, ou illustraõ à força do trabalho da sua especulaçãõ, e das suas experiencias huma arte tão importante para a defeza dos Estados. O distincto merecimento de Cebal Picador, e Mestre de Dario, e do famoso Absirte foy coroado, hum com a immortal memoria da sua destreza, não cessando a fama em o applaudir, e outro com as muitas honras de Constantino, nunca fatisfeito em o premiar. De Xenofonte, que entre os Filozofos foy o primeiro que escreveu historia, se lê no seu terceiro livro, que elle conseguira a amisade de Cyro o Menor por intervençãõ de seu amigo Proxeno, conseguindo igual privança com aquelle Principe, não só porque como discipulo de Socrates foy hum Varão ornado de muita sciencia, mas o mais experimentado na arte da Cavallaria, e disciplina militar da guerra, e da caça. Desde este tempo acho os primeiros escritos da arte da Cavallaria, sendo Xenofonte entre os Persas o que primeiro escreveu, e Simaõ entre os Gregos; Athenas querendo mostrar-se agradecida a este grande Mestre, que pelas lições da sua arte os fez tão respeitados na guerra, lhe mandou levantar huma estatua de bronze a cavallo, esculpindo na sua baze todas as suas obras. Sendo pois esta arte tão digna, os seus Discipulos tão nobres, e os seus Mestres tão memoraveis, e tão respeitados, que posso eu dizer, senaõ trocar a censura em louvor, e agradecimento de Joseph de Barros Paiva e Moraes Pona, primeiro Escriitor entre os Portuguezes, que com mais polidez, e mais trabalho, com estylo mais claro, e mais concludente soube ordenar, e dispor os preceitos de huma arte no seu exercicio tão precisa para se

conservar, e augmentar a robustez dos homens para a guerra, e disciplinar os Cavallos, de que ella precisa? Sou de parecer que a Patria lhe levante huma estatua, como fez Athenas ao seu Simão; Vossa Excellencia mandará o que for servido. S. Domingos de Lisboa, 18 de Fevereiro de 1761.

Fr. Bento Cardoso de Castellobranco.

Vista a informaçõ, pôde-se imprimir o livro de que se trata, e depois de impresso, e conferido torne. Lisboa 18 de Fevereiro de 1761.

D. J. A. de Lacedemonia.

DO PAÇO.

Approvaçõ de Henrique Garcez Palha de Almeida, Coronel do Regimento de Dragões de Aveiro, &c.

S E N H O R.

V I por ordem de V. Magestade o livro intitulado *Manejo Real, Escola moderna da Cavallaria da Brida*, que compoz Joseph de Barros Paiva e Moraes Pona: e com razãõ lhe dá o seu Author esse titulo, por ser esta Arte da Cavallaria a mais propria para se exercitarem os Principes, e à sua imitaçãõ todos aquelles que aspirarem a ser illustres na defeza da Patria. Sem ella se naõ considera nobreza na Republica, se bem entendermos a mente da nossa ley do Reino na Ordenaçãõ l. 4. tit. 92. §. 1. por modo tal, que assentou Baldo interpretando o Jurisconsulto Cayo na ley 8. ff. *ad legem Aquilianam*, que naõ deve montar a cavallo quem

quem nesta Arte não for perito; e por esta razão nega-
raõ as leys Civis este exercicio Equestre aos rusticos,
como lemos na Glosa da ley *Idem quoque ff. mandati*, per-
mittindo-o só aos nobres; motivo porque aquelles a
quem concediaõ os anneis de ouro, os constituaõ logo
Cavalleiros, como trazem os DD. que interpretaõ a
Ulpiano na ley penultima *ff. de jure annullorum aureorum*.

Certamente li, e admirey este livro com igual atten-
çaõ ao gosto que tive de vello; porque indagando-lhe a
exposiçaõ da materia, que se faz muito mais perceptivel
pela clareza, e engenho, com que o seu Author nella
discorre, lhe descubro muitas cousas novas, singulares,
e exquisitas, que o fazem digno de toda a estimaçaõ,
e applauso; como na realidade o saõ aquellas bem deli-
neadas figuras igualmente uteis, e necessarias, já para
melhor intelligencia de suas expostas doutrinas, já pa-
ra a mais perfeita execuçaõ dos manejos respectivos,
que devem ensinar-se aos Cavallos até os pôr magistral-
mente em curvetas, e capriollas; sendo do mesmo mo-
do utilissima, e necessaria esta liçaõ para exercicio do
valor daquelles, que intrepidamente devem entrar, e
sahir na justa medida das linhas, de que se compoem o
circulo, o quadro, a meya volta, e a pirueta; pois he
a boa intelligencia destas partidas, indispensavelmente
precisa, para que os valerosos Cavalleiros militares pos-
saõ com igual ligeireza, acerto, e prudencia conseguir
as desejasdas vitorias em as debatidas emprezas da guer-
ra, como bem ponderou D. Joaõ Vannicelli na sua *Ar-
te de Cavallaria illustrada*, que compoz sendo Comissa-
rio geral della na Provincia de Alentejo; e nos deixou
quando pelo Pontifice Alexandre VII. foy chamado pa-
ra General das suas Armas, a tempo que o era do Al-
garve.

Porém o Author deste livro de tal modo unio o util
da materia com o doce da fraze, e claro estylo com que
no la propoem, que engenhosamente faz com que ain-
da os preceitos mais reconditos desta altissima Arte se-
jaõ facilmente perceptiveis até aos homens de mais cur-
to engenho; e não obstante haver extrahido as regras,
que nos offerece de Pierre de la Nouve, e de Pluvi-
nel,

nel, a quem cita, e segue Newcastle, que indubitavelmente foraõ os Authores, que melhor escreveraõ as lições mais acomodadas para adiantar os Potros, e unir os Cavallos; com tudo o Author as explica com tal clareza, as modera, e adiciona com taõ facil percepção no nosso idioma, que com razaõ lhe ficamos devendo muito mais a elle pela fórma, do que a esses Authores, ainda que mais antigos, pela materia; podendo dizer com Valerio Maximo: *Multa egerunt, & senserunt qui ante nos fuerunt, sed non peregerunt.*

São estes animaes creados, como todos, para o serviço dos homens, como consta do Capitulo primeiro do Genesis, dotados em cada huma especie dos meyo conducentes para o fim para que foraõ creados; porém porque a estes o Author da Natureza os creou principalmente para nelles se conseguirem as vitorias na defeza das Coroas, e restauração das Monarquias, os dotou especialmente de huma capacidade tal para o ensino em ordem à generosidade, e ligeireza, que não duvidou Antonio de Sousa de Macedo na sua *Lusitania liberata*, seguindo a Plinio, assentar, que os Cavallos nascidos em Troya eraõ filhos dos ventos; e nas sagradas letras os contempla com azas S. Joã no seu Apocalypse; propondo-se aos olhos do mundo este animal por symbolo da generosidade na carroça de Ezequiel.

Este ensino pois de hum animal creado por Deos para aquelle utilissimo fim, não menos de que para segurarem, e estabelecerem os Imperios do mundo, de tal sorte o facilita o Author desta Obra, que todos os professores desta nobilissima Arte lhe devem de justiça tributar obsequios, sendo pequenos todos os elogios em final da devida gratidão a taõ eruditos documentos; pois com elles, facilitando-se a todos a arte da Cavallaria, poderaõ todos conseguir a especialissima honra de Cavalleiros Militares, que sem esta douta Arte lhe seria mais difficultosa; cuja dignidade, a baixo da Regia, he a mayor que o mundo reconhece em todas as idades.

Em todo o mundo, e em todo o tempo foy a Milicia Equestre a que por força desta Arte conquistou os Imperios, estabeleceo, e defendeo as Monarquias: sempre

pre os Cavalleiros Militares foraõ os que aos Principes Soberanos lhe conservaraõ a Coroa, e fizeraõ formidavel o Cetro; e por isso em todo o tempo, e em todo o mundo foraõ os Cavalleiros nos Imperios naõ só por primeira columna de sua estabilidade os mais uteis, e respeitados Soldados, mas por força da mesma Arte, como baze estavel das Monarquias declarados, e reconhecidos na primeira Nobreza; sendo os mesmos Principes os primeiros, e principaes professores desta Arte em tudo preclarissima.

Os Romanos tinhaõ por taõ elevada a dignidade da Cavallaria militar, que ella era immediata depois da Regia dignidade Senatoria, assentando Alciato liv. 3. cap. 4. column. 3. serem tres os grãos unicamente do povo Romano, a saber: Senadores, Cavalleiros, e Povo, de que Justiniano fez hum unico titulo, e huma unica ley no seu Codigo tit. 32. de *Equestri dignitate*, em que declara aos Cavalleiros em segundo grão de Nobreza, abaixo do Consulado.

Igualmente se discorre dos Cavalleiros generosos, e preclarissimos das Hespanhas de Alcantara, e Calatrava, de que trata Polid. Virg. liv. 7. cap. 5. de *inventoribus rerum*, Mariz de *varia Historia* Dialogo 2. cap. 8. os invictos Cavalleiros de Santiago de la Espada de que trata Fort. Garcia in *Concilio pro militibus Divi Jacobi*, os quaes floreceraõ desde o tempo de Ramiro Rey de Hespanha, governando a Igreja Alexandre III. no anno de 1180, como nota Genebrardo na sua Chronologia. Aquelles grandes Cavalleiros de Aviz de que trata Fr. Manoel Rodrigues na questãõ 5. art. 6. tom. 1. *Questionum regularium*.

Pedro Calefat de *Equestri dignitate* n. 27. diz: Os Cavalleiros invictos da Ordem de Christo preclarissimos neste Reino instituidos por ElRey D. Diniz, cujo assento he o Convento de Thomar; sendo o nosso Invictissimo Rey o seu primeiro Cavalleiro, e Graõ Mestre; Mariz dialogo 3. cap. 1. Duare Nunes de Leaõ na Chronica do dito Rey D. Diniz.

Os Cavalleiros Militares de Inglaterra chamados Teutonicos, de que trata Torniello nos seus *Annaes Eccle-*

clesiasticos anno de 119: as portentosas Cavallarias do Reino de Aragaõ chamadas de la Montesa, de que trata Miranda no Art. ult.

Estes pois digo, em quem se não pôde descobrir pelas historias dos tempos se são mais os privilegiados, que as façanhas; estes Cavalleiros Soldados, em que he igual a heroicidade das obras com o supremo grão da dignidade, e respeito a que subiraõ, tudo adquiriraõ, tudo alcançaraõ, e tudo mereceraõ pelos bem executados preceitos desta Arte, que pôde com os seus dictames fazer proporcionar as acções, que obraraõ com valor de cada hum delles.

Que catalogo não poderiamos fazer dos Cavalleiros de França, a quem chamavaõ os Soldados dourados, como tambem aos Cavalleiros a que chamavaõ Pios, por terem criados pelo Pontifice Pio IV. aquelles Soldados de S. Pedro, e S. Paulo de Roma, como tambem os de S. Lazaro, os de S. Gregorio, do Loreto enriquecidos de tantos privilegios, quantas eraõ as gratificações, de que os consideraraõ dignos os Pontifices Romanos, como continua o mesmo Calefat no n. 35.

Não devo esquecerme daquelles eximios Cavalleiros Florentinos chamados de Santo Estevaõ, cuja militia foy instituida por Pio IV. ha duzentos annos no de 1561 para o fim da conversão da Fé catholica, sendo seu Graõ Mestre o Duque de Florença.

Que diremos das Cavallarias Hospitalarias, que tiveraõ felicissima origem debaixo de Gelasio II., e reinando Balduino III. no anno da creação do mundo 5206, e da vinda do nosso Redemptor 1118, os quaes depois da destruição dos Cavalleiros Templarios debaixo de Clemente V. se passaraõ para a Ilha de Rhodes, que tinhaõ tomado aos Turcos, onde por duzentos e quatorze annos executaraõ façanhas taõ dignas de peitos taõ valerosos, que foraõ respeitados por todo o mundo, como nota o Cardeal Baronio, Gordono, Gualterio, e Genebrardo na sua Chronologia liv. 4. anno 1309; de cuja Ilha expulsados por Solimaõ II. Rey dos Turcos em dia de Natal do anno de 1522, se recolheraõ para a Ilha de Malta aonde hoje se conservaõ?

Essa illustríssima milicia dos Cavalleiros do Tuzão de ouro, que foy instituida por Philippe Conde de Borgonha em desempenho da publica alegria do feliz matrimonio, que contrahio com a Sereníssima Infanta D. Isabel, neta do felicíssimo Rey de Portugal D. João o I. cujo numero de Cavalleiros, sendo na sua creação sómente cincoenta, depois o Imperador Carlos V. lhe augmentou o numero, e pela sua successão para os Reys de Hespanha na sua primeira institução no anno de 1546, aonde muitos Principes Hespanhoes, e Estrangeiros se alistaraõ.

A proposito nos devem lembrar os Cavalleiros Francezes da Milicia de S. Miguel instituida por Luiz II. Rey de França, em que só se costuma alistar os Magnates daquelle Reino, como tambem os Cavalleiros da Estrella do mesmo Reino, chamados deste nome, por trazerem huma Estrella bordada por divisa no vestido, de cuja milicia foy Protector o Cavalleiro João Rey da mesma França no anno de 1330; em cuja Milicia só se admittiaõ os Principes, e Illustres, como trata Genebrardo, e Borgon. nas suas Chronologias sobre o dito anno.

Naõ são para esquecer aquelles Cavalleiros de Inglaterra, cuja Cavallaria foy instituida por Eduardo III. Rey daquelle Reino, dedicada a S. Gregorio no anno de 1348, que constava de vinte e seis Cavalleiros, dos quaes o mesmo Principe era Capitaõ, e Mestre, usando de manto azul com huma Cruz bordada de ouro, e pedras preciosas, com humas letras circulares em lingua Franceza, que diziaõ no nosso idioma: *Deve-se vituperar aquelle mal imaginar*, como nota Genebrardo na Chronologia do dito anno de 1348. Polidoro liv. 19. da Historia de Inglaterra.

Em fim seria hum processo infinito trazer à memoria as honras, que a Arte da Cavallaria tem adquirido aos homens, sendo os Principes os primeiros Professores, e Mestres della: está cheyo o Direito dos seus louvores, como fallando dos Cavalleiros Rodoenses o lemos em o Direito Canonico *in cap. cum deplantare in principio* & *in §. penult. in cap. porro 7.* & *in cap. patentibus 10.*

de

de privilegits, e não menos na nossa Ordenação liv. 5.
tit. 120. confundindo-se entre os Escretores as dignida-
des com as proezas. Em fim he huma Arte, que con-
vidando pelo seu elevado objecto da defeza do Reino,
e da Igreja aos que são Principes para que a executem,
chega a fazer Principes aos que o não são.

Por esta razão me parece, como acima digo, ser
propriissimo o titulo deste livro, o qual por não conter
cousa alguma, que se opponha ao bom regimen da Re-
publica Politica, e Militar, antes por ser Obra muito
util ao bem commum, me parece digna da Real atten-
ção de V. Magestade, e por consequencia o seu Au-
thor, para se lhe facultar a licença que pede. Sobre tu-
do porém V. Magestade mandará o que for servido.
Quartel de Belem, 3 de Abril de 1761.

Henrique Garcez Palha de Almeida.

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo
Officio, e Ordinario, e depois de impresso tor-
narà à Mesa conferido para se taxar, e dar licen-
ça para correr, sem a qual não correrá. Lisboa, 10 de
Abril de 1761.

D. Velho. Castello. Siqueira.

Póde correr, visto estar conforme com o original.
Lisboa, 11 de Fevereiro de 1763.

Trigoso. Lima.

Póde correr. Lisboa, 16 de Fevereiro de 1763.

D. J. A. de Lacedemonia.

Que possa correr, e taxaõ em oitocentos reis. Lis-
boa, 17 de Fevereiro de 1763.

Com seis Rubricas.

Car.

*Carta do Bispo de Pernambuco escrita
ao Author.*

A Estimação que fiz sempre do Senhor seu Pay, e
Irmaõ, e a boa amisade, que tive com o Senhor
Joseph Teixeira Prior de S. Pedro em Monforte, e as honras, que de V. m. recebi em Bragança: são motivos muito fortes, para estimar muito esta lembrança, que V. m. teve de mim, nesta sua de 5 de Novembro de 1761.

E me alegro muito, que V. m. tanto se aproveitasse na nobre arte de Cavallaria, que chegasse a ver approvadas por Sua Magestade as producções de seus estudos, no livro, que se imprime. Bem me lembro eu, de ouvir lá por Miranda, e Bragança, que sendo V. m. naquelle tempo, como era, de corpo delicado, que ninguem domava hum Cavallo, e o reduzia aos preceitos da arte, como V. m.: e via que V. m. era tido, e havido pelo melhor Cavalleiro da Provincia.

Porém agora vejo, no que V. m. me diz, que do melhor Cavalleiro passa a Mestre de arte taõ nobre, compondo Arte propria para os Cavalleiros tomarem as tuas lições; naõ só fóra, mas no Real Collegio das Artes. Tenho hum grande prazer de que o seu nome, e magisterio, se faça taõ venerado em toda a parte; pois semelhantes livros são logo procurados por toda a Nobreza, que professa Cavallaria.

Já o illustre appellido de *Pona* andava impresso, e muito estimado nos doutos escritos, que ainda em vida compoz, e divulgou o Senhor Desembargador seu Pay: e agora se augmenta essa gloria na sua posteridade, vendo-se como hereditaria de pay a filho, a boa applicação às letras, e aos livros, com se ver reproduzido o mesmo *Pona pay*, nas producções do *Pona* filho.

Hey de estimar muito, que Sua Magestade se agrade do livro, e que o faça praticar no novo Collegio das Artes; para que nenhum Estrangeiro nos venha roubar essa gloria: e nós a tenhamos, vendo estimados os en-

genhos da nossa terra. Ainda que o nosso Sá de Miranda me parece dizer, não sey aonde, mas a este respeito, como achaque da nossa Nação:

*Se algum estranho à terra vem,
Dizeis todos em geral:
Aqui não chegou ninguém,
Mas do nosso natural
Nada vos parece bem.*

Por isso, se Sua Magestade approva o livro, só elle poderá sublimar ao seu Author, com hum bom despacho: a que já abriu caminho à esperança nas duas mercês de officio, e beneficio.

Hey de estimar todas as suas felicidades com o logro de huma perfeita faude em largos annos, para os empregar, como emprega, nas suas composições, em beneficio do Publico.

Eu, pela bondade de Deos Nosso Senhor tenho passado neste Pernambuco com boa faude: he o clima mais benigno para os velhos, do que são as nevoas, e calmas de Mirandella; e toda a mais Provincia Transmontana: pois aqui falta o frio, geadas, e neves, com que lá são os velhos perseguidos, e os calores, com que ao longe se faz horrivel a Zona torrida, são aqui modificados com as continuas virações do mar. Mas todavia, me não esquecem esses defabridos frios, e calores do Bispado de Miranda, e Bragança, donde parti, e vivo muito saudoso.

Sempre fico muito prompto para servir a V. m. a quem Deos guarde muitos annos. Olinda, 12 de Agosto de 1762.

Senhor Joseph de Barros Paiva Moraes e Pona.

De V. m.

Servo muito muito antigo, e muito affectuoso

E. Bispo de Pernambuco.

Noticia de D. Antonio Pluvinel, Mestre del-
Rey Luiz XIII.

DOm Antonio Pluvinel Gentil-homem do Del-
finado, foy o primeiro que abriu para a No-
breza de França aquellas Escolas de destreza,
e cortezia, que chamaõ Academias, que antes hiaõ bu-
scar à Italia para sua instrucção. Adquirio o sobredito
em o Reino de Napoles na Academia de Joaõ Bautista
Pinhatal tanta estimação, que foy tido delde esse tem-
po pelo melhor Cavalleiro que houve em Italia, tendo
sómente dezafete annos de idade. Henrique de França
Duque de Anjú o fez seu Estribeiro mór. Pluvinel se-
guiu a este Principe à Polonia, e foy hum dos quatro
que o acompanharaõ, quando voltou depois da morte de
Carlos IX. seu irmão: Henrique III. lhe fez grandes
mercês, e no seu Reinado formou Pluvinel na Acade-
mia que não pode executar até o Reinado de Henrique
o Grande, que o protegeo, e lhe cometteo a direcção
da sua principal Cavalharice. Este Principe o fez tam-
bem seu Camarista, e Governador do Delfim, e o man-
dou por Embaixador a Hollanda. Quando voltou foy
Governador de Cezar Duque de Vandoma, e conseguiu
o governo da grande Torre de Bruges. Por morte de
Henrique IV. ensinou a montar a cavallo a ElRey Luiz
XIII. Morreo em Pariz em 24 de Agosto de 1620. Com-
poz hum livro (1) excellente das lições que deu ao
mesmo Rey, o qual se póde chamar verdadeira Arte da
Picaria; do qual tirou parte das suas doutrinas o Author
deste livro, além de outras muitas que aprendeo nas
Academias de Sua Magestade Fidelissima, que foy ser-
vido fazerlhe a estimavel honra de mandallo subir nos
seus Cavallos, os mais bem instruidos em todos os ma-
nejos que póde haver; por serem ensinados pelo insig-
ne Bartholomeu de Aranda, Mestre das Picarias de El-
Rey Fidelissimo nosso Senhor, que lhe tem feito as
bem

(1) Morer, no Dicionario.

bem distinctas mercês do habito de Christo ; e a patente de Tenente Coronel da Cavallaria dos seus Exercitos com o exercicio de Ajudante das ordens do General, que tudo, e mais merece pela sua muita erudição, e grande capacidade &c.

ERRATAS.

- Pag. 16 Academicas, *lea-se* Academias.
Pag. 69 estado de lingua, *lea-se* estalo de lingua.
Pag. 72 até os filhaes, *lea-se* até os ilhaes.
Pag. 35 galoppear, *lea-se* galoppar.
Pag. 167 mistria, *lea-se* méstria.
Pag. 171 e o que fleumatico, *lea-se* e o fleumatico.
Pag. 172 o devem ter, *lea-se* o devem deter.
Pag. 175 que se não derrubar, *lea-se* que se não ha de derrubar.
Pag. 183 se deixem levar, *lea-se* não se deixem levar.
Pag. 200 de soltarlhe, *lea-se* de soltarlha.
Pag. 210 chama-se, *lea-se* chame-se.
Pag. 219 e fazendo o sua, *lea-se* e fazendo a sua.
Pag. 245 o não devem estranhar-se, *lea-se* e não devem estranhar.
Pag. 248 acobardamente, *lea-se* acobarda muito.
Pag. 271 a fol. 1. *lea-se* figura 1. n. 1.

INDICE

DO QUE CONTE'M ESTE LIVRO.

P A R T E I.

- Q**ualidades, que deve ter o Cavallo da guerra, pag. 10.
Methodo, que se deve observar nas Caudellarias, 12.
Medida regular do Cavalleiro, 16.
Como o Cavalleiro deve montar a cavallo, 20.
Advertencias ao Cavalleiro, 23.
Lição I. ao Cavalleiro, 28.
Lição II. 30.
Lição III. 31.
Lição IV. 32.
Lição V. 33.
Lição VI. 35.
Lição VII. 37.
Lição VIII. 38.
Lição IX. 38.
Lição X. 39.
Dos Manejos, 41.
Da volta em redondo, 41.
Qualidades que deve ter hum Picador, 42.
Aonde o Cavallo deve levar a cabeça, 46.
Modo de mandar os Cavallos, 50.
Uso dos cabeções, 51.
Do freyo, 55.
Do temperamento da mão da redea, 64.
Para ajudar ao Cavallo, 67.
Uso das espóras, 71.
Da vara, 77.
Para trazer o Cavallo à perna, 78.
Para ajudar ao Cavallo no ar das Curvetas, 80.
Balotada, 82.
Ajudas para os ares altos, e Capriolas, 82.
Como se poderá conhecer pelos movimentos do Cavallo o manejo a que se deve applicar, 85.
Do modo como se podem sentir os movimentos do Cavallo, 86.
Para prevenir a intenção do Cavallo, 89.
Desembaraçar o Potro, 93.
Dos Cavallos rebelões que repugnão, 94.
Tres causas porque os Cavallos não obedecem, 97.
Dos Cavallos que se empinaõ, 99.
Dos Cavallos que tiraõ couces, 101.
Manejo das cabeças, 102.
Manejo da Cruz, 104.
Como se deve fazer a escaramuça de dous fios, 106.

Como se haõ de correr as lanças da brida à fortilha,

110.

Como se deve tourear à Brida, 118.

P A R T E II.

Quaes sejaõ as feições, que fazem o Cavallo formoso, 131.

Das cores, e sinaes dos Cavallos, 136.

Dos sinaes brancos dos Cavallos, 140.

Dos rodopios bons, e máos, 144.

Como se ha de fazer a escolha dos Potros, 146.

De que idade se devem recolher os Potros, 151.

Como se haõ de conhecer as idades dos Cavallos, 152.

Como se devem ensinar os Potros antes de serem montados, 157.

Para recolher o Potro à estribaria, 159.

Para lhe pôr a sella, 160.

Do trote solto, 164.

Trote resolutivo, 165.

Montar o Potro, 166.

Primeira lição ao Potro, 170.

União do Cavallo, 179.

Dar passos atrás o Cavallo, 180.

Segunda lição para mandar o Potro, 181.

Parada do Cavallo, 184.

Trote unido, 186.

Trote igual, 187.

Avançada, 188.

Como se ha de ensinar a fazer os lados ao Potro, ou trazello à perna, 189.

Quarta lição como deve partir a volta, 195.

Quinta lição do quadrado, 200.

Sexta lição da volta inteira, 209.

Setima lição da meya volta, 215.

Piruetas, 220.

Figura em que deve passear o Cavallo depois de perfeito, 225.

Oitava lição para galopar o Cavallo, 226.

Nona lição sobre o ar das Curvetas, 236.

Decima lição para o salto, passo, e capriola, 241.

Supplemento, 246.

Dos cabeções, 248.

Uso do freyo, 251.

Novas instruções sobre o Regimento das Caudelarias, 279.

Advertencias para os Superintendentes, 284.

Advertencias para os Cavalheiros, 293.

I

MANEJO REAL,
ESCOLA MODERNA
da Cavallaria da Brida.

PARTE I.

P R O E M I O.

PAra haver de recopilar, e reduzir ao nosso vulgar idioma o Manejo Real, com que foy instruido El Rey Luiz XIII. de França por D. Antonio Pluvinel seu Estribeiro mór, e do seu Con- selho; sermeha preciso relatar as palavras, com que Sua Magestade Christianissima deu principio áquella obra, que traduzidas são estas: (1) *Eu não me contento de saber como Rey o uso, e sciencia da Arte de andar a cavallo, quero aprendello tanto quanto seja necessario para ser excellente nelle, e poder julgar de todos os que o exercitarem no meu Reino; e*

A *assim*

(1) Pluvin. *Manejo Real*.

assim, Senhor Pluvinel, dizeime, como principiaes a formar o vosso discipulo.

Para credito desta Escola lhe bastava a authoridade de o fer de hum tal Soberano; e para estimulo a todo o Cavalleiro, a consequencia das suas palavras, que manifestaõ o efficaz empenho, com que tomou Sua Magestade o nobre exercicio da Cavallaria.

A doutrina ferá a mesma, e mais ampliada com a de outros Authores, que depois escreveraõ em varios idiomas, e neste Epitome (ainda que muito resumida) mais ajustada à docilidade dos nossos Cavallos, e dos Andaluzes, de que actualmte nos servimos; cujos motivos me persuadiraõ a fazer publico este limitado Opusculo; pois ainda que pela parte com que entro nelle, o considere desprezivel, attendendo a outras circunstancias se fará apreciavel.

Disto alguma desconfiança tenho, porque na profissaõ da Arte da Cavallaria a gostosa pratica he o essencial instituto; com distincçaõ de outras, que theoreticamente començaõ. Para esta temos encontrado (bem para nossa desgraça) em todo este Reino omis-

saõ

da Cavallaria. 3

saõ culpavel ; porém como já hoje a vemos reprehendida , e incitada pelo soberano Exemplar do nosso Augusto , e incomparavel Monarca , cuja erudição (por singular) não só na Arte do hippodromo , mas em todas as mais scientificas póde dar lições , e documentos a todos os Alexandres , e Cesares do mundo ; aonde se deve observar como ley inviolavel o texto :

Componitur orbis Regis ad exemplum. (1)

Qualis Rector est civitatis , tales & habitantes in ea. (2)

Este pois tão superior , e magestoso incentivo affás he razão urgentissima para nos despertar da somnolencia , com que até agora se via ennevoada a estimavel Arte de ensinar , e mandar os Cavallos no exercicio do manejo em Circulo , em Quadrado , do Salto e passo , Meya volta , da Pirueta , Ballotadas , Curvetas , e Capriólas ; em cuja materia não consta , que escrevesse Cavalleiro algum no idioma Portuguez : e vendo esta tão grande falta , que prejudicava a todos os curiosos , e affeiçoa-

A ii dos

(1) Claudian. 4. hon. Consulatu. (2) Eccles. 10. 2. Prov. 29. 12.

dos de taõ relevante emprego; me incliney, e appliquey com mayor exacção a ver os Authores Estrangeiros, que trataõ desta faculdade ex professo; e ensinaõ com distincção o que deve saber o Cavalleiro (como tal,) e o que póde saber, se pretende ser homem de cavallo; porque a mesma differença ha entre sello, ou parecello; que entre bello, ou bom homem de cavallo.

Com justiça se dirá he bello homem de cavallo aquelle, que cahindo bem na sella, ajudado do seu bom ar, pareça bem. (1)

Bom homem de cavallo não póde dizerse senão daquelle, que ao menos saiba mandar os Cavallos com a gala, e perfeição, que manda a Arte.

A falta destes he para mim de huma summa desconfiança; porque como se poderá ensinar hum Cavalleiro, nem fazerse hum homem de cavallo, sem ter cavallos feitos, e ajustados em todos os manejos?

A ElRey Christianissimo tambem se lhe offereceo a mesma difficuldade, e a propoz ao grande Pluvinel; o qual lha confirmou, dizendo-lhe tinha feito algum; pois confes-

fan-

(4) Pluvin. fol. 4.

fando-lhe o particular , lhe exclue precisamente o commum.

Nos picadeiros deste Reino se poem hum menino em hum potro mais menino , do que elle ; isto impossibillita a verdadeira lição , e sem grande intimativa se deixa bem perceber , conhecendo quam difficultoso he coadunar dous extremos taõ remotos , como hum menino , e hum potro : o que se faz muito culpavel nos Picadores , e para mim nasce de o naõ entender melhor , ou de fazer pouco caso da sua obrigaçãõ ; pois que apreço poderá fazer hum Cavalleiro de executar huma doutrina , em que vê lhe naõ corresponde o fruto , que espera? Manda-lhe o Mestre , que execute isto , ou aquillo , que dê esta , ou a outra ajuda ao Cavallo : este naõ sabe , nem a entende , e assim naõ obedece , nem o Cavalleiro comprehende taes ajudas , nem tal modo de mandar ; porque naõ vê as consequencias , que deviaõ segurarallo : sendo esta a principal causa , que eterniza os Cavalleiros na Picaria com o infeliz successo de ficarem taõ ignorantes , como principiairaõ ; porque a gala , e ajuste , que o Cavalleiro deve conservar em todos os

6 Manejo Real

manejos não póde adquirirse, senão tomando lições em Cavallos ajustados, que lhe correspondaõ igualmente.

Este he o meu conceito, por ser o em que considero a mayor falta; e assim fallarey com mais individuação sobre o manejo, e o que pertencer à sua doutrina, em esta nova Escola da Brida.

He bem verdade, e sem questaõ de duvida, que a Arte da Cavallaria he recreação entre todas a mais Regia, como affirma a Escriitura sagrada; (1) e por isso foy sempre estimada, e seguida de todos os Principes da Europa.

Em certa occasiaõ pediraõ a El Rey Gello, que dançasse, e elle montando a cavallo destramente respondeo, que este, e não aquelle era para os Monarcas o mais digno emprego.

Se El Rey Nosso Senhor (por alegrar o Povo) quizer fazer publicos os seus divertimentos, em nenhum outro se mostrará mais decente, que domando brutos, com força, e arte: esperar hum Touro, e mandar hum Caval-

(1) Esth. cap. 6. v. 11. 15. 16. Job. cap. 39. 3. Reg. cap. 10. lit. G.

Cavallo, motiva admirações, confirma repetidos, porque inferem os Vassallos, que bem resistirá aos inimigos assistido de exercitos valor, que por si só se oppoem à ferocidade de hum bruto, e que melhor regerà subditos obedientes Arte, que enfreya potros indomaveis.

Da valentia del Rey D. Joaõ II. foy indicio certo esperar intrepido em Alcochete a furia de hum Touro; da prudencia del Rey D. Duarte testemunho evidente correr em hum Cavallo sem os precisos arreyos; e o Senhor Rey D. Pedro II. nestas provas excedeo a ambos, qualificando-se superior nas forças, e no admiravel engenho; em que deixou dignissimo exemplo ao nosso Inviçto, Augusto, e Fidelissimo Monarca o Senhor D. Joseph I., unico sem segundo, e superlativo a todos, tanto na especulação theorica, como na execuçaõ practica, em que como illustre Aguia tem esgotado todas as luzes da scientifica Arte da Cavallaria com abatida inveja de todos os Monarcas do mundo, e immortal gloria dos seus fieis Vassallos, que lhe devemos repetir com plausiveis jubilos o Epinicio:

Ter-

*Terga premebat equi spumantia que ora vegebat ,
Admisso doctus subdere calcar equo :*

Devem porém os Principes exercitar-se com cautela , por não arriscar a vida , de que dependem tantas.

Basta ostentar a fortaleza , e a galhardia ; basta manifestar a Arte , e o engenho , sem que a evidencia do perigo faça temoroso o festivo espectáculo , receando os circunstantes igual infortunio , ao que na mortal queda do Principe D. Affonso chorou Portugal com irremediaveis lamentos ; como Troya na delRey Agenor ; e na delRey Fulcon sentio Jerusalem ; na delRey Seleuco Syria ; na delRey Bella Ungria ; na delRey Henrique , e na do Principe D. Philippe França ; e na delRey D. Joã I. Castella.

Louvores com que a Escriitura sagrada engrandece o Cavallo.

NUnquid præbebis equo fortitudinem , aut circumdabis collo ejus hinnitum ? Nunquid suscitabis eum quasi locustas ? gloria narium ejus terror. Terram ungu læ fodit , exultat

tat audacter: in occursum pergit armatis. Contemnit pavorem, nec cedit gladio: super ipsum sonabit pharetra, vibrabit hasta, & clypeus. Fervens, & fremens sorbet terram, nec reputat tubæ sonare clangorem. Ubi audierit buccinam, dicit: Vahi, procul odoratur bellum, exhortationem ducum, & ululatum exercitus.

Estas as palavras do Texto sagrado, que o Doutor Lyra glosou, dizendo as maravilhas, que o Author da natureza obrou no Cavallo: que he admiravel na fortaleza, levando sobre si hum homem armado: he admiravel no coito, porque com as crinas se excita a elle, e cortadas se lhe diminue a potencia: he admiravel na ligeireza, porque voa por salto como o gafanhoto: he admiravel na ousadia, porque se gloria com os terrores da guerra, escava a terra desejando a peleja, e vay contra os homens armados animosamente: soaõ sobre elle as aljavas, lanças, adargas, e havendo-se de desanimar, se embravece fervendo em colera, e rugindo como leaõ sobre a terra, e a desfaz na carreira: a trombeta o esforça, que atemorisa aos outros brutos: ouvindo instrumentos de guerra, dá sinaes de alegria pe-

la preparaçãõ, e vozes dos inimigõs, e as exhortações dos Capitães.

Qualidades, que deve ter o Cavallo, que houver de servir na guerra.

PAra que o Cavallo nas funções da guerra seja o instrumento da vida, e liberdade de seu senhor, e não da sua morte, ou da sua prizaõ; será necessario instruillo nos manejos, que lhe são mais proveitosos, e não em aquelles, que lhe prejudicar; e assim farey aqui huma breve relaçaõ da sua melhor estatura, e das mais circumstancias.

Primeiramente deve o Cavallo para a guerra ter seis quartas e meya, que assim será mais facil de montar, e desmontar em caso necessario; e regularmente vemos serem estes mais ligeiros, do que os Cavallos grandes, que são dotados de menos espiritos.

Deve ter o pello murzello, ou castanho escuro, e não branco, ruço, ou lazaõ claro; pois estes se divisaõ de longe, e estão mais expostos ao perigo das balas.

Deve ser descarnado das canas das mãos, e pés, que assim será mais ligeiro para acometter, e retirar em caso necessario.

De-

Deve ter as queixadas não muito grossas , e carnudas , para que não faça grande pezo na mão ; e que esteja bem enfreado , e gostoso do freyo ; e este que tenha as cambas curtas , para que possa beber com mais facilidade em pouca agua.

Deve ter boas pernas , e bons cascos , de boa qualidade , para que possa aturar desferrando-se no combate.

Que avance prompto , que páre obediente , e corra ligeiro , para acometter , ou retirar , quando o caso assim o pedir.

Que seja resolutto , e prompto a voltar sobre ambas as mãos , de passo , trote , e galope.

Que não seja costumado a fazer curvetas , nem outros manejos detidos , que são damnosos para a guerra.

Deve entender bem a perna , e com obediencia a ella.

Deve soffrer as espóras , e entendellas , para sahir a diante.

Deve-se costumar ao fogo das pistollas , para que esteja socegado ao disparar dos tiros.

Devese-lhe fazer , que não tome medo

a passar por huma fogueira , e que salte hum valado , ou regato pequeno , aonde se costuma ensinar.

Deve entrar na agua , e passar qualquer rio sem receyo.

Que não se affombre , ainda que lhe dem alguma pancada no focinho.

E que tenha paixãõ moderada , com boa fortaleza , animo , agilidade , e ligeireza.

Methodo que se deve observar nas Caudelarias , e lançamento das Egoas , para a boa criação dos Potros.

HE bem certo , e sabido , como affirmãõ os Fyficos , e a experiencia nos está mostrando , que para a boa procreação de todo o animal conduz muito a boa compleição , e natureza dos pays : e bem assim será muito essencial , e do nosso caso , que se escolhaõ para servir na cuberta das Egoas do lançamento os Cavallos de melhor condição , e mais excellente figura , bem vistos , e examinados individualmente por todas as partes do corpo , que vem a ser , cabeça pequena , com a boca , e ventas bem rasgadas , e córadas por dentro ; os orgãos dos alentos

tos bem abertos; orelhas, e olhos grandes, estes claros, e sahidos para fóra sem covas por cima; com boa volta, e nascimento de pescoço, e este comprido o necessario para o bom enfreamento; os peitos largos, e bem sahidos para diante; a serneilha, lombos, verilhas, e quartos largos; o sabugo da cauda bem recolhido no nascimento, curto, e bem provido de muitas sedas finas; que seja direito, e bem aberto de pés, e mãos, com bons nós enxutos de óvas, lupas, alifafes, esparavões, e outros mais humores, que costumão pararlhe nas juntas, com boa qualidade, e quantidade de cascos; de côr castanho, ou murzelo com os finaes brancos, que não seja zaino, nem argel.

Para adornar todas estas partes he necessario, que o Cavallo tenha bastante ligeireza, com ardencia, e paixão moderada, e muita docilidade, e obediencia para tudo quanto se lhe possa mandar, e elle fouver.

Devem os Cavallos, que se escolherem para pays, ser das melhores, e mais finas raças; e haõ de começar a cobrir as Egoas no mez de Março, para que nasçaõ os Potros

tros no principio do veraõ , em que have rá mais hervas para se criarem melhor , do que aquelles , que nascem no mez de Agosto.

Nos tres mezes , em que cobrirem os Cavallos as Egoas , não se lhe ha de dar verde , mas sim duas quartas de centeyo bem limpo das pedras , e sacudido do pó , e mais tres vezes no dia sopas de paõ duro , com vinho generoso ; e se não estiverem costumados a comellas , se lhe deitaraõ por cima humas colheres de mel , que com isto se costumaõ logo ; e a agua , que se lhe der a beber , seja tépida , com meyo quarto de farinha de trigo.

A cada hum dos Cavallos pays se lhe não deve dar mais do que trinta Egoas para a coberta ; porque só ha de tomar huma cada dia , que desta fórma pegaõ melhor ; nem a Egoa deve tornar ao Cavallo até os nove dias , ou dezafete depois ; porque são os termos estes (segundo os melhores criadores) em que o ha de consentir , não estando prenhe ; que se o estiver , não o consentirá de nenhum modo.

No anno em que a Egoa parir Potro , não deve lançar-se ao Cavallo , para que o possa

possa criar bem , nem se deve recolher do campo andando prenhe , salvo em tempo de grandes frios , e quando muito de noite ; porque na liberdade se fortificaõ melhor os membros da crianca: além de que muitas vezes bastaõ só as saudades , e desejos do pasto , e da liberdade para abortarem: e depois de parir não deve ser assim, se acaso for na força do inverno ; porque a tenra idade do Potro , e a tenuidade dos membros , em quanto he pequenino , não póde resistir tanto às grandes neves , e frios.

E como fica dito , devem os Cavallos , que se escolherem para pays , ser enxutos , e izentos de achaques , e manqueiras , que são hereditarias , de que (segundo Galeno) se communicã de pays aos filhos por vicio da natureza.

Tambem não deve ser velho o Cavallo pay ; porque a fraqueza da potencia expulsiva , e vasos espermaticos fazem que os Potros fayaõ imperfeitos ; e logo estes o mostraõ sendo froxos , e desfairosos , com grandes covas sobre os olhos , e outros defares , como bem advertio aquelle douto Escritor Lourenço Rucio no seu livro de *Alveitaria* cap. 8.

cap. 8. ibi: *Quia pater robustus, & fortis membris, & robustibus, robustiores generat natos: ideo ea ætate debet equus eligi ad generandum, quando membra completa, & virtutes in eo reperiuntur. Nam fætus ex juvenculo equo natus, quia nec membra bene solidata, nec virtutes perfectæ sunt in ipso, erit naturaliter debilis; & si ante admittitur quàm sit naturaliter perfectus ad generandum, filius imperfectus, & debilior ex eo nascetur; quia ex minus perfectum procedit, & ex magis perfectò, magis perfectum.*

Pela qual razaõ o Cavallo, que se escolher para pay, deve ter de cinco até doze annos, tendo sido bem pensado, e naõ mostrando ter debilidade nas forças, e alentos, &c.; e naõ se lhe haõ de cortar as crinas, porque se lhe diminue a potencia generativa.

Medida regular como o Cavalleiro deve andar a cavallo.

HE regra geral sem opiniaõ controversa entre todos os Authores classicos, observada em todos os Picadeiros, e Academi-



Piaffer

Talis erat vultu Insignis domator equorum
 Regibus acceptus qui Pona doctus erat:
 Ipse sibi sortem fecit virtute benignam,
 Et meruit Patriæ Nobilitatis honor.

Hilario Joze de Payua F.

... Gregor Zuing ...
 ... Quantore, Francuzi



Et dicitur quod in ista domo
legimus aduersus qui dicitur
quod dicitur in ista domo
quod dicitur in ista domo

demicas da nossa Europa, como ensinaõ os Autores abaixo citados; (1) que a cavallo se ha de firmar o Cavalleiro naturalmente sem violencia, nem affectaçãõ alguma.

Entre o Cavalleiro, e o Cavallo haõ de formar hum quadro perfeito, que se ha de medir desta forma: (*Estampa 1.*) deitando huma linha do meyo da testa do Cavalleiro ao meyo entre as orelhas do Cavallo; daqui outra à ponta do pé direito do Cavalleiro; outra ao meyo das cadeiras do Cavallo; outra ao pé esquerdo, que vá fechar aonde se juntou a primeira: e bem assim faz hum quadro, e postura perfeita; porque obriga a que as pernas cayaõ direitas, e perpendiculares com o corpo, jogando com todo elle, precisa a que os pés fiquem direitos como devem, nem virados para fóra, nem para dentro; e levantar a ponta delles, quanto he necessario, para a justa medida dos estribos: estes tambem a devem ter fixa, e precisa, de tal fórma, que pos-

C o b 20 m 30 to

(1) D. Antonio Plavin. *Manejo Real*, Francez. Pierre de la Nove, *Cavallaria Franceza*, Italiano. D. Pedro Antonio de Ferrara, Napolitano. Miffer Colla Pagam. Federico Grizaõ, Italiano. Gregor. Zunig. Salvador Jord. Siciliano. Gueriniere, Francez.

to o Cavalleiro a cavallo (como fica dito) e tocando a verga do fundo do estribo no peito delles, aonde aperta a fivella, tem cada hum a justa medida, que necessita; além de ser esta regra absoluta, he tambem precisa, como poderá ver pela experiencia quem quizer.

Ponha-se o Cavalleiro a cavallo debaixo destas regras, e se achará taõ senhor dos estribos, e tanto sem necessitar delles, que os poderá soltar, sem que lhe fação falta, e tornar a colhellos sem cuidado, e sem se descompor, nem se lhe perceber de fóra, o que não poderia conseguir em outra alguma medida de montar.

Isto só para quem fizer apreheensão destas circumstancias verá, que faz ley.

As mais das desgraças, que succedem nas funções publicas, e fóra dellas, nascem ordinariamente de perder os estribos, porque em andando mais curtos não se póde perder hum, sem que se descomponha o corpo, nem os dous, sem se expor a hum trabalho, ou ao menos serlhe preciso parar na sua obra, para poder quebrallos. Faz, como disse, ley a tal medida, para a necessaria, e de-

e devida proporção , com que o Cavalleiro deve ficar na sella , para se não assentar nella ; pois assentando-se , em qualquer manejo o descomporá o Cavallo , e nos manejos altos , o arrojará de si ; como tambem porque em outra postura não está habil para poder sentir o Cavallo , nem de podello ajudar , com a pontualidade necessaria ; conservando ao mesmo tempo a justa , e devida postura ; não lhe sendo já mais permittido ao Cavalleiro , nem para mandar , e ajudar o Cavallo , nem por nenhum outro motivo descomporse levemente : coufa que tanto recommendaõ os Mestres desta profissaõ , que obrigou a D. Antonio Pluvinel (1) dizer a ElRey Christianissimo: *Senhor , o Cavallo se ha de mandar com tal ajuste , e igualdade , que persuada a quantos o virem , o faz taõ voluntariamente , que não tem o Cavalleiro necessidade de ajudallo.*

Isto he taõ necessario , e taõ bem parecido , como se deixa conhecer ; mas não se poderá conseguir em nenhuma outra fórma de montar , por ser a prova mathematica. Ponha-se quem o quizer ver , a mandar

(1) Pluvin. fol. 1.

hum Cavallo , que faiba o manejo , e verá como em não guardando estas medidas , e regra , nem o manda pontualmente , nem conserva o ajuste , e compostura , que deve ; porque todas estas regras são huma musica , que em faltando hum ponto , he infallivel a dissonancia.

Como o Cavalleiro deve montar a cavallo.

SUppostas as advertencias antecedentes , temos ao novo Cavalleiro em aptidaõ para que o Mestre o mande pôr a cavallo , que o lacayo lhe trará com os seus antolhos , e a guia , e estribos na outra maõ. Chegando o Discipulo , e o Mestre , este lhe mandará examinar todo o arreyo , para saber se o rabicho está mais , ou menos justo do que deve , e as filhas se estão largas , ou apertadas mais do necessario , e se o peitoral está à proporçaõ , de fórma que o fique a sella ; e lhe dirá o que corresponde a cada huma destas cousas , ponderando-lhe as razões , que ha para ser assim , e os inconvenientes que resultaõ de se fazer o

contrario d'isto; e para mayor observancia fará estudo de que lhe tragaõ o Cavallo indevidamente preparado; e o mesmo fará com o freyo, vendo se a embocadura está baixa, ou alta, porque não lhe tome os cantos da boca, nem lhe caya sobre os dentes; pois ha de ficar sobre os assentos, para que bem a mova, e melhor goste della; e tambem que a barbella fique no seu lugar em proporção devida.

Tudo isto com pontualidade, e precisaõ; porque logo deste principio deve observar o novo Cavalleiro todas estas (ao parecer) miudezas, mas na realidade substanciaes circunstancias, para constituir hum Cavalleiro formal, e advertido, como deve ser, precavendo todas as contingencias, que occasionão taes descuidos, tão culpaveis nos Mestres, como nos Discipulos,

Concluidas todas estas previas diligencias, o Cavalleiro desamarrará o estribo, e chegando o seu hombro esquerdo à mesma mão do Cavallo; pegará nas redéas juntas com o dedo polegar, e os dous seguintes, e no meyo dellas meterá o dedo annular, e o pequeno da mão esquerda, aonde agora terá

a vara com a ponta para baixo ; e com a mesma mão pegará na crina , e com a direita meterá o pé no estribo , e lançando a mesma mão ao arção de traz , dará hum brinco com a perna direita , e sem tocar nas cadeiras do Cavallo se meterá na sella , em que logo ha de procurar caya airoso , justo , e igual ; em tal fórma , que não tenha necessidade de andar balanceando para tomar o assento devido. Feito isto , soltando a crina , pegará na vara com a mão direita por cima da esquerda , e mandará ao lacayo , que lhe amarre os estribos , porque ha de trabalhar sem elles , em quanto o Mestre quizer , e lhe parecer darlhos.

Porfe-ha direito olhando entre as duas orelhas do Cavallo , as mãos iguaes , huma em frente da outra ; a vara levantada , com alguma inclinação para a orelha esquerda do Cavallo ; os cotovellos iguaes , hum pouco abertos ; estendidas as coxas das pernas ; estas cahidas naturalmente sem nenhuma violencia ; os joelhos fechados , as pontas dos pés algum tanto levantadas à proporção , que fica dito nos estribos ; porque esta he huma regra natural , em que o costume faz

f. 22. n. 2



Paso Natural do Cav.



Journal de Paris

outra natureza ; e habituados assim os Cavalleiros , nem estranhaõ depois os estribos , nem achaõ menos a falta delles.

Formará o quadro perfeito com estas regras ; e faltando a ellas , não será facil. Advertiraõ outros tres preceitos na pessoa do Cavalleiro : da cintura para cima , que vá airoso , natural , e desembaraçado ; dahi até os joelhos firme , fechado , e inteiro ; dos joelhos para baixo , prompto , docil , e activo.

Temos ao novo Cavalleiro a cavallo : em quanto toma assento , e o Mestre desenreda a guia , diremos algumas

Advertencias ao novo Cavalleiro.

E Stas saõ as regras , com que o grande Luiz XIII. se poz a cavallo , como se póde ver no Author allegado (1) Manejo Real na figura 3. em cuja Estampa está figurado o Cavalleiro com todas estas medidas ; e nos Authores , que além destes cito , se achará a mesma regra.

Pretendo mostrar não leva este Tratado nada,

(1) Pluvinel, fol. 3. Pierre de la Nove , fol. 33.

nada, que não seja authorizado com os primeiros Professores desta Arte; e assim em quantos cito, sobre selectos, se acharão outros de igual authoridade.

Tambem de tudo o que me for possível darey a razão; para que aquelles, que lerem, pezem com a sua, a que tem estas régras, e solidas doutrinas.

Começando pela vara, que tem mais altos fins, o primeiro he, que occupada a mão direita com ella, guardando proporção com a esquerda, faz que os hombros, e cotovellos fiquem iguaes, sem o que não feria tão facil de conseguir.

Serve tambem para fazer, que os Cavallos entendaõ à vontade do Cavalleiro as de mais ajudas, por ser esta a mais natural, como a experiencia mostra a todos; pois qualquer Potro, que hum Paizano monte no campo, sem mais freyo, nem cabeçaõ, que huma leve vergonta, o governa a hum, e outro lado com facilidade; o que não faria com cabeçaõs, e freyo em muito tempo.

Isto mostra, que he muito conveniente, e necessario para o manejo, o que pudera

com

comprovar com varios exemplos ; mas repetirey hum , que supposto seja barbaro , faz força.

Bem se sabe , que ainda se pratica a lança entre alguns Barbaros ; e estes se fervem de Cavallos medianamente obedientes , que só mandados com lança , e corpo (pois nem freyo trazem) se trocãõ , e revolvem para toda a parte ; sendo a lança o principal mobil da sua obediencia , e esta pela representaçãõ da vara ; cuja utilidade se faz provavel , naõ só pelas sobreditas razões , mas ainda por mais subido fim.

Estando pois a maõ direita destinada para o uso da espada , se procura desde logo hilla habituando para que acompanhe a maõ esquerda , e a gúarde de todas as contingencias ; sendo a de lhe cortarem as redeas a mayor desgraça , em que se aventura vida , e honra.

Isto he para que se entenda a grande reflexãõ , com que se obra nesta Escola , e o muito que convem instruir os Cavalleiros em todas estas cousas , para que as saibaõ estimar , e naõ as concebãõ como

superfluas, ou ao menos de pouca entidade.

Todo o manejo da vara he huma continua agilidade para o da espada, desmunhecando dentro, e fóra; que são os mesmos movimentos de cobrirse, ferir, e cortar com ella.

Dá grande liberdade ao corpo, costumando-o a não perder a boa graça, e postura d'elle, e fazer com ella todas as acções, que pede assim o uso da vara, como o da espada, e das mais armas, que correspondem à mão direita.

Os antolhos sobre serem uteis, são muito necessarios; porque seguraõ os Cavallos com que se evitem muitas contingencias aos Cavalleiros; e muito mais nos principios, que costumão tomar a sella com difficuldade, ou pela sua pouca força, ou pela sua pouca manha, e estando o Cavallo com elles não faria, senão fosse tal, ou qual bem condicionado.

Tambem he necessario, que cada Cavalleiro leve sua guia; pois não haõ de estar esperando huns pelos outros, se póde darse lição a tres, ou ou quatro; e todos devem
fa-

faber, que a guia se inventou para ensinar os Potros, emendando-os, advertindo-os, e castigando-os.

Temos dado noticia da guia, antolhos, vara, e estribos; e para quando chegar o caso de que o Cavalleiro possa usallos, accrescentaremos a precisaõ da sua medida. As palavras de Pluvinel ditas a este assumpto a ElRey Christianissimo, saõ estas: *Sobre tudo, Senhor, o Cavalleiro deve trazer os seus estribos em tal proporçaõ, que só toque o meyo da sella, para que o Cavallo o não possa incomodar, manejando, nem fazerlhe perder a sua boa postura.* (1) E em outra parte accrescenta: *Esta medida se deve observar de modo, que o Cavalleiro se não assente na sella; porque assentando-se, não sentirá o Cavallo; id est, não conhecerá se o Cavallo vay, ou não certo, justo, e unido em todo o terreno, e em todo o manejo como deve, &c.* (2)

(1) Pluvin. fol. 15. (2) Pierre da la Nove, fol. 33.

L I Ç A Õ I.

Ao Cavalleiro.

E Stando o Cavalleiro a cavallo , sup-
posto que o Mestre deve ter todo o
cuidado da sua boa postura , e affeyo , des-
de os pés até a cabeça , he tempo de fa-
zello mover ; porque seria em mim grossa-
ria notavel , tello esperando mais tempo
do que o preciso para que tomasse assento.

Porá o Mestre a guia ao Cavallo , e o
hirá tirando a passo direito , cuidando mui-
to de que o Cavalleiro se não descompon-
ha , e que leve a vista a diante livre , e sem
precisaõ ; o semblante natural , e sereno sem
puerilidade ; o chapeo bem firme , e segu-
ro , informando-o de que he desar o cahir-
lhe , como qualquer outra das suas prendas ;
pois no Picadeiro estas cousas não tem mais
inconveniente , do que cahindo-lhe o cha-
peo , o pagallo ao moço , que lho levanta ;
e se monta sem luvas , tem lugar os lacayos
dos Cavallos de offerecerlhe as suas , que
saõ as naturaes , precisando-o a que lhe
corref-

corresponda com alguma generosa galantaria ; e o mesmo observará , cahindo-lhe a vara , ou outra qualquer cousa : tudo isto serve para que entenda o cuidado , que nas acções publicas deve ter de segurar todo o seu adorno , por não se expor a taes defares.

Este he o modo de fazer entrar em apreço das suas cousas aos Cavalleiros , e de que fação conceito da sua reputação , e fazer estimavel o seu pundonor.

Tendo o Mestre feito passear ao Discipulo , o que prudentemente lhe parecer , mandará ao lacayo , que lhe defamarre os estribos , para que se apee ; a que deve assistir o Mestre , até que o faça com boa ordem ; e o Discipulo deve observar , sempre que descer do Cavallo , ir fazer reverencia ao Mestre ; porque além de ser devida ao caracter , serve para que elle veja , que tem acabado naquelle Cavallo ; e lhe manda dar outro , ou o manda hir , tendo concluido as suas lições.

Nem nesta , nem nas mais , que se seguem , posso detreminar tempo ; só devo dizer , e advertirlhe , que se quer adiantar ao Discipulo , não o passe de huma lição para

para outra , sem que esteja bem seguro na precedente.

L I Ç A Õ II.

A Sim que o novo Cavalleiro for tomando alguma segurança na sella , e que mostre tem perdido aquelle primeiro receyo ; poderá o Mestre soltarlhe a guia , metendo-o em circulo , para que andando em volta se costume a não deixar ir o corpo com ella , fazendo se conserve igual , e recto ; pois este cuidado he preciso para remediar o vicio de se deixar cahir , huns para dentro , outros para fóra , inclinando-se ao officio de Sota-Cocheiro.

Parece-me que tenho dito , que tres são as lições , que se dão ao Discipulo em cada Cavallo : primeira , e terceira à direita , e segunda a esquerda.

A prudencia do Mestre fará com que o Cavalleiro vá tomando noticia das ajudas ; mandando-lhe pôr a vara à parte de fóra ; já à espada , já ao ventre , já à garupa ; e o mesmo com a perna tanto à parte de dentro , como à de fóra ; para que insensivel-

velmente se vá fazendo capaz , e tomando habito para acudir com ajudas necessarias, entendellas , e saber usallas a tempo opportuno ; e o mesmo deve observar com a mão esquerda , fazendo-lhe comprehender os quatro movimentos do freyo : o primeiro de unhas abaixo , para dar liberdade ao Cavallo ; o segundo de unhas acima para o suspender , e parar ; o terceiro à esquerda para o levar à mesma parte ; e o quarto à direita para ir sobre esta mão.

Quatro movimentos da redéa,

L I Ç A Õ III.

E Stando já o novo Cavalleiro bem instruido nas precedentes lições ; e vendo que se conserva direito , desembaraçado , e com alguma resolução , o Mestre o mandará pôr em frente da parede , e nella lhe fará levar o Cavallo à perna ; e nesta lição acabará de entender o manejo do freyo , com os movimentos da mão , e da vara , pernas , e corpo , pois os necessita já todos.

Deve-se cuidar muito nesta lição de não permittir ao Cavalleiro , que perca hum ponto da sua boa postura ; porque parecerá

ridi-

ridiculo vello mandar o Cavallo, torcendo o corpo ao meter da perna, encolhella, fazendo outras figuras improprias, e indignas.

Leaõ o Manejo Real, (1) e veráõ o que se diz a ElRey Christianissimo, não fer desculpavel já mais a nenhum Cavalleiro perder o bom ar da sua boa postura por nenhum acontecimento; e neste mesmo Tratado veráõ em alguns exercicios, que este cuidado de não perder o seu ajuste he ley; e com propriedade, pois em taes pessoas deve fello o ar, e gravidade em todas as suas acções, &c.

L I Ç A Õ IV.

SUppoſto que com as lições antecedentes se vay desembaraçando, e proporcionando o noſſo Cavalleiro, para o haver de paſſar de lição em lição, neſta o poraõ em quadrado, por ſer figura, que já pede mais conhecimento, e ſoltura, ſendo neceſſario ajudar a tempos o Cavallo, ſabendo diſtinguir as ajudas, que lhe correfpondem,

(1) *Manejo Real, Lições Reaes.*

dem, e darlhas com intelligencia; e porque defejo toda a clareza, trataremos dellas em outra parte com mais exacta individuação, para que melhor se percebaõ, &c.

L I Ç A Õ V.

HE sem duvida, que isto se diz mais facilmente, do que se executa; pois em cinco lições estamos no fim do que hum Cavallo póde fazer a passo, e o que hum Cavalleiro tem que lhe mandar; para o que o exercitaráõ sobre as meyas voltas, que com o titulo de passagens acharáõ authorizadas nos Authores: porém eu escuso tratar daquella, para haver de fallar destas, que são precisas, e essenciaes, e tem que saber, incluindo em si a passagem, com que fica a seu arbitrio o fazellas quando quiserem.

Na meya volta já necessita o Cavalleiro de ter tomado algum ar ao movimento do Cavallo, porque sempre que os movimentos são distinctos, e promptos, he necessario, que o corpo esteja solto, e facil, para recebellos sem novidade, nem descomposição.

E Fei-

Feita a meya volta, a volta inteira sobre a perna, com a garupa dentro, ou fóra, varia pouco para o Cavalleiro, e assim não he razão separalla aqui, como cousa distincta.

Será possível, que ao ler estas lições pareça frivolo o seu successivo trato: rogohe que suspendaõ o juizo, porque espero que haõ de fazer vaõ taõ methodicas, que de nenhum outro modo se poderão adiantar mais, nem Cavallos, nem Cavalleiros.

Feito isto, se porá o Cavalleiro nos trotes, e conforme se for firmando, se hirá passando de liçaõ em liçaõ, até praticar em os trotes o que fez no passo, observando o trazello nas voltas sobre a direita, e parallo: depois continuar assim à esquerda; porque não convem, que se lhe faça partir a volta, até que não esteja com alguma firmeza, e tenha tomado o ar, ao movimento do Cavallo.

Em fazendo isto sem desordem, se porá no quadrado; depois nas meyas voltas, e volta inteira; porque estes manejos feitos de passo, e trote, saõ o fundamento, que contém todo o ensino. Eu

Eu respondo , assim pelo Cavalleiro , como pelo Cavallo , que se isto fizerem bem , farão tudo o mais.

Passemos aos galopes , que são mais accomodados , e assim neste tempo serão mais bem recebidos ; com que se fará menos sensível a continua pratica destas lições.

L I Ç A Õ VI.

Sobre os galopes.

BEm praticadas as precedentes lições , para esta se porá em os galopes sobre torno , por ser o mais facil , como mais natural nos Cavallos ; pois no campo quando se poem a brincar os poldros , os verão andar em redondo : pelo que he tão desprezível este costume (ainda que antiquado) porque depois que o grande Joã Bautista Pinhatel inventou a proveitosa utilidade de trabalhar os Cavallos em quadrado , só nos principios se usa em circulo ; por ser regra geral em todas as materias começar sempre pelo mais facil : e assim se fará galopar sobre a direita , e parallo , e o mesmo sobre a esquerda ; advertindo-lhe an-

tes de começar , como ha de prevenir o Cavallo para levantallo a galope , e como se ha de conservar nelle. Já tenho dito desde o passo , e trote , que se não deve partir a volta , em quanto o Cavalleiro não houver tomado algum ar ao exercicio , em que trabalha.

Tambem devo acautelar , que partir a volta , ou mudar de mão , se entende cortando o circulo de meyo a meyo ; isto he , da parte que intenta partillo ao posto , que lhe fica em frente ; de tal fórte , que tendo-o partido sobre as duas mãos , fórma a trilha do seu Cavallo huma cruz perfeita , deixando dividido o circulo em quatro partes iguaes ; observando , quando o partem , que o seu Cavallo vá direito , sem se trocar , nem destrocá , até que com os braços pize a trilha da volta , ou quadrado , que levaõ , para continuar sobre a outra mão ; e não se fazendo assim , não se diga partir a volta , senão furtarem-se os Cavallos , e agaça-parem-se ; movimentos indignos , e sem regra , alheyos de toda a Escola , improprios , nem ainda para vistos de Cavalleiros , que devem ser ensinados como taes.

L I Ç A Õ VII.

COm a antecedente lição teraõ gasto o tempo que pareça conveniente, para que o Cavalleiro, inteirado della, a execute com mayor satisfacão; e assim poderá entrar nesta com alguma prova de menos embarço.

Porse-ha à parede, para que ajudando-se della, possa levar o seu Cavallo com mais facilidade, e de lado; pondo-lhe por ora a parede diante, terá menos em que cuidar, e o poderá fazer em conservar a sua boa postura, governallo, e guiallo com a mão da redea, ajudando-o com a boca, e corpo, com a vara, e pernas, pois ainda que supposto seja o Cavallo mestre, e fizesse fazer tudo isto; pela mesma razão recommendamos ao Cavalleiro tome bem no sentido a obediencia, com que o Cavallo lhe corresponde, para que com mayor segurança em mandallo conceba melhor satisfacão na certeza desta Escola, logrando gosto na execucao della; sendo o que devemos desejar, para que assim consiga o seu adiantamento.

L I Ç A Õ VIII.

E Stando já habil o Cavalleiro para passar à seguinte lição, se porá na volta inteira com a garupa para dentro, e a cabeça para fóra; pois nos galopes, e curvetas, he mais facil na volta inteira, do que na meya volta; porque nesta tem outros tempos, mais embaraçados (como se dirá) e assim o Cavalleiro necessita entrar nesta lição com mais intelligencia.

L I Ç A Õ IX.

TEmos chegado muito depressa à meya volta, e não he muito, vindo a galope, por ser passo largo. Esta he a lição, que pede especial cuidado, porque sendo das ultimas, tem primores de segunda mão, esméros do Artifice, retoques do pincel mais delicado, e assim executa a lição do Mestre, e a applicação do Discipulo, a quem podemos segurar, que fazendo bem esta obra, justa, cabal, e regular, não terá difficuldade em nenhum manejo, pois só
com

com saber a sua figura os executará todos com facilidade; como lhe succederá em outra especie de meya volta, que costuma andar junta com as que acabamos de dizer, a que os Francezes chamaõ Pirueta, e nós chamamos rapida, ou furtada, de que fallaremos em seu lugar, &c.

L I Ç A Õ X.

NAõ temos posto o Cavalleiro nos manejos altos, ainda que o uso delles já corresponde à sua firmeza, e a que o seu corpo tenha tomado o ar aos movimentos do Cavallo, para que assim estejaõ firmes com liberdade, e livres com firmeza; mas praticando o exercicio destes manejos nos Cavallos, que os tem ordinariamente ao parar, o Mestre terá usado, e usará desta violencia prudentemente ao parar nos trotes, e galopes, como lhe parecer opportuno.

Neste manejo se faz tambem qualquer das figuras sobreditas, e outras mais que omito, porque naõ contendo sciencia particular para o Cavallo, e Cavalleiro, naõ
lhe

lhe acho congruencia : pois tudo isto he voluntario , e naõ accrescenta mais que o vulto ; e aqui vamos fugindo de todo o espanto , reduzindo esta obra (ainda que com o ruidoso titulo de Manejo Real) a tal brevidade , que estou já esperando hum reparo , que se offerecerá a qualquer Cavalleiro.

Poderáõ dizer com razaoõ : para duas voltas , e huma meya , e andar de lado , tanto apparatus? Com outra expectação nos tinha o assumpto.

Naõ estranho a duvida , nem he nova , pois a mesma se offereceo a ElRey Christianissimo , e a propoz nos mesmos termos a D. Antonio Pluvinel , que lhe respondeo : *Sire , he assim ; porém o Cavalleiro , e o Cavallo , que fizerem bem huma volta , e huma meya volta , entendendo bem a perna , faraõ quanto se lhe possa mandar ; como o que a naõ entender , naõ he capaz de fazer nada bem , se naõ a fizer por casualidade.*

Creyo ter satisfeito à duvida , e para o diante o farey à curiosidade , &c.

Dos manejos.

NAs lições antecedentes fallámos da volta em redondo, de andar à perna, do quadrado, das meyas voltas, da Piueta, e da cruz; será razão, que sabendo os Cavalleiros os nomes destas partidas, que compoem todos os mais manejos, lhe demos razão delles, como temos promettido.

Da volta em redondo.

EM qualquer Arte, ou profissaõ, que se haja de aprender, he regra geral começar pelo mais facil. Ao principio Potros, e Cavalleiros, se mandaõ de huma maneira: assim como ao Potro não se lhe ha de mandar nada, e o que vay em cima ha de ser como huma estatua, em quanto não tem algum arrimo; assim tambem ao Cavalleiro, nos principios, não se lhe deve pedir outra cousa mais do que tome bom ar na sella; para o que he modo mais facil trazello em redondo, porque fica debaixo da mão do Mestre, e assim lhe póde melhor dizer o que lhe convem.

Naõ tem outra utilidade esta volta, e só para isto se pratica, e o menos que se póde, porque naõ se cançará tanto de andar atrás de cada Cavalleiro por direito.

Qualidades que deve ter hum Picador.

HE questaõ disputavel entre os Fysicos, se o homem começa a ter vida pela cabeça, ou pelo coração; e no meu assumpto havemos de conformallas, chamando-as duas cousas uniformemente; pois o coração deste negocio está na boa cabeça do Picador; e assim com a vida da doutrina lha daremos ao mesmo tempo.

Naõ ha Arte nem profissaõ, que naõ dependa de juizo; porém esta da Cavallaria o requer mayor; e isto he taõ preciso, como naturalmente se experimenta em todas as materias. Para dar hum grande salto, se toma bem de trás huma larga carreira; e assim mesmo em todas as mais cousas.

Esta Arte da Cavallaria entra ameaçando com o adagio Hespanhol: *No ay hombre cuerdo a cavallo*; com que assim principia

exe-

executando por todas quantas prevenções
 são possíveis ao mayor socego, e à mayor
 prudencia; circumstancias de que eu necessi-
 to muito para o fim que pretendo; porque
 o primeiro fundamento, em que se ha de es-
 tribar todo o que houver de ser Picador,
 he que este seja discursivo, socegado, pru-
 dente, e alguma vez resolutivo; mas este ul-
 timo deve ser em tal fórma, que o Caval-
 lo o conheça, sem que já mais o experi-
 mente. Não sou de opiniaõ de que o rigor
 seja capaz de produzir nunca bons effeitos,
 como a experiencia me tem mostrado; e
 além disso vella confirmada de muitos, e
 graves Authores; porque eu tenho hum
 genio diverso de todos os mais homens, e
 he não me contentar nada, que pareça ser
 pensamento meu, em o não achando apoya-
 do de juizo, que possa darlhe authoridade;
 porque não basta que as cousas, que se di-
 zem, sejam grandes, se quem as diz he pe-
 queno. (1)

Assim nesta certeza, e na de não conter
 este Tratado materia, que não seja authori-
 sada com os mais classicos Authores, posso

F ii

affe-

(1) *Vieira abreviado* 1. p. fol. 108.

asseverar, que me custaria pouco trabalho avultarem mais as citas do que elle proprio.

Neste mesmo assumpto deixo citado a Pluvinel, que por conselho dá a El Rey Christianissimo esta mesma doutrina com as mesmas palavras que eu expresso; pois he hum Author com tanta experiencia em Cavallos tão rudes, como são os Francezes, que não tem comparaçãõ com os nossos, e com os Andaluzes, cuja docilidade a todos excede. (1)

Em todos os Cavallos se ha de ter esta por regra geral: que o prevenirhe a intençaõ he mais seguro, do que o vencerlha depois de expressada. Este conhecimento se deverá ao bom juizo dos Cavalleiros, e por isso quero que o tenhaõ; e à sua prudencia recommendo, que seja de modo, que o vençaõ depois de intentado, não lhe sendo possivel o prevenillo; e ao seu socego, que seja em fórma, que não cheguem a empenhar-se, de poder a poder, porque em tal caso (que nunca os quizera ver nelle por

(1) *Melios est ante tempus occurrere, quam post vulnus illatum remedium querere.*

nenhum acontecimento) quero a sua resolução; pois se a sua desgraça os pozer nesta contingencia, a todo o transe haõ de fazer com que obedeça, e darlhe a conhecer, que à sua vontade não ha resistencia. E ainda que em mim a vem taõ grande para este conselho, não entendaõ cuido, que este obrigar a todo o transe o Cavallo he permittirhe que o cansem, ou fatiguem; porque estou taõ longe deste dictame, que o tenho por barbaro, e entendo que não fica vencido o Cavallo, que cede por rendido, e fatigado.

Se for de nobre coração, não o fará ainda que o matem; e se for lerdo, e traidor, o conseguirão, mas com a infelicidade de que na primeira occasião, em que se ache com poder, lhe fará experimentar, bem contra seu gosto a causa porque em outro tempo se mostrou rendido.

Bem poderão ter alcançado a que tenho para desejallos com a melhor cabeça; e tendo-a em o Cavalleiro pela parte mais principal, bem será sigamos o mesmo methodo em o Cavallo, começando a tratar primeiramente pela situação em que deve levalla.

Aonde, e como o Cavallo deve levar a cabeça.

ENtre os homens de cavallo he a mayor disputa sobre o lugar, em que o Cavallo deve levar a cabeça; se estrelleiro, se encapotado: huma, e outra tem por si graves, e razões fundamentaes: não são voluntarias, pois a isto lhe não daria o titulo de opiniaõ, não o merecendo; são de grandes homens de cavallo, que dignamente merecem este nome.

Entre todos os professores da Cavallaria se acha estabelecido, e assentado, que o Cavallo nasceo para o exercicio da guerra; e assim todo o estudo, e applicaçãõ se dirige a este fim, habilitando-o para o mayor serviço, e segurança do homem.

Huns querem, que o Cavallo vá muito despapado, ou estrelleiro, que dizemos levantado de pescoço, em tal fórma, que leve o Cavalleiro taõ cuberto, que nem o chapeo possa descobrirse-lhe. O fim destes, e as suas razões se deixaõ facilmente conhecer; e he mostrar, que setas, e bal-
las

las dem no Cavallo, e não no Cavalleiro; o que de frente a frente sem duvida conseguiráõ; e que o pescoço estendido facilite a respiração ao Cavallo, e lhe conserve o alento, além de ficar nesta postura mais airoso.

Estes sobrepujaõ a todas as razões dos outros com estas só: Os que querem o Cavallo encapotado, não lhes parece equivalente razão, a de livrar de hum risco, que expoem a tantos; pois o Cavallo, que não vê aonde affenta os braços, os porá mal, e poderá tropeçar, e cahir; e levando diante o focinho, por não dar com elle em terra, se precipitará, e tambem ao Cavalleiro: Que o Cavallo estrelleiro colha mais alento, e tome mais respiração, he inattendivel; por ser certo, que se gasta mais hindo o pescoço estendido, trabalhando muito o lombo; e assim o enfraquece mais gastando-lhe a força: Que nos encontros não traz poder, nem será facil fazello vir a elles; porque trazendo diante a sua mayor fraqueza, que he o focinho, dando-lhe nelle, faráõ que fuja, e escarmentará de fórma, que não torne; isto he assim, pois ho-

je que com taõ larga experiencia estaõ as coufas mais claras , e reduzidas à razaõ ; duas se recommendaõ com especial cuidado ao Cavalleiro , no combate de homem , a homem : a primeira guardar-se de que lhe cortem as redéas ; e a segunda que naõ lhe dem no focinho do Cavallo , por serem os dous pontos mais importantes da sua defenfa. Se gostarem de ver a sua importancia , poderáõ ler o Author abaixo citado. (1)

Que o Cavallo encapotado vay mais seguro , que ainda que tropece mil vezes naõ cahirá , pois leva o lombo , e a força mais conservada , naõ admite disputa ; e assim he opiniaõ mais recebida , e praticada entre as Armas ; ainda que a outra tem mais quem a figa , pois a observaõ todos os Barbaros ; e ainda entre as Tropas regulares a conservaõ Hungaros , Polácos , Ufares , e outros taes. Eu naõ approvo huma , nem outra ; ainda que se querem o Cavallo só para o trabalho do campo , e caça (contra a minha opiniaõ) aconselho a do encapotado ; porque este com ametade de braços menos , do que o outro , trará ao Cavalleiro

(1) Pierre de la Nove , trat. 3. tit. 16.

valleiro mais seguro, pois ainda que tropece mil vezes, e dê com a cabeça em terra, se levantará.

Entre estas duas razões darey huma, que de ambas tome o mais favoravel. (1) Sendo o meyo o centro das virtudes, não me faz dissonancia evitar os extremos; não fujaõ delle pelo titulo, logrando assim a sua utilidade, e conveniencia. Plantarse-ha a cabeça do Cavallo arqueando-lhe o pescoço tanto, quanto a sua formatura der de si, e logo fazendo, que desde a testa até o meyo das ventas fique a prumo; bem assim lograrão o fim de huma, e outra Escola, com tanto que o Cavallo fique vendo Ceo, e terra; e desta fórma hirá cuberto, o Cavallo unido, conservado, e guardado o focinho, verá aonde pisa, e não terá motivo para recear o encontro.

Esta positura he a mais airosa, e a mais fórte, indisputavelmente, e mais seguro he a bastante para conservarse o Cavallo, não querendo absolutamente destruiillo.

Tendo dito aonde o Cavallo deve levar a cabeça, correspondia dizer immediatamente,

G

(1) *In dubiis si datur medium, medium est eligendum.*

mente, como se deve fazer; porém isso he impossivel, sem que tomem o trabalho de ler o que se differ daqui por diante, porque todos saõ meynos para lograr este fim, como hum dos mais principaes na profissãõ da Cavallaria: bem pôdem emprendello com satisfação; porque a Escola está bem provada.

Modo de mandar os Cavallos.

COnsta de tres partes o governo do Cavallo: a primeira he a cabeça, a segunda a espadoa, e a terceira a garupa; bem assim os cabeções governaõ a cabeça, tirando-lhe o Cavalleiro pelo cabo, daquella parte para onde quer que a volte; e obrigaõ tambem a que a levante, baralhando-lhe os cabeções com o movimento de ambas as mãos debaixo para cima.

As redéas do freyo governaõ, e mandaõ a espadoa do Cavallo para voltar sobre a mão daquella parte para onde o Cavalleiro lhas move, e encaminha.

A perna do Cavalleiro tambem manda, e governa a garupa do Cavallo, def-

viando-a este para a parte contraria donde o Cavalleiro lha arrima : v. g. chegando-lhe a perna esquerda, foge o Cavallo com a garupa para a parte direita; e pelo contrario, chegando-lhe a direita, desvia a garupa para a esquerda.

Tem tres lugares o Cavallo, a que justamente competem as ajudas da perna: hum he adiante das cilhas; outro quasi a trás dellas; e o terceiro bem a trás da verilha junto à anca: porém a intelligencia do pratico Cavalleiro saberá distinguir o lugar competente, e o modo de applicar-lhas com mais, ou menos actividade, conforme o defeito do Cavallo necessita.

Uso dos cabeções.

DEpois que o uso dos cabeções se adiantou tanto, como hoje se acha, se desterrou inteiramente o dos pilares, e com elles outras invenções de que se costuma ajudar a pratica dos antigos: hoje não ha quem não tenha displicencia de se valer de outro meyo, mais que o das suas mãos, e das suas pernas para reduzir todo o Potro de qualquer condigaõ que seja.

Devem os cabeções ser de tres peças ; a do meyo para mandar , com meya cana , e ferrilha ; as dos lados , chatas , lizas , e planchadas , para que não offendaõ o Cavallo aonde não serve ; aquella ha de ter tres argolas com suas varilhas de dous dedos de altura , a do meyo para a guia , e as dos lados para as rédeas ; estas haõ de ter o comprimento de sete , ou oito palmos , e devem andar ambas na mão esquerda ; tendo primeiro tomado nella as do freyo como se costuma , e depois em toda a mão as dos cabeções , deixando livre a mão direita para acudir a todos as suas operações ; pois ainda que esta mande a sua redéa , ha de ser como auxiliar , e não ligada como a esquerda , e por isso esta as deve levar sempre em proporção de poderse servir dellas per si só.

Forrar , ou não os cabeções , fica ao discurso do Cavalleiro ; porque a hum Potro lhe conviráõ assim , e a outro não.

As redéas para os Potros devem ser de correa , e do comprimento de oito palmos , para melhor servir a todos os modos , que se costuma usar dellas. Tres são

os modos mais communs , em que se pôde servir dos cabeções : hum o regular que he postas as redéas nas argolas dos cabeções : outro pondo-as nas cilhas , passando-as depois pelas argolas dos cabeções ; e serve este modo trazendo-as à mão , para recolher a cabeça aos Cavallos , que levantaõ muito o focinho , a que chamaõ estrelleiros , e para os que se costumaõ empinar : o terceiro pondo as redéas nas argolas em que costumaõ trazerse os coldres , e dahi passal-las as argolas dos cabeções ; e desta fórma servem para os Cavallos encapotados , e para os que daõ cabeçadas para baixo.

Por ser muito util este modo de servir das redeas em muitos Potros , lhe finalamos a dita proporçaõ , que a todos chegue ; pois para estes dous modos ultimos saõ assim necessarias , e para o ordinario naõ prejudica o seu comprimento ; porque aquella parte , que sobeja , vay tocando nos braços , e joelhos do Cavallo , servindo-lhe de ajuda para obrigarlos a puxar mais por elles.

Temos dito que a bella postura do Cavalleiro se naõ ha de perder , nem descom-
pôr ;

pôr: não o fará tão facilmente o que mandar com os cabeções sem varilhas; porque estas sem tirar as mãos do seu justo lugar, e sem mais movimento do que aquelle, que permitem os cabeções no modo de ferrilhar sem se descompôr, poderá fazer assentar, e recolher a qualquer Cavallo: e suposto me possaõ dizer, que isto he muito aspero, estando na mão de quem manda, he virtude, e não vicio; pois este o seria, quando elle por si só o obrasse, e não pela minha vontade; porém sendo eu arbitro de que castigue, ou não, tão estimavel he, que obedeça em hum, como em outro.

A regra geral he, que os cabeções se haõ de pôr justos no focinho do Potro quatro dedos acima das ventas, que possaõ jogar abaixo, e acima, em tal fórma, que não lhe cayãõ sobre ellas, nem lhe subaõ tanto a cima, que inutilizem o uso, deixando de ferrilhar com igualdade nos dous movimentos que tem; hum de unhas abaixo para deter, e fazer andar atrás o Cavallo; outro tendo o Cavalleiro as mãos na postura ordinaria, ferrilhando debaixo para cima, em ordem a que o Cavallo levante a

cabeça, e para o despertar quando affroxa.

Trabalhando os Potros debaixo da guia produzem os cabeções quatro effeitos muito uteis, e proveitosos, porque os mandaõ, advertem, emendaõ, e castigaõ; mandaõ, mostrando-lhe o terreno sobre que haõ de trabalhar, ou em circulo, ou em quadrado largo, ou curto; advertem, quando o Potro andando nos trotes antecipadamente se quer levantar a galope, ferrilhando-lhos o Mestre com a actividade competente; emendaõ, puxando-lhe a redéa da mão de fóra, ou a guia para a mesma parte, quando o Potro erra, adiantando a mão, ou pé da parte de fóra; castigaõ, batendo-lhe a guia, e o Cavalleiro as redéas, quando o Potro dá alguns saltos de contratempo desordenadamente para se defender do trabalho, vendo-se sujeito.

Do freyo.

CHegando a tratar deste ponto, bem necessito valerme de toda a Escola, e nella de todos os meynos para deter, e segurar hum Cavallo sobre as pernas, em ordem a livrarme de todo o precipicio, e

def-

despenho ; porque não posso soffrer o vergonhoso erro de ver reduzida huma Nação tão esperta em todo a sonolencia ao indigno conceito de que o enfrear o Cavallo está na formalidade do bocado , e que nel- le consiste o trazerem em seu devido lugar a cabeça. Huma das principaes circumstan- cias do Cavalleiro he saber pôr , e segurar a cabeça do Cavallo em o seu lugar devi- do ; tanto assim que a mais da lição he pa- ra este effeito ; e he principio tão assenta- do , que huma de duas , ou confessallo , ou confessarse ignorante.

E agora pergunto eu : se isto assim he , porque ha quem gaste o seu calor natural em fazer , e mudar freyos aos Cavallos ? e se o freyo póde constituir hum Cavallo bem regulado , para que he cançarse em buscar picarias , e Picadores , era melhor ter hum armazem de freyos , e com isso escusar tan- to trabalho ? He muito natural , que quei- raõ replicarme com isto mesmo ; porque confessando eu , que ha muitos , que se apu- raram em estampar tanto genero de freyos , pudera isto pôr em algum conceito a esti- mação delles. Se o permittira a minha pou- ca

ca vaidade, podia dizer, que era essa opiniaõ sua, e esta minha; e que me achava em estado de mostrar por experiencia, que assim era; porém sou humilde, quero responder com a sua mesma opiniaõ. Leyaõ a D. Pedro Antonio de Ferrára, Frederico Grizaõ, e a D. Antonio Pluvinel, que saõ dos que mais estamparaõ, e verãõ respondido ao seu argumento. Pluvinel (1) fallando sobre isto com ElRey Christianissimo, diz assim: *Eu, Senhor, só me sirvo de hum canhaõ, ou de huma escarcha pinhatel; porque não he possivel, nem se deve fazer qualquer Cavallo com outro genero de embocadura.* Nisto mesmo segue a Ferrára. Frederico, depois de tratar muito de freyos, e embocaduras, remata dizendo: *Deixemos isto aos ignorantes; pois para nós outros com a boa doutrina, e com a boa maõ, nos sobeja hum simples canhaõ.* Deste não lhe ponho a cita, porque sobre não ter indice, capitulos, nem parrafos, não póde ser segura; porém a sua curiosidade o achará, se gostarem de vello. Estou certo de que fica respondido, convencido não sey; mas em

H

abo-

abono da opiniaõ destes Authores, que já não pôdem responder por si, digo eu, que pela mercê de Deos estou vivo, se tem algum Cavallo taõ desesperado de boca, que lhe pareça poderem fazer prova desta minha opiniaõ, mo remetaõ, que dentro em seis mezes eu lho trabalharey com hum freyo ordinario, e tambem sem elle, se mo merecer o seu rendido dictame. Além de não ser isto disputavel, quanto mais culpaveis seremos nós, para quem conhecer a facilidade, que nisto tem os nossos Cavallos, e os Andaluzes de que nos servimos? Como se lhe trate a boca devidamente com ametade de Escola, que se dá a outros, estaõ enfreados com qualquer canhaõ, ou escarcha.

Para este effeito conduz muito costumar os Potros, logo que se recolhem das manadas para a cavalharice, meterlhe hum debabador, ou mastigadouro, todos os dias pela manhã por espaço de huma hora; e este seja em quanto se limpaõ com a almoça, porque assim se costumaõ a jogar bem o freyo, e vaõ fazendo melhor os assentos.

Estas, e outras que parecem impertinencias, deve usar todo o Cavalleiro curioso para ganhar, e conservar a boca dos seus Cavallos, dando-lhe depois disto tanta doutrina, que se diga com verdade, que só de adorno lhe serve o freyo.

Eu o que posso dizer he, que em os nossos Cavallos, e nos Andaluzes apenas tenho achado, que fazer em pouco tempo de escola, mais do que obrigarlos a levantar, ou recolher a cabeça; cujas difficuldades no modo das cambas estaõ corrigidas, querendo forrar hum pouco de tempo; e assim se o Cavallo andar despapado, e estrelleiro, devem as cambas ser mais compridas, e com mayor volta para dentro, e o olho do freyo, que tenha só dous dedos de alto da embocadura para cima; a barbeta em ponto largo, e a maõ baixa; e se for duro de boca, e do pescoço, se lhe porá huma verga de ferro inteiriça de huma a outra camba no lugar da cadenilha inferior. (1)

Se armar a cabeça baixo, e encapotado, seráo as cambas curtas direitas, e sem

(1) Gregor. Zuniga, fol. 178.

volta; e o olho do freyo, que tenha quatro dedos de alto, e a embocadura de melhões com montada mais alta; a barbella de élos torcidos, e mais apertada; a mão adiante alta, e branda. (1)

Alguns Potros no principio, quando se lhe mete o freyo, costumão buscar a camba com o beicho, e daqui se vem a costumar a pegarem nella com os dentes: a estes devem tambem mandarhe deitar a verga de ferro de huma a outra camba, como já disse; porque com isto só vem a perder logo essa apreheensão; o que eu já experimentey em muitos Cavallos.

Cavallo sem escola, nem doutrina, poderão pela sua bondade trazello medianamente sobre o freyo, poderá correr, e parar; porém darhe o devido apoio de fórma, que com satisfação se possa mandar, e elle obedecer ajustado, isto não póde ser sem escola; porque nenhum póde fazer o que não sabe; se o soubesse a teria: com que assim he infallivel esta proporção: nisto tambem ha differença sendo regular, em que hum saiba mais, e outro menos.

O de-

(1) Gregor. Zuniga, fol. 115.

O desejo, que tenho de agradar aos curiosos, me obriga a descobrir o segredo de hum freyo universal, com que faço certo não haverá Cavallo, que se não ajuste na ultima perfeição.

Justaráo o Cavallo em andar bem a passo, fazendo-lhe entender bem as ajudas do corpo, pernas, e mão, de fórma que ande muito unido por direito, que entenda bem a parada, que faça bem as voltas, e melhor os quadros, que cavalgue, e redondeye bem nos angulos, que ande melhor à perna; e depois o meterao nos trotes até que com igual perfeição o faça. Em conseguindo isto, o levantarao aos galopes, e às curvetas, e achando-o em tudo cabal, e ajustado com o pescoço bem firme, e a cabeça bem plantada, está seguramente enfreado, com o mesmo freyo com que o tem ensinado, e feito: estimem-me o segredo, porque he tão certo, como haver dia, e noite.

Não negarey, que a este, ou áquelle Cavallo, lhe diga melhor hum freyo, do que outro; mas tambem seguro, que isto nasce de querer geralmente os Picadores poupar hum pouco de tempo, e trabalho;

porque a enfrear-se qualquer Cavallo com hum simples canhaõ he absoluto : seja o Cavallo da qualidade que for , tenha esta , ou a outra contextura de pescoço , e a sua boca seja da constituicãõ , que quizerem darlhe: e a razaõ he , porque Deos nosso Senhor creou este animal para servir o homem , e assim naõ póde faltar à essencial circumstancia ; mas para este effeito se requer Picador que o seja , e naõ lho chamem por máo nome. E para o que conduz a este fim , profigo o assumpto , dizendo , que póde o Cavallo estar enfreado com o freyo competente , e trazer a cabeça em seu devido lugar ; mas naõ obstante isso , movella com desordem quando trabalha. Isto regularmente procede de tres causas , huma por estar o Cavallo ferido da boca , outra por ter o Cavalleiro a maõ aspera , e defabrida , ou tambem por ser o Cavallo fraco de lombos ; e sendo por esta causa , se conhecerá , quando trabalha , que bate a cabeça com excessõ , e muito mais estando fatigado ; e assim para este , o remedio será darlhe menos trabalho ; porque aonde ha falta de força , naõ tem a arte poder para supprilla ;
ainda

ainda que o pratico Cavalleiro com boa industria poderá disfarçalla.

Se a causa for por ter o Cavalleiro muita aspereza na mão da redea , e pouca firmeza no corpo , porá em si o remedio , firmando este , e suavizando aquella , sem se afferrar às redeas , em que deve pôr todo o cuidado , movendo-as brandamente , e fazendo as paradas com o mayor tento , e melhor advertencia.

Se tiver a boca ferida , não deve trabalhar o Cavallo , em quanto lhe durar a molestia.

Tambem se ha de advertir , que o freyo só deve castigar nos assentos , ou gengivas da boca ; e no lugar aonde assenta a barbellas , e na lingua de nenhuma fórma ; pois a esta se lhe deve dar toda a liberdade , para que o Cavallo movendo-a mais facilmente faça espûma , e melhor goste do freyo ; e assim para os Cavallos , que tiverem a lingua grossa , se lhe porá a embocadura com montada mais alta , e larga , a que chamaõ pescoço de ganso ; e se a tiver delgada , se lhe porá a embocadura pinhatel.

Do temperamento da mão da redea.

A Cha-fe estabelecido por commum conceito , que o temperamento da mão da redea he graça da natureza , e não prenda adquirida. Não me opponho a tantos votos , por não impugnar huma quasi geral opiniaõ ; mas o que posso dizer he , que o bom cuidado , e applicaçã das regras da Arte , a fará suave áquelle que tiver a mão aspera , e a poderá adquirir com o exercicio dos seus preceitos ; e só esta mais , ou menos graça , se dará entre dous homens sem Escola ; e não em aquelle , que conhecer as regras , e effeitos que resultaõ da má , ou boa mão. A isto me replicará algum , dizendo , que tambem succede entre dous Cavalheiros intelligentes ter hum aspera , e outro suave mão de redea ; a que respondo , que será por menos applicaçã , e cuidado , pois no que póde haver differença , por dote natural , he na mais , ou menos força , cuja circumstancia não conduz para o tal effeito.

A primeira circumstancia , que se requer
per-

precisamente para a suavidade da mão, he a firmeza do corpo; pois não podendo o braço separarse d'elle, participará a mão de todos os seus movimentos; com que sendo certo, que se póde adquirir firmeza com a boa applicação, e exercicio de tempo, por consequencia será esta huma parte da boa mão conseguida, e não dote da natureza.

Se não estiver firme o corpo, e os joelhos fórtes, a qualquer movimento do Cavallo será obrigado o Cavalleiro a aferrar-se aos cabeções, e às redeas, com que dando topes repetidos ao Cavallo, este offendido fará desmanchos com a cabeça, pela pouca firmeza do Cavalleiro.

Tambem se póde dar aspereza de mão no Cavalleiro, que move as redeas com demasiado movimento; mas he tambem certo, que pondo nisso estudo, e cuidado, segundo os movimentos do Cavallo as virá a firmar, e se não deve attribuir à natureza o que he vicio do Cavalleiro.

Vencidos os defeitos de mover as redeas por vicio, ou pouca firmeza, com o exercicio entrará outra pratica de conservar as redeas na proporção, em que de-

vem ir sem molestar a boca do Cavallo, nem taõ pouco dando-lhe demasiada liberdade ; que neste caso as paradas feráõ mais asperas , e naõ chegaráõ a tempo opportuno.

Para este temperamento da maõ se devem ajustar as redeas de fórma , que nem o Cavallo , nem o Cavalleiro as sinta ; o que este conhecerá logo que o Cavallo fizer pezo na redea , movendo a cabeça ; e neste caso se lhe teráõ firmes detendo , e afroxando com suavidade , sem lhe dar topes asperos ; e tanto que obedecer , darlhe liberdade , ou recolhellos , segundo a intelligencia do Cavalleiro distinguir que he necessario ; e este deter , ou afroxar a redea ao Cavallo , se executará sem tirar a maõ do seu justo lugar , virando-a de unhas abaixo , ou de unhas acima , pois só com isto se ganhaõ quatro dedos de distancia ; o que he bastante para hum Cavallo já obediente.

Além de que todos os Cavallos trabalhaõ com mais voluntaria obediencia sendo montados pelos Cavalleiros , que os ensinaraõ , por estarem já costumados aos seus movimentos , e terem delles mayor conhecimento ,

cimento , pois este se acha nos Cavallos com mais instincto , do que em outro algum irracional.

Para ajudar ao Cavallo.

DE cinco modos se ajudaõ os Cavallos : com o corpo , com a boca , com as pernas , com a vara , e com as esporas. Cada huma destas ajudas se subdivide em cinco partes ; humas saõ unidas , e outras saõ ligadas ; v. g. , o corpo leva o Cavallo adiante , e torna-o atrás , suspende-o , leva-o a maõ direita , e leva-o à maõ esquerda. Estas operações (por connexaõ) as faz a maõ esquerda com o freyo : isto no principio se entende mais difficilmente , porque as do corpo , como menos perceptíveis , não se comprehendem tanto , até que a mesma pratica as faz conhecer ; e assim em quanto esta as não ensinar , só as apontaremos , até que com a luz se vejaõ mais claras.

Ajudaõ o corpo , e maõ para lançar o Cavallo adiante ; a maõ virando-a de unhas abaixo , e baixando-a hum pouco , a que alarga sufficiente o freyo , para dar liberda-

de ao Cavallo. Este leve movimento traz o corpo adiante, e ainda que pouco perceptivel à vista, o he bem intelligivel ao Cavallo, e o ferá a seu tempo aos Cavalleiros.

Para tornallo atrás, he o contrario dito; pois o corpo o leva, e a mão o traz, de fôrma, que movendo o corpo hum pouco atrás, e virando a mão unhas acima; este leve movimento do corpo chama atrás de si a mão; o que basta para obrigar o Cavallo a que vá atrás.

Para a direita, virando a mão unhas acima com hum leve movimento della para a mesma parte, se leva o Cavallo, e o corpo. Ao voltar sobre a esquerda o corpo prepara a mão, que virando-a unhas abaixo, e deixando-se levar daquelle leve movimento do corpo, obriga o Cavallo a irse com o corpo, e com a mão.

Para o suspender, suspenderse-ha o corpo, firmando-se mais sobre os estribos, e sobre os joelhos, deitando o estomago hum pouco fóra, o que obrigará a carregar sobre os genitães. Este curto movimento, que se faz de retirar o corpo, tambem chama
a mão

a mão de fôrma, que com só a virar unhas acima suspende o Cavallo.

Esta noticia creyo basta, para que se deixe entender na pratica; sem que custe muito trabalho a quem a ensinar.

A boca tambem tem outros cinco modos; para mover o Cavallo com o primeiro estado de lingua; nos galopes com elle successivo acompanhando-lhe o movimento; nas curvetas com elle continuando; e nos manejos altos com a voz, que estiver estabelecida; e ao parar, com a detreminad: *Olá basta, &c.*

As pernas tem os seus cinco movimentos; juntando as pantorrilhas às filhas suspendem para todo o ar; abrindo-as fazem baixar o Cavallo; firmando-se sobre a esquerda, leva o Cavallo à direita; e carregando sobre a direita, obriga a que vá para a esquerda; arrimando-lhas das filhas para trás, mandaõ a garupa; pois esta não tem outro freyo, que a obrigue, mais do que as pernas.

A vara tambem tem outros cinco modos: com o sonido move, alenta, aligeira, e suspende o Cavallo; posta sobre o lado

do esquerdo , o leva para a direita ; posta no lado direito , o leva para a esquerda ; chegando a aos braços do Cavallo , ajuda para as curvetas ; e posta sobre a garupa , ajuda os Cavallos para o salto , e passo , e capriolla.

As esporas tem os mesmos cinco modos : deitaõ o Cavallo adiante , rasgando atrás , ou , como vulgarmente se diz , batendo-as ; fazendo-lhe sentir a esquerda , leva o Cavallo sobre a direita , e pelo contrario , chegando-lhe a direita , o leva para a esquerda ; a de fóra , obriga a garupa , para que a não deixe , e a de dentro a detem para que se não precipite.

Advertem , e detem o Cavallo rodando-lhe com ellas no ventre , já com huma , e logo com outra , fazendo , que correspondã os toques a compasso ; porque esta he huma musica , que bem temperada faz boa armonia , e de mayor utilidade em todos os seus casos ; ferindo detreminaõ , e obrigaõ o Cavallo , quando he necessario : ha outra ajuda da ponta do pé , que muitos Authores não desprezaõ , por ser facil , e pouco perceptivel , mas muito util para o ar das

curvetas , e para avivar os Cavallos , que
fãõ pezados.

Na boa uniaõ , e distribuicaõ destas ajudas se funda o saber mandar o Cavallo com promptidaõ ; com regra , com ar , e com segurança ; com promptidaõ , acodindo ve-lozmente com as necessarias ; com regra , distribuindo-as com boa ordem , naõ excedendo , nem faltando ; com ar , executando-as com elle desembaraçado , e livre , sem pejo nem melindre ; com segurança , estando com o cuidado , e advertencia devida , para as naõ trocar , nem confundir , conformando-as como deve ser.

Uso das esporas.

Geralmente acho estabelecida por commua opiniaõ , que as esporas se fizeram para ferir os Cavallos ; e sendo esta intelligencia bem vulgar , rarissimas vezes se devem usar para tal effeito ; além de que como só nellas fica por ultimo vinculada a obediencia do Cavallo , naõ se deve fazer taõ commum o seu uso ; porque o repetido habito lhe tirará o effeito. Todas aquellas

las coufas , que destinamos para as occasiões , as ufamos pouco , reservando-as só para ellas.

O Cavallo ha de saber soffrer as esporas , e ha de entendellas , distinguindo quando o advertem , quando o avisaõ , quando o corrigem , e quando o mandaõ ; e convém muito ao Cavalleiro saber isto mesmo , porque de ignorallo , Cavallo , e Cavalleiro andarão sempre confusos , sem saber hum o que manda , nem o outro o que querem que faça.

Digo que ao uso das esporas se reduz a obediencia do Cavallo , porque a vara , nervo , e chambriera ficaõ no Picadeiro ; e não se pôdem levar nem para os festejos , nem para a guerra ; que saõ as vozes com que se explicaõ todas as funções publicas. Usaõ-se as esporas em distinctos modos , e em distinctos lugares , desde as filhas até os filhaes : os modos saõ rasgando , batendo , e rodando , cada huma de persi só , ou correspondendo huma à outra , segundo o pede o caso ; e ambas tambem pelo mesmo modo.

Alguma vez costumaõ ser necessarias de-

debaixo, ou detrás dos braços do Cavallo; porém este modo de usallas compete mais aos Picadores: nellas consiste o ensino, e a advertencia; pois esta se faz, ainda muitas vezes no mesmo que se sabe, e o ensino he propriamente daquillo que se ignora.

Digo mais, que as esporas mandaõ, corrigem, avisaõ, advertem, detem, e precipitaõ o Cavallo: precipitaõ, quando desordenadamente se batem a algum Cavallo, ou antes de saber supportallas, ou depois que entende o obedecellas; porque o ignorallas, e entendellas produzem o mesmo effeito; incitando tanto a semrazaõ ao Cavallo, que já as entende; como a novidade, e ignorancia ao que ainda as não conhece.

Detem aos Cavallos, que ou pela má doutrina, ou pela pouca intelligencia de quem os tem montado, estaõ costumados a tirar pelo freyo, bebendo-o para cima, apoyar-se com demasia, fazer tífoura, e colher a camba: a todos estes, que comettem tal erro, devem logo acodir com o remedio das esporas, chamando-os a parar, e rodarlhe já com huma, e já com outra, começando

pelo lado, em que mostrar mais dureza, e acabando no mesmo.

A palavra rodar vale tanto, como dizer que fação huma volta com a perna, e com a rozeta da espora junto à filha, primeiro huma, e depois a outra, fazendo huma pouca intermissãõ, como se fossem pontos de solfa a compasso, o que se póde repetir com tres, ou quatro golpes; e ao Cavallo parado divertillo ao mesmo tempo, correndo lhe a maõ pelo pescoço.

Agora hey de mostrar quam certa, e racionavel he esta regra. Todo o Cavallo, que comette este erro, he, para sahirse adiante: tu o chamas a parar, e rodas-lhe este golpe na paragem, que te advirto; com o que obrigas a dobrarse para o lado aonde lhe tocas, e ainda a voltar a cabeça para ver aonde o offendes: rodas-lhe a outro lado, que o obrigas a fazer o mesmo: vês aqui como este effeito he contrario ao que o Cavallo intentava, e o mesmo produz nas mais desordens, que temos referido; e por consequencia o de deterse o Cavallo, porque o poem em respeito ao freyo, naõ se atrevendo a tirar por elle, nem a cometer

ter os demais vicios , vendo se precisado a recolher as pernas , achando mais facilidade em conterse , do que em sairse.

Advertem , em todos os descuidos de garupa , ou já nos galopes , quando se desune , ou quando sem tempo intenta trocar-se ; porque em tal caso não se póde dar ao seu uso mais nome , que o de advertencia.

Avisaõ , quando o Cavallo costuma deterse , ou por se ir prevenindo , ou por ir esperando , sem se deliberar ao que lhe mandaõ ; e não sendo outra a causa , não se lhe póde dar outro nome ao officio , que tem aqui as esporas.

Corrigem , quando emendaõ o Cavallo no mesmo que já sabe , e por alguma causa das prevenidas faz mais do que era necessario , e do que se lhe pede.

Mandaõ , pois em faltando a vara , nervo , e a chambriera , não fica outro recurso.

Naõ posso deixar de dizer quanto me desgosta , vendo usar das esporas taõ imprudentemente , quando hum Cavallo se espanta , pois não ha occasiaõ de mayor desconcerto : o espanto provêm regularmente



de duas causas, ou de affombro, ou de falta de vista; em huma, e outra, só he remedio segurar o Cavallo, firmarlhe com igualdade ambas as pernas, para que se não volte para os lados, conservando-o firme, e alentando-o com a voz a que ganhe terra para o objecto, até que se desfengane, que assim o conseguiráõ; porque se he affombro, o irá perdendo, chegando-se a elle a vista; e se he falta della, reconhecendo-o se desfengará.

Tambem he causa de riso, que haja quem se capacite a crer, que hum Cavallo correrá mais castigando-o na carreira: a estes não lhes quero dar mais regra, do que o seu desfengano, aconselhando-lhe tomem dous Cavallos, que corraõ igualmente, e hum chegue ao seu Cavallo as esporas tres, ou quatro vezes, e outro nenhuma; e achará, que este lhe leva tantos corpos de vantajem, quantas vezes lhe tiver chegado as esporas ao outro.

Da vara.

PArece-me, que ainda que falley da utilidade da vara, não tenho dito o seu manejo. O lugar da vara já fica dito, que he o da mão direita, e que esta deve ir em proporção, e igualdade com a esquerda: ha de ser a vara de cinco, até seis palmos, para alcançar a todo o corpo do Cavallo, desde o lugar, que occupa: não ha de ser muito delgada, porque assim tem o mesmo inconveniente, que tem o latego, fazendo mover a cauda aos Cavallos, desar sobre toda a ponderação.

Usa-se della sobre as espadoas dos Cavallos desmunhecando dentro, e fóra, como se faz o movimento de fazella foar, com a differença de que este requer mais força: tambem se usa tocando o ventre do Cavallo de trás das botas, e nas cadeiras do Cavallo pela parte de fóra, e pela de dentro, desmunhecando com o mesmo ar, e por cima do hombro sobre a garupa; e para as curvetas nos braços, virando-a para baixo como fica dito, e tambem por baixo do
braço

braço direito lhe manda, e serve para obrigallos a recolher a cauda, tocando-lhe de quando em quando no nascimento della.

Todos estes manejos da vara convém muito ensinállos aos Cavalleiros, porque sendo bem feitos, são airofos, e facilitaõ para que logrem o desembaraço, e liberdade do corpo, que deseamos, e para que tomem o ar, e movimento ao dos Cavallos: ao tempo de ajudar, ou trocar o Cavallo, o mesmo movimento de pôrlhe a vara, ou trocarcha, dispoem o corpo aprafivelmente para receber o movimento contrario, que leva o Cavallo; e assim produzindo taõ vantajosos effeitos, não he para desprezar este cuidado.

Para trazer hum Cavallo à perna, ou fazello ladear.

SE queres que o Cavallo faça bem os lados, aonde, e quando quizerem, e não como outros, que só pondo-lhe a parede diante obedecem, ha-se de observar estas regras: Supponho que vaõ sobre a mão direita, se haõ de firmar mais sobre os estribos,

bos , e mais sobre o esquerdo , pondo o corpo hum pouco atrás , como fica dito de tirar o estomago hum pouco fóra , fazendo alguma força sobre os genitães ; e já se entende , que por nenhum modo haõ de perder a galla , e perfil da boa postura do corpo ; porque todos os seus movimentos haõ de ser de Cavalleiro ; e assim suspendendo a correspondencia a maõ da redea , virando-a unhas acima , e fazendo com ella hum leve movimento para onde querem levar o Cavallo , o poem em termos de ir. Naõ vay com isto ? Vês aqui como te diz , que necessita de mais ajuda ; dalha promptamente de boca. Naõ basta ? Poem-lhe a vara no lado esquerdo por cima da maõ da redea ; e se naõ for bastante , tocarlhe com ella nos peitos , que devem ir diante da garupa ; e se deixar esta , tocarlhehaõ por cima da perna no ventre ; e se tudo isto naõ bastar , arrimar-lhe a espora , que he o ultimo recurso para o Cavallo mais pezado , e soffrido , supposto que seja o Cavallo feito ; porque aqui ensinamos a mandar , e naõ a fazer : estando sempre na devida , e prevenida postura , para que se o Cavallo ganhasse terra

terra atrás (que he vicio intoleravel, ainda que regular) arrimando-lhe as pantorrilhas promptamente , e dando-lhe liberdade com a mão, deitallo adiante, ajudando-o com a boca, e soando-lhe a vara ; e se for preciso, tocarlhe com a espora. Estas ajudas devem ser sempre as mesmas, em todo o terreno , e em todo o ar , só com a differença de regular a cada huma com a devida proporção , e a cada Cavallo , segundo o seu soffrimento ; pois hum necessitará de que todos os cinco modos concorraõ ; e outro só com apontarlhe hum bastará.

Para ajudar o Cavallo no ar das curvetas.

NEstas devem fazer as previas ajudas ; que já disse, e para mais clareza torno a repetillas: suspender o corpo , levantar a mão, firmar-se sobre os estribos, arrimar-lhe as pantorrilhas , e a especial neste manejo he que as pernas haõ de acompanhar todo o movimento do Cavallo ; para que se levante lhas haõ de fechar , e abri-lhas para que se baixe ; tornar-lhas a fechar , para que torne a levantar-se , e corpo , e mão, haõ

haõ de acompanhar , suspendendo hum , e outro quando as ajuntaõ , e baixando quando as abrem. Suspende o corpo , chamo eu áquelle movimento , que já disse , de tirar o estomago fóra , e baixallo ficando natural. Estes movimentos os tomaráõ facilmente , conservando-se na foltura , e docilidade do corpo , que tenho dito , naõ se afastando na sella. Estas ajudas são para o Cavallo bem ensinado , e feito , e a de boca ; pois se ha de medir o estalido com o ar do Cavallo , porque ha de ir a compasso com as pernas , maõ , e corpo ; o que as fizer fervidas , pede as ajudas mais promptas , e as suspende menos ; pois dá mais tempo , e todas devem ser , quando se ha de levantar. Outros Cavallos necessitaõ de que se lhe accrescente a estas ajudas a da vara , virando-a com a ponta para baixo , para lhe ir tocando com ella nos braços ao mesmo compasso ; e para outros se mete a vara por baixo do braço direito , e se lhe vay tocando sobre a garupa , guardando o mesmo ar do Cavallo ; porém menos vivo , como já disse.

Tudo isto será facil de entender , co-

como vão tomando conhecimento do que fazem, e observando o methodo, como o virem executar ao Mestre, e como se vê na Estampa n. 2.

Balotada.

NA Balotada se dá a distincão da curveta, ainda que sejaõ ambas da mesma altura; porque ao cahir em terra, baixa o Cavallo com mãos, e pés juntos, dobrando-os, e unindo-os mais.

He manejo pouco usado nas nossas Academias; e assim só o aponto por noticia.

As ajudas seráo chegarlhe as pernas junto às filhas, e a vara à garupa, quando o Cavallo vay a cahir em terra, para que o rebata, e avive, procurando não o apurar muito, porque lhe he custosa nos principios.

Ajudas para os ares altos de salto, e passo, couces, ou capriolla.

AO Cavallo de salto, e passo, se manda como ao de curvetas; porque o passo vem a ser huma curveta para diante, que

f 82



Curveta.



Engraving of a horse, likely a stallion or a specific breed, shown in profile facing left. The horse is depicted with a full mane and tail, wearing a bridle and a saddle with a blanket underneath. The background is a simple landscape with some foliage and a fence line. The entire illustration is enclosed within a rectangular border.

que lhe serve de prevenirse para o salto: só differe em que tendo feito esta preparaçãõ, ao repetir a segunda, em lugar de abrirlhe a mãõ, e pernas, para que baixe, manterlhe estas ajudas, accrescentando a de boca, que he a regular, Ah, ah; e a da vara nos peitos, ou sobre a garupa: em cahindo se torna a prevenir da mesma fórma, e o mesmo em todas as mais, que houver de fazer.

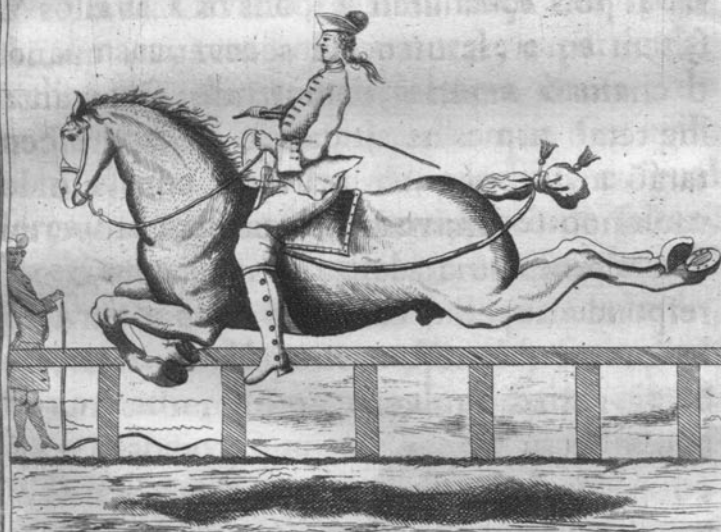
As capriollas fará com as mesmas ajudas, sem a prevençãõ do passo; porque se ha de advertir, que estes ares altos não se pôdem impôr, nem ensinar a nenhum Cavallo, ajustarlhos sim. Se o Cavallo não tiver esta natural inclinaçãõ para isso, nada será capaz de imporlha; só para regularlha, e que a faça a tempo, e com obediencia ha jurisdicãõ; e assim ainda que seja o Cavallo de mayor, e de mais vigor, não lhe impede o fazer os de mais manejos de terra a terra, como outro qualquer, que não tem esta possibilidade.

No Cavallo de salto, e couces, havemos de fazer distincãõ, se está fóra dos pilares, ou dentro delles; quando está assim,

naõ he necessario ajudallo a elle , senaõ a si , sustentando-se igual , e firme ; porque a voz do Mestre , e o açoute sobejaõ para occupar o seu cuidado em que o naõ precipite , arrojando-o de si , ou o obrigue à miseravel necessidade de se agarrar.

Quando mandarem o Cavallo só dentro , ou fóra dos pilares , o ajudarão nesta fórma , se o tem trabalhado sobre os galopes , que he o ordinario , no tempo do parar ; pois nesta escola todos os Cavallos as fazem em tres , ou quatro curvetas , quando o chamaõ a ellas ; assim que se levantar lhe teraõ firmes as ajudas , e lhe accrescentaráõ a da boca , Ah ah , e com isso levantando-se disparará os couces ; advertindo , que se naõ se levantar de diante o correspondente , lhe chegarão com a vara aos braços ; e se naõ corresponder de trás , sobre a garupa por cima do hombro , ou por baixo do braço. Para os Cavallos perguiçosos tambem se usa de huma roseta de espora , com que voltando a maõ se avisa sobre os rins , que está nella o seu despertador ; e tambem os Mestres para taes casos costumão ter outra no fim da chambriera.

Em



Capriolla

The first part of the manuscript is a list of names and titles, including "Cavallero" and "Cavallero de". The text is written in a cursive script and is partially obscured by a large, faint watermark or seal in the center of the page. The watermark appears to be a circular emblem with some illegible text or a figure inside. The overall appearance is that of an old, possibly leather-bound, manuscript page.

Em todos estes ares alguma vez se usa das esporas ; porém isto he mais regular ao fazer dos Cavallos , porque depois delles feitos , bastaõ as ordinarias ajudas , como se vê na Estampa n. 3.

Como se poderá conhecer pelos movimentos do Cavallo o manejo a que se deve applicar.

Cada Cavallo , à similhaça dos racionais , tem a sua natural , e particular inclinaçaõ ; huns mais a huma cousa , do que a outra : e assim aquelle que for agil , com alegria , viveza de garupa , e igual força , se inclinará ao movimento de saltar , fazer curvetas , e outros ares altos correspondentes à sua natureza : o que for lerdo , e pezado , e de pouco espirito , se inclinará ao passo , trote , e galope baixo , e todo o manejo , que não requer aquella actividade , que a natureza lhe não deu : porém aqui deve operar a essencial intelligencia do pratico Cavalleiro , para saberlhe distinguir as lições correspondentes à propensaõ de cada hum dos Cavallos , que vão à sua Escola. To-

Todo o Cavallo , que fazendo curvêtas com alegria natural , mostrar , que tem viveza de garupa com força , sendo bem dobrado de membros , e quando galopar tomar alguns saltos motivados da sua natural inclinação , este se applicará aos ares altos.

Do modo como se pôdem sentir os movimentos do Cavallo.

TEndo fallado dos modos de ajudar os Cavallos , e em que tempos se lhe deve acudir com estas , ou outras ajudas , resta agora , que ponhamos o Cavalleiro em aptidão de saber distinguir os tempos , a que se chama com propriedade sentir o Cavallo. Isto não he mais do que conhecer o Cavalleiro individualmente os movimentos do seu Cavallo , assim no passo , como em todo o manejo : quando vay passeando , deve saber se o faz com igualdade , se deixa , ou adianta o pé , ou mão , mais ou menos do que deve ; se vay direito em huma linha recta , ou arqueado , virando-se para os lados ; isto em todo o terreno.

Agora entra aqui a precifaõ dada na me-

medida dos estribos, e as regras dadas de como o corpo deve ir; pois observadas, não chegará o caso de que se assente, nem se aplaine na sella; e bem assim terá o tacto mais facil, e advertido; e a docilidade do corpo conhecerá o movimento, que faz o Cavallo (por ligeiro que seja) pois corresponderá immediatamente aos genitães, para lhe acudir com o remedio.

Parece-me, que isto se deixa bem entender; pois quando a hum lhe tocaõ levemente, o sente logo; mas se lhe comprimm o toque, lhe passa a sensibilidade; e isto mesmo he o que succede ao que se assenta na sella: o que vay debaixo das medidas regulares, só toca os lados da sella, e assim vay o tacto facil, e advertido; e o que se assenta apertando-se, o vem a perder.

Neste sentir, ou não sentir o Cavallo, está o preciso desengano do Cavalleiro, que he, ou não capaz de podello mandar; e nesta Escola aquelle que aos oito, ou dez mezes de exercicio, feito como fica dito, não o conseguir, crea-me, e tome outro officio, porque não he para este.

Deve contentar-se com que se não he muy rude , e muy furdo dentro da sella, o logrará ; e mais se os seus Mestres tiverem tão boa condiçãõ , como eu , que tenho hum despertador na chambriera milagroso , que faz ouvir os furdos ; o despertador vay em Francez , porque o não entenda o dormido. Todo o esperto conhecerá a differença desta Escola a outras , em que depois de muitos annos de exercicio , se o Mestre lhe não adverte , que o Cavallo vay trocado , ou desunido , não o conhece.

Ultimamente não sendo possível mandar os Cavallos sem a precisa circumstancia de os saber sentir , de novo recommendo a liberdade do corpo natural sem affectaçãõ , solto , e facil ; pois assim veráõ como em deitando o Cavallo pé , e braço direitos a diante , sentiráõ perfilado o corpo , adiantandose-lhe tambem o lado direito , e se acharáõ tão unidos com o Cavallo , que lhe será gostoso , e aprasivel o movimento ; e o mesmo lhe succederá , quando façãõ outro tanto sobre a esquerda ; e desunindo-se , logo sentiráõ displicencia no movimento. Isto obriga a applicarem-se com mais cuidado ,

dado, e entãõ com a experiencia entrará no conhecimento se nasce do pé, ou da maõ a causa do seu desagrado; porque sendo desta, corresponderá a diante, e sendo do pé, atrás.

Por escrito naõ me posso explicar mais: e nem tanto se achará em outro algum Author; porque o conhecimento da sua importancia, e o desejo, que tenho de que se a proveitem os meus nacionaes, me obrigaõ a apurar a explicaçaõ até onde me foy possível, segundo a minha pouca intelligencia, para a mais clara expressaõ.

Para prevenir a intençãõ do Cavallo, e desvanecerlha, antes que entre a executalla.

CHama-se prevenir, áquella intelligencia taõ util, como necessaria, que deve ter todo o Cavalleiro dos movimentos, tempos, e contratempos do Cavallo, já sejaõ feitos com malicia, ou sem ella.

Isto se consegue primeiramente com o conhecimento da inclinaçaõ, disposiçaõ, e poder do Cavallo; e logo pelos movimentos, que se observar nelle, se lhe deve acu-

dir com prompto remedio , de tal fórma , que não chegue a executar a sua idéa ; pois do contrario , deixando-o ficar incorregido , se confirmará no vicio , e a prevençãõ lhe servirá de pouco.

Demos por caso , que o Cavallo sahe a passo quieto , e intenta pegar no trote ; o que se conhecerá em que mostra inquietaçãõ de ir sujeito , e assim dá hum passo mais apressado do que outro ; e tambem carrega na maõ da redea : devem promptamente ferrilhar-lhe os cabeções , e socegallo com brandura , ou da fórma , que lhe convenha à sua natureza ; e desta fórte lhe romperãõ a sua intençãõ , e não passará a trotar.

Hindo trotando , se pretender levantar-se a galope , o conhecerãõ tambem em que para tomar mais pressa , carrega na redea , ou dá algumas cabeçadas acima para fugir a sujeiçãõ ; ou talvez detendo-se se levanta sobre as pernas para galopar ; e assim por isto lhe romperãõ o tempo , dando-lhe alguma liberdade na redea , para que faya a diante , e o deterãõ immediatamente ; e se tomar muita pressa , lhe ferrilharãõ os cabeções com aquella actividade , que lhe seja
com-

competente, até que venha a cahir no trote natural, socegando-o com a voz; e se a tudo isto não obedece, será muito proveitoso parallo, e deitando-o atrás, tornallo a diante, que assim se aquietará, e lhe romperão o tempo, antes que execute a sua intenção.

Póde tambem, andando no galope, querer passar a huma carreira; o que se conhece logo porque sahe da profissão, que leva, carregando mais forte na mão da redea, dando alguns saltos muito avançados, ou desviando-se para huma, ou outra parte, batendo a cabeça ao sentir a sujeição, e finalmente inclinando-se a fugir: lhe romperão o tempo, chamando-lhe a cabeça a hum lado com a redea de dentro do circulo, se trabalha em torno, e se não, metello nelle, dando-lhe os toques de cabeçaõ suaves; que sendo rijos poderá dezesperarse o Cavallo, e intentar fugir mais; o que não fará, emendado, como digo, vendo-se com a cabeça ganhada a huma parte, em que conhece não póde escapar pela positura do seu corpo lho não permittir; e assim será obrigado com a boa ajuda da redea tornar a co-

lher fleuma , e seguir o seu galope com a devida igualdade.

Póde , hindo na carreira , pegar no freyo com os dentes , e ganhândo a mão a cima desbocarse : a este pervenirão , dando-lhe toda a liberdade das redeas , para que desaferrre os dentes do freyo ; e desaferrando , logo de repente o chamarão com ambas , ou com huma redea , sobre a mão direita.

Tambem póde querer ganhar a mão abaixo metendo a cabeça entre as mãos , e levantar a garupa para tirar couces ; indo-se anteparando com demasiado apoio no freyo : a este se lhe romperá a intenção , ferrilhando-lhe os cabeções rijamente para ganharlhe a cabeça acima ; e no mesmo tempo lhe meterão as esporas adiante das filhas , intimidando-o com a voz ; e se com isto não obedecer , lhe darão com hum páo entre as orelhas , que isto o aturde muito , fazendo-lhe levantar a cabeça.

Se intentar empinar-se , o que se conhecerá logo , porque se vay detendo , e começa a suspenderse sobre as pernas : a estes lhe romperão o tempo , deitando o corpo adiante , e castigando-o com as esporas , e vara , bem
atrás

atrás das filhas , o farão sahir com hum repelaõ de trinta , ou quarenta passos ; e parando , suavemente o affagarão , que assim se emendará ; pois como fica dito , ao Cavallo , que erra por diante , empinando-se , lhe compete o castigo atrás das filhas ; e ao que tira couces em sua defenſa , se castiga nas espadoas com as esporas ; e no pescoço , e cabeça com a vara , tudo ao mesmo tempo ; porque ao Cavallo ardente , Cavalleiro prudente , e ao Cavallo soffrido Cavalleiro activo.

Desembaraçar hum Potro , he huma das grandes difficuldades , que se achia no exercicio da Picaria ; e vem a ser fazerlhe , que tenha livres os movimentos , que tinha prezos naturalmente ; o que se consegue com os bons , e repetidos trotes , primeiro em terreno direito , e depois em circulo largo.

Dos Cavallos rebelões , que se anteparaõ , e repugnaõ , sem querer fahir para diante.

HA muitos Cavallos , que se defendem , e naõ querem fahir para diante ; e faõ tres as causas porque costumaõ cometer este vicio : huns o fazem , por ser muito fogosos , e ardentes , outros por froxos , lerdos , e pezados ; e além destes ha outros , que o fazem sómente por amor , e inclinaçãõ , que tem à estrebaria aonde comem.

Assim se deve observar a causa donde provêm qualquer dos resabios sobreditos ; porque se nasce de ardencia , e soberba do Cavallo , pede hum modo de emenda ; outro o que se origina de froxidaõ , e fraqueza ; como tambem o pede diverso aquelle , que naõ quer fahir a diante , por ter amor a Cavalharice aonde costuma comer : estes se conhecem logo , porque naõ querem passar a diante , quando os tiraõ fóra da estrebaria ; e assim naõ sendo outra a causa , os devem levar com muito socego , e prudente-

dencia , procurando com muita brandura fazello passar a diante , sendo potro novo , e sendo Cavallo já feito , com a vara , pernas , e esporas ; e logo que obedeça , dando alguns passos a diante , darlhehaõ huma folha de couve , e mandallo recolher.

Se o Cavallo fogoso , e ardente cometer este feyo vicio , quando o intentaõ trabalhar , em manejo violento , defendendo-se com saltos fortes , e descompostos ; será necessario usar com elle todo o rigor , e aspereza , no mesmo tempo , que cometer a rebeldia , castigando-o de vozes , e vara por todo o corpo , e cabeça , guardando-lhe os olhos ; e tanto que obedecer , se apearáõ , e com todo o affago darlhe humas ervas , e tornando a subir nelle , trazello a passo sómente pelo mesmo sitio naquelle dia ; e para o outro tornallo-haõ a galopar ahi mesmo ; e se intentar defenderse , castigallo da fórma sobredita , at é que obedeça , e entaõ tornallo-haõ a regalar com ervas , ou equivalente , e apeando-se , o affagaráõ , coçando-lhe a crina , e cara ; e logo tornando a subir nelle , trazello sómente a passo , e trote , naquelle dia , e para o outro

tro o levaráõ ao mesmo ficio , e galoparáõ ; porque no violento he em que costumáõ mostrar a sua defenfa , e tanto que a intentar , castigallo como fica dito com a voz, vara , e pernas ; e como obedeça , apearfe , e fazerlhe os mesmos affagos , pois desta fórma o hiráõ vencendo pouco a pouco.

Se o Cavallo for já feito , que esteja confirmado no dito vicio de se reter , e parar , sem querer fahir para diante , não devem porfiar com elle , obrigando-o de fórma , que se empine , porque ha muito perigo neste desmancho ; e para evitallo , devem logo que elle parar , voltallo sobre huma mão , e darlhe huma volta sobre o mesmo terreno , que elle fahirá logo , dando-lhe liberdade na redea , para que faya com hum repelaõ de quarenta passos , sem o parar de repente , mas que caya em trote , e como fahir , tornallo-haõ a affagar ; porém se ao depois pelo tempo a diante não quizer fahir sem dar a sobredita volta , lhe daráõ tantas , até que elle não goste , pois assim viráõ por tempo a perder effe máo costume ; procurando sempre o meyo mais brando , e suave primeiro de tudo.

Se o Cavallo, sendo ainda novo, intentar o mesmo vicio ao fahir da estrebaria, mostrando que o faz por lhe ter querença, e repugnar o fahir para fóra, se mandará ir diante outro Cavallo, que tenha estado, ou costume estar com o Potro na mesma Cavalharice; e se com isto não obedecer, se lhe porá a guia, e pegando nella o lacayo, que elle melhor conhecer, se mandará a outro detrás com o açoite o obrigue, até que faya; e sahindo, se affagará, dando-lhe huma folha de couve, e se mandará a beber fóra todos os dias, sem lhe dar outro exercicio, que assim perderá esse máo costume.

Das tres causas, porque os Cavallos não obedecem ao que se lhes manda.

Tambem se deve entender, que por tres causas não obedecem os Potros ao que se lhes manda: por não saber, por não poder, e por não querer; e assim he preciso reconhecer a origem da sua repugnancia; porque se elle se poem em defenfa por não saber, não se obrigará com ri-

gor, antes bem com todo o socego se lhe hirá mostrando o que querem, que faça; e se elle mostrar desobediencia por falta de força, ou por não ter idade competente, segundo a sua disposiçaõ, se hirá com brandura facilitando, e sobrepondo, dando-lhe tempo opportuno.

E se repugnar a defenderse por não querer, se obrigará com castigo mais, ou menos, segundo a natureza do Cavallo, e o caso o pedir; advertindo, que se ha de começar pelo menos, para haver de conseguir o mais, levando sempre a cautella da idade, e força do Cavallo, para não errar.

Ha tambem outros Cavallos com o re-fabio de não querer sahir para diante, quando se encontraõ com outras bestas, por ter cio originado de ter picado alguma Egoa, ou Mulla: para estes não ha outro remedio, mais do que capallos; porque sem se tirar a causa principal, não cessaráõ os effeitos, que resultaõ de taõ depravado principio.

Dos Cavallos, que se empinaõ, e levantaõ sobre os pés, e dos remedios, que se lhe haõ de applicar.

HE a empinada nos Cavallos o peyor vicio, que pôdem cometer, pelo grande perigo, que pôde ter o Cavalleiro de ficar debaixo, se naõ for muito destro: e pois que saõ diversas as causas porque os Cavallos se levantaõ, será preciso expressal-las individualmente, para se lhe applicarem os remedios competentes.

A primeira causa porque os Cavallos se empinaõ he, por serem refabiados, e rebelões, querendo com malicia defenderse de passar à carreira, ou de fazer outras cavallarias mais violentas do que he o passo, e trote natural. Estes se querem bem castigados, e vencidos, para que se venhaõ a desenganar de que lhe naõ vale o seu intento: e para isto se fazer com mais segurança, se lhe poraõ huns cabeções de bons dentes em ponto baixo, e tanto que o Cavallo se anteparar para levantar-se, lhe bate-rão os cabeções com a maõ direita, do-

brando-lhe a cabeça ao joelho da mesma parte, e depois darlhe liberdade na redea, para que faya a diante com hum repelaõ de trinta passos; mas naõ convem parallo de repente, antesim suavemente, para que caya em trote, e nelle faça a parada.

Tambem se levantaõ alguns Cavallos, por serem brandos de boca, e temerosos do freyo; e tanto que se lhe afferraõ as redeas, se poem direitos em termos de cahir, para trás: a estes o que se lhes deve fazer he, no mesmo tempo em que se empinaõ, dar-lhes liberdade na redea, pegando o Cavalheiro com a maõ esquerda na crina, e inclinando o corpo para diante, sem attender neste caso à boa figura; pois será melhor por hum breve intervallo perder esta, do que a vida.

Além destes ha outros Cavallos, que se empinaõ, por terem cio, quando se encontram com outras bestas: para estes o remedio he capallos.

Dos Cavallos, que baixaõ a cabeça, e tiraõ couces.

F Azem esta defenfa commummente os Cavallos pezados, remiffos, e velhacos, que sentem muito o trabalho, e para o recusar pretendem despedir de si ao Cavalleiro.

Emendaõ-se logo que fazem pezo na maõ; e se detem baixando-lhes a cabeça, tocando-lhes os cabeções para cima com actividade, com as mãos a diante, a fim de ganharches a cabeça para impedillos a que se armem; pois com a cabeça alta, não podem atirar mais couces, e immediatamente que o Cavalleiro lhe levantar a cabeça, o fará fahir a diante com hum repelaõ de trinta passos, parando-o firme, e de repente.

Se isto não for bastante, e tornar o Cavallo a prepararse para levantar a garupa, e baixar a cabeça, se lhe romperá o tempo, dando-lhe com hum páo entre as orelhas, tocando-lhe para cima os cabeções, intimidando-o com a voz; e se continuar, fará

rá preciso usar de todo o rigor, accrescendo a estes castigos tambem o das esporas a diante das filhas; e tanto que levantar a cabeça, fazello sahir a diante, como fica dito; pois são as avançadas muito uteis para meter espirito aos Cavallos fleumaticos, e pezados.

Manejo das cabeças.

E Ste manejo acho estampado em os livros de Gaspar Sonier, e Guernieri, e o vi tambem executar ao Coronel Francisco Luiz Pequeno Chaves nas festas, que se fizeraõ ao Conde de Alvor, sendo Mestre de Campo General de Traz dos Montes, em o anno de 1725; e certamente que o dito Cavalleiro levou as attensões aos que de muitas Provincias deste Reino, e tambem do de Hespanha, se acharaõ presentes naquellas grandes festas, pelo excellente primor, e bizarrria, com que executou todas as accções, assim da lança, e dardo, como das pistolas, e espada, com que soube acertar todas as cabeças, sem que faltasse a hum
fó

só ponto pertencente a taõ difficil manejo, no qual tambem saõ muito praticos os dous Capitães de Cavallos Francisco Joseph Ferreira de Sá, e Pedro Ferreira de Sá Sarmento, filhos do Marechal General Francisco Joseph Sarmento, Governador das Armas da Provincia de Traz dos Montes.

A fórma de praticar este manejo he a seguinte: Porse-haõ tres cabeças de papelão nos tres angulos do terreiro em quarenta passos de distancia humas das outras (de tal fórma, que fação a figura de hum quadrado) suspensas em huns candieiros, como os que costumaõ servir para a sortilha; e a quarta cabeça se porá em hum pilar de tres palmos de alto no meyo do terreiro.

Disposto isto assim, partirá o Cavalleiro desde o primeiro angulo sobre a maõ direita em galope atropellado, e curto, para que lhe dê tempo a trabalhar a lança, da mesma fórma que se obra para a sortilha; e fazendo o tiro na primeira cabeça, largará a lança a hum homem, que ahi esteja prevenido.

Depois disto continuando no mesmo galope, voltando a maõ direita às costas, tirará o dardo, que leyará debaixo da perna esquerda

da com a ponta sobre o arção de trás por entre a abertura da casaca, e dahi o levará ao hombro direito para o trabalhar, do mesmo modo que se pratica para correr os pombos com o esponsão: feito o tiro na segunda cabeça, largará o dardo, e pegará na pistola, e com a mão de unhas abaixo a puxará sobre o lado direito, para dahi a levar ao braço esquerdo, aonde lhe levantará o perro, e depois a ha de encarar à terceira cabeça, para atirar-lhe na distancia de seis passos. E sahindo a diante lançará mão à espada por cima da mão da redea, e partindo à carreira aberta à quarta cabeça do pilar no meyo do terreiro, baixando o corpo perpendicularmente sobre o lado direito para a levar na ponta da espada, se endireitará na sella, antes de parar o Cavallo em tres ou quatro curvetas; e lançando a cabeça para diante, arremeçará o Cavallo direito a ella, para a cortar de hum revés, que he o fim mais airoso, que se póde executar em todo este acto.

Manejo da Cruz.

CHama-se assim, porque a sua figura he essa, e o modo de fazella este.

Posto o Cavalleiro em terreno direito;

fará

fará tres, ou quatro curvetas, e huma de firme; fará mais tres sobre a mão direita, para formar este braço, e fazendo outro firme, tornará a desfazellas até o meyo; e continuando dahi com outras tres para fazer o braço esquerdo, fará outro firme, e desfazendo-as, tornará a ganhar o centro; daqui com outro firme proseguirá com outras tres direito a diante, que he a cabeça da cruz; e assim fica formada com a facilidade, que se vê; porém falta-lhe o principal, e he, que o Cavallo ha de fazer sete, ou oito curvetas retrogradadas, ou para trás, para vir occupar o primeiro lugar donde sahio.

Este manejo he o da mayor difficuldade; porque são muito poucos os Cavallos, que o pódem fazer, e bem singulares os Cavalleiros, que lho sabem mandar, por ser esta a ultima prova do mayor ajuste, e melhor sentido na mão da redea. O Cavallo necessita estar muito feito, e bem entendido nas ajudas mais delicadas, e necessita ter muitos lombos, grande docilidade, e mayor firmeza no tento da mesma redea. E supposto eu o não achey estampado em

Author algum Estrangeiro ; com tudo o vi executar ao General de Batalha Francisco Joseph Sarmiento, da Cidade de Bragança, em hum Cavallo , que elle mesmo ensinou na ultima perfeição , por ser o mais excelente homem de Cavallo dos que tem havido na Provincia de Tras dos Montes, assim como he o mais perito na Arte Militar, sobre que compoz hum livro muito util para o exercicio dos Soldados Dragões, e Cavallaria ligeira.

Como se deve fazer a escaramuça de dous fios conforme a regra militar.

SENDO a escaramuça de dous fios a que mais se pratica, por ser a mais ajustada com a verdadeira ley da Cavallaria, e da guerra, se deve fazer nesta fórma.

Ajustarsehaõ em numero igual tantos Cavalleiros para hum fio, como para outro; e logo emparelharãõ os dous, que servirem de guias, e da mesma sôrte os mais, que se forem seguindo atrás, deixando tanto espaço de vasio entre huma, e outra parelha, quanto caiba o comprimento de hum Cavallo:

vallo: nesta fórma sahiráõ levantando os Cavallos em galope pauzado , sem muita furia , e levando a espada na mão , como se costuma , atravessada sobre o pescoço do Cavallo ; e sahindo com a lança a levaráõ em a postura da cinta com o ferro para diante inclinado à orelha esquerda do Cavallo ; e nesta fórma hiráõ dando huma volta larga a toda a praça sobre a mão direita ; e acabada ella , hiráõ cortando a mesma praça , e chegando ao meyo se dividiráõ assim ; o que vay pela parte esquerda hirá , sahindo a diante , carregando sobre a sua mão esquerda , naõ para fazer volta sobre ella , mas para ganhar mais terreno , em ordem a voltar melhor sobre a mão direita ; e neste mesmo tempo irá o outro guia fazendo outra volta sobre a sua mão direita , com tal medida , e espaço , que acabada ella , hum , e outro guia se fiquem a rostando frente a frente , cada qual no seu destrito dividido , a que vulgarmente se diz (pela semelhança da guerra) cada qual a seu Castello : logo se acometeráõ passando huns por outros pelos seus lados esquerdos , arrojando nestas passagens os Cavallos com mais furia. E tan-

to que o guia passar pelo ultimo Cavalleiro do outro fio , quebrará o Cavallo sobre a mão esquerda , para ir tomando a volta larga sobre a direita ; que dada ella , assim de huma , como da outra parte , se tornarão a arrostar , e fazer segunda passagem , huns pelos outros , e no fim della se formará a mesma volta (como já disse) quebrando o guia o seu Cavallo para a mão esquerda , para ir tomando a volta larga sobre a direita ; e tornando-se a arrostar , se virão acommettendo , como fizeraõ na primeira passagem ; e chegando os guias ao ultimo Cavalleiro do fio contrario , tomará hum a volta sobre a mão esquerda , e o outro sobre a mão direita , ficando por dentro do outro ; e fazendo estas voltas largas para se não embaraçarem , continuando-as até que se hajaõ encontrado os guias tres vezes , e no ultimo encontro se sahirá cada qual com o seu fio para o posto , ou Castello contrario , fazendo nelle volta sobre a mão direita , assim hum como o outro ; e no fim della arrostando-se , se tornarão a acometter , e fazer passagem huns pelos outros , no fim da qual voltará hum fio sobre o outro na mesma

ma fôrma que fica dito com as mesmas voltas, e três encontros; advertindo, que o fio, que ficou por dentro, e deu as voltas sobre a mão direita, as ha de dar nesta segunda sobre a esquerda, ficando por fóra; e o outro fio por dentro, dando-as agora sobre a direita; recolhendo-se no fim dos tres encontros cada qual a seu Castello, dando sua volta nelle sobre a mão direita; e arrostando-se outra vez no fim della, se acometteráõ huns aos outros (como fica dito) para as passagens. Porém tanto que hum guia com o seu fio chegar ao outro, se tornará a revolver sobre a mão direita ao seu Castello, na fôrma de quem joga canas; e tornando a arrostar-se com segunda volta sobre a mesma mão direita, sahirá hum dos guias a tomar ao outro o lado esquerdo ao meyo do terreiro, emparelhando-se com elle; e o mesmo fará cada qual com seu companheiro; e nesta fôrma dando volta a toda a praça, passaráõ suas carreiras emparelhados, não partindo huns até que os outros não sayáõ donde pararáõ.

*Como se haõ de correr as lanças de Brida à
Sortilha, e as regras que se devem guar-
dar.*

DE nenhuma sorte aconselharey a Cavalleiro algum, que se exponha a correr a sortilha com lança de Brida, sem que primeiro ande muy seguro, e ajustado na sella, e veja que passa as carreiras com toda a firmeza, e desenvoltura; porque para se tirarem as lanças com as leys, e gallardias necessarias, haõ de hir o corpo, e pernas taõ firmes, e ajustadas aos movimentos do Cavallo, que pareça tudo huma mesma cousa unida, Cavalleiro, e Cavallo; porque se naõ houver esta grande firmeza, e ajustamento, e o Cavalleiro for balanceando na sella, será cousa impossivel naõ só tirar bem as lanças, mas nem ainda fazer acção boa a Cavallo; ou se os estribos por falta de firmeza lhe forem bailando nos pés pela carreira; ou se por mal seguros os joelhos, forem abrindo, e cerrando; ou se o corpo mal seguro for fazendo balanços, e compassos; ou se por acudir ao reparo de
qual-

qualquer destes defeitos , se afferrou com força à redea , por ser hum arrimo que acha na mão a que se pegue ; ou se com elle fez ir anteparando o Cavallo , ou a trancos descompostos. Pelo que sem preceder primeiro esta firmeza , e segurança , se não deve expor o Cavalleiro a correr com lança , ao menos em publico ; porém achando-se já sufficiente , o fará na fórma seguinte.

Para que o Cavalleiro aprenda , e exercite a obra das lanças , e fortilha com todo o fundamento , he necessario que faiba , e haja entendido primeiro , que aquella carreira he repartida em tres terços , nos quaes se comprehendem , e estão significadas em summa todas as principaes operações da guerra viva , significando o primeiro terço preparar , fortificar , e armar ; o segundo arrojar , investir , e pelejar ; e o terceiro retirar , reparar , e refazer ; e que conforme ao que obrar em cada hum destes termos , haõ de ser julgadas pelos Juizes as boas acções , ou os defeitos que fizerem.

A primeira cousa será buscar Cavalleiro experto , não só na pratica , mas tambem na especulativa , para que o apadrinhe , e possa

possa indusriar, e advertir em todas as acções necessarias, mayormente quando chegar às occasiões publicas. Porém agora para mayor clareza do nosso intento havemos de suppor, que assim o Padrinho como o Cavalleiro ignoraõ totalmente o estylo todo, porque assim o hirey relatando muito por miudo, para que a todos os mais novatos seja intelligivel.

Estando no principio do ultimo terço da carreira postos os candieiros, nelles a corda com o fiel, e fortilha, hirá o Padrinho com a lança na mão, posto o conto, e pé della sobre a polpa da perna, na fórmula em que logo diremos a ha de levar o Cavalleiro, e pondo-se diante do Afilhado, hiráõ passfeando a carreira, começando o passfeyo do lugar aonde ha de vir a parar, e hiráõ com gallhardia, rostos alegres, e cortezia a todos, fazendo-as o Afilhado com o chapeo, e o Padrinho beijando a lança; e sómente às pessoas Reaes tirará tambem o chapéo, passando primeiro a lança à mão da redea, puxando o Cavallo atrás tres vezes, como he costume; e logo chegando por baixo da fortilha, a concertará, pondo-a de tal sorte, que

que fique dous dedos acima do chapeo do Afilhado ; para o que o mandará chegar debaixo della , e correrá o fiel quatro dedos, desviado do fio da carreira, que vindo correndo o Cavalleiro, lhe fique a fortilha pelo olivel da orelha esquerda : advertindo mais , que a corda esteja bem teza ; porque estando froxa , não varie os movimentos com qualquer vento ; e que junto aos candieiros não esteja pessoa alguma , porque estando rapazes inquietos, ou algumas pessoas mal intencionadas, não só se arriscará a perder as lanças ; mas a ver-se com a corda na garganta. Advertindo-se isto , se hirão continuando o passieyo ; e tanto que o Padrinho achar , que o Afilhado tem chegado ao posto , e lugar donde se ha de correr , mandará parar o Afilhado , e elle dando mais dous passos a diante , inclinando o Cavallo à parte direita algum tanto , voltará logo sobre a esquerda , e chegando pela direita do Afilhado , beijando a lança , lha dará inclinada com a ponta diante delle , passando logo por detrás da anca do seu Cavallo , para voltar sobre a mão direita , ficando com o rosto para a esquerda

da do Afilhado : o qual recebendo a lança com a mesma acção de cortezia , a porá com o conto sobre a coxa junto à borrena de diante , acima do joelho hum palmo , pouco mais , ou menos , a ponta inclinada para diante , que fique pelo direito da orelha esquerda do Cavallo ; porém levantada em tal medida , que se da ponta della cahir hum prumo , fique dando na dita orelha do Cavallo ; e abrangerá a lança com todos os dedos da mão , sem estender o index por entre as roscas acima (como alguns erradamente o fazem) e com o braço algum tanto arcado , levantado o cotovelo , e não encolhido , as pernas , e corpo taõ direito , e ajustado , como já diffemos , e armado nesta fórma : advertindo que em toda a carreira não ha de tomar respiração , porque se o fizer , diminuirá muito o alento , e firmeza da lança.

Hirá virando o Cavallo , livrando-lhe o corpo algum tanto para a parte direita , para que volte melhor sobre o fio da carreira , e voltando sobre a esquerda , partirá logo em arrostando a carreira ; porque nesta Cavallaria , he froxo , e se não permite ter pri-

meiro

meiro parado o Cavallo algum tempo, como na Gineta. Logo no primeiro tranco levantará a lança dous dedos, sem advertir da mesma postura em que a leva, mais que despegalla da coxa; e ao segundo tranco a hirá começando a descer, levando o lugar da mão pelo olivel do corpo abaixo, afastando d'elle a lança, espaço de dous dedos, até de todo ficar o braço estendido, e o conto da lança cahirá ao olivel do canto da aba da sella de trás, e a ponta assim nesta, como em todas as de mais posturas, e movimentos, hirá sempre inclinada para a parte esquerda, de tal modo, que fique cobrindo o corpo do Cavalleiro; de forte, que quem estiver no lugar donde o Cavalleiro partio a carreira, veja sempre o ultimo da ponta da lança pela orelha, e lado esquerdo do Cavalleiro, e no mesmo ponto em que chegar com a lança a esta postura, a hirá logo levantando pelo mesmo olivel do corpo; e assim que a for levantando, hirá arcando o braço, porque lhe dê mais ar, e galhardia, até que o cotovelo fique no direito do ouvido, unindo, e firmando o pé da lança junto ao sangradouro do braço.

Até esta postura , que he a mais galharda de toda a carreira , gastará taõ sómente hum terço della , e daqui começará a ir baixando muito serenamente a lança , e braço , sem delle despegar o pé , até cahir com a ponta na fortilha , hindo-a recolhendo com o mesmo braço no enriste (sem a pegar no corpo) com hum principio de volta , com que fiquem as unhas para o peito , e naõ para o fovaco. E até esta postura , que he no lugar da fortilha , gastará o segundo terço ; e passando a fortilha , que he o principio do terceiro , começará a desfandar aquella meya volta da maõ , que deu ultima , tirando juntamente do enriste a lança , e braço a diante , coufa de quatro dedos. E logo a hirá descendo ao olivel do corpo na mesma fórma , que diffemos nos segundos trancos da carreira , com que ao penultimo tranco a tenha de todo descida , e ao ultimo a torne a pôr na coxa : advertindo que em todo o curso da carreira naõ ha de ter a lança , nem hum instante ociosa. Logo que o Cavalleiro tiver parado , partirá o Padrinho correndo , trotando , ou passeando (se bem naõ deve ser com muito vagar , pelo naõ fazer

espe-

esperar) e se vier correndo, parará o Cavallo atrás delle, e logo passando pela mão esquerda do Afilhado , voltará sobre a direita, e lhe tomará a lança com a cortezia, que já dissemos , sahindo-se de volta por detrás da anca do Cavallo do Afilhado ; o qual voltando sobre elle, o seguirá, para tornarem a ir buscar outra carreira na mesma fórma , e assim mesmo em todas as mais, e na ultima acompanhará o Padrinho ao Afilhado até o tirar fóra do districto da carreira. Tambem se corre à fortilha tirando as lanças à ley d'armas , que he na fórma que descrevem outros ; porém são na fortilha menos airosas, e pouco usadas.

He bom para tirar melhor as lanças , levar o estribo da parte direita mais curto huma polegada ; porque como o corpo pende para a parte da lança , se endireita melhor com esta cautela , e leva mais fortaleza , e segurança ; porém isto he segredo , e não regra.

Muitas vezes os Cavalleiros novos descuidados levaõ a boca aberta na carreira , que he grande fealdade , o que devem emendar com trazerem grande cuidado nisso até perderem o defeito.

*Como se deve tourear à Brida , e os estylos
que se devem observar conforme a me-
lhor opiniaõ.*

A Arte , e destreza de tourear he hum dos mais excellentes exercicios , que se obraõ na Cavallaria , e por esta razaõ a estimaõ , e prezaõ de a exercitar todas as peffoas grandes , que a podem aprender , e se achaõ com natural inclinaçaõ. E como este acto he ordinariamente taõ publico , onde o Cavalleiro leva a julgar todas as suas acções a tantos , e taõ diversos juizes , quantos sãõ os que estaõ vendo , devem com razaõ fazer primeiro todos os ensayos , que lhe parecerem necessarios , para com toda a perfeiçaõ obrar depois , e sem ir fiado nelles , e nas sufficientes operações de animo , naõ deve expor a sua honra , que está primeiro , e logo a sua vida , a hum acto taõ notorio , fazendo-o sómente , quando para todas as acções deste exercicio se achar capacitado. Para o que farey algumas advertencias , sem embargo das muitas , com que todos os Authores da Gineta se tem largamente dilatado.

He

He este exercicio de tourear mais frequentado à Gineta do que à Brida, sem fer por outra razaõ mais, que a de levar o Cavalleiro as pernas mais levantadas, e com menos risco dos córnos do touro, que mostrão mais temor, porém naõ mais valor, nem bizzarria. Com que outras mayores commodidades da Brida facilitaõ, e remedeaõ este inconveniente.

A primeira, e mais necessaria cousa para este acto, he o fazer eleiçaõ de bom Cavallo; que deve ser alto, e naõ muy bojudo; muito vivo, e ligeiro, porém naõ ponedor, nem inclinado a fazer curvetas; muito sujeito, e obediente ao minimo manejo da redea de maõ cheya, e naõ boquimolle; muy bem adestrado na intelligencia da perna, e fazer os redobres, quebrando-se com presteza a huma, e outra parte, e o devem ter na estrebaria entre duas vacas manfas, que comaõ com elle na manjadoura muitos dias; e sobre tudo que seja Cavallo castiço, de boa condiçaõ, que para os publicos sempre saõ mais seguros, e leaes.

Os garrochões devem ser de sete palmos, e só se permittem de oito para a postura

tura de anca revolta , de pinho seco , e com alguns furos , se forem muito fortes ; os ferros compridos , bem tirados , e não muito largos , e sem farpas , que possaõ pegar ; as hastes das garrochas se querem de mayor comprimento , e mais delgadas com muitos furos , cheyas de varias fitas ; os ferros quanto mais pequenos , mais depressa entraõ a embeber as farpas.

Como devem ser as entradas na praça todos o sabem , fazendo-as cada qual com mais , ou menos lacayos , e ostentaçaõ de galas , conforme seu gosto , e possibilidade. Huns fazem as entradas antes de sahir o touro , fazendo as cortezias devidas conforme as pessoas , que estiverem presentes ; e havendo pessoas Reaes , se devem ir buscar primeiro , puxando o Cavallo atrás tres vezes , como todos sabem , sem antes disso tirar o chapeo a pessoa alguma , e logo depois a toda a praça em redondo , fazendo a volta sobre a mão direita. Outros fazem as entradas depois do touro andar fóra , que não tem esta menos galantaria , entrando naquelle tempo , em que todos se affastaõ , e recolhem para os palanques , e lugares seguintes.

Deve entrar o Cavalleiro airoso, alegre, e desenvolto, como se alli não houvesse touro, nem coufa de sobrefalto, tratando com todo o socego de continuar as suas cortezias, fazendo-as com o chapeo abaixo até sobre a coxa, com o vaõ da copa para fóra, que he mais rasgada, e airosa a cortezia (supposto que se usem na postura da gineta, pondo o chapeo no peito) e sempre com todo o cuidado, ainda que o não manifeste nos movimentos do touro, levando o lacayo do garrochaõ com elle sempre prompto junto da anca do Cavallo, ao lado direito, para que se o touro o acometter, o ache apto para lhe fazer a fórte; e tambem será obrigado a acodir a qualquer dos lacayos, ou pessoa a que o touro tomar nos córnos, ainda que vá no acto das cortezias, e depois as tornará a continuar, hindo, logo que as acabar, a demandar o touro a onde estiver, tendo grande advertencia de o não cometter nunca por parte donde lhe fiquem paredes, ou palanques à mão esquerda do touro, nem por detrás, porque lhe impediráõ o poder sahir do encontro.

Com huma de tres posturas se costumaõ buscar os touros com o garrochaõ. A primeira, e mais galharda he a de rosto a rosto; em todo o genero de acomettimentos, he sempre a mais soberana, e limpa, levando o Cavallo de passo muy apercebido, a ponta do garrochaõ mais levantada, porque he melhor para ferir, e acertar o golpe, o descella alguma cousa, do que o levantalla; e assim como o touro vier investindo, ladear o Cavallo alguma cousa à parte esquerda, que para isso saõ melhores as ajudas das pernas livres, para fahir melhor do encontro, e executar a sôrte, pondo-lhe sempre a pontaria entre os cornos, porém mais para a parte direita delles, por se naõ arriscar a passar o garrochaõ por cima em claro; e naõ se deve dar com elle chuçada, senaõ apontallo sómente com firmeza do braço, que o touro se crava por si mesmo, carregando-o depois de elle se hir entrando. O ferro do garrochaõ se naõ deve pôr atravessado, senaõ de fio, que para esta postura he mais seguro, porque ainda que se erre a nuca, sempre a ferida se executa, porque naõ sendo nella, sempre he no pescoço,

ço , ou na entrada das pás , por donde o garrochaõ se embebe grande parte , cahindo ordinariamente o touro morto. E logo que excute a ferida, arrimando a perna direita muito ao Cavallo , fará quebrar sobre o touro, sahindo logo adiante, e lançando para o ar a parte , que do garrochaõ lhe ficou, naõ o seguindo o touro ; porque se o seguir, lhe irá dando com elle no focinho, até que desembaraçando-se delle tome outro garrochaõ ; e em caso que naõ execute o golpe, sempre sahirá pela anca do touro sobre a maõ direita ; e havendo feito boa fórte, ou morto o touro , se naõ alvoroce com demonstrações de vangloria , que he cousa aborrecida , mas ficando seguro , e senhor de si , como dantes ; e terá advertido aos lacayos , que cahindo o touro, lhe cortem logo os jarretes, pelos inconvenientes , que de naõ o fazerem algumas vezes se seguem , tornando-se a levantar.

Nesta mesma postura, que dissemos, se busca tambem o touro , partindo a elle à meya redea, e ao mesmo tempo, em que elle parte, levando o Cavallo justo, e muy bem acompanhado da perna direita, para

o carregar à parte esquerda, livrando-lhe o corpo do fio do encontro; e passado elle, quebrallo sobre a mão direita, ou execute, ou não a ferida; porque para o touro revolver sobre o Cavalleiro, o faz menos naturalmente, e com mayor dilação sobre a mão direita, do que sobre a esquerda. E assim se tornará a preparar, e a prover do garrochaõ, como temos dito.

A segunda postura de buscar o touro, e mais usada, he ao estribo; para o que se deve ir buscando a passo ordinario, porém sempre o Cavallo apercebido. E tanto que o touro partir (que logo mostra quando o quer fazer, com o bater as orelhas para diante, que he signal infallivel) se inclinará o Cavallo de fórte, que o touro o venha investindo pelo direito do estribo, e chegando à medida do garrochaõ, ha de ser o mesmo o porse-lhe entre os córnos, e o arri-mar à perna direita ao Cavallo atrás, fazendo-o desviar a anca, e quebrar sobre o touro, sahindo sobre a mão direita, e seguindo em tudo o mais, que já temos dito.

Tambem se busca o touro para esta
mes-

mesma postura, voltando em galopes ao redor delle sobre a mão direita, apertando as voltas até elle arremeter, ou largar o posto, hindo sempre com o garrochaõ preparado; e tanto que o touro acomette, se lhe faz a fórte com muita segurança, porque hindo o Cavallo nos galopes, fica mais facil em livrar logo o corpo do encontro.

A terceira postura he, a que chamaõ de anca revolta: esta he a mais segura, e menos usada, e não taõ airoza como as outras, e se executa com o garrochaõ mais comprido hum palmo que os outros, esperando-se o touro com a anca para elle, e o Cavalleiro com o corpo voltado sobre o lado direito, tendo o Cavallo muy apercebido, para que tanto que o touro chegue à medida, a ferida se execute, e incontinentemente se faya logo a diante, porque ao desarmar o touro, o não apanhe. E assim esta sahida, como todas as mais, não deve o Cavalleiro fazer muy largas, por não parecer, que foge; mas sómente o que baste para livrar do encontro, revolvendo antes o Cavallo do que correndo, porque o segue menos na volta, que na carreira.

Tam-

Tambem se tourea , e fazem sórtes muito engraçadas com a garrocha , levando varias fitas junto da farpa ; e como estas são mais compridas , que os garrochões , e se pega nellas unhas acima , tem menos risco as sórtes , que com ellas se executaõ , e se pôdem fazer em todas as tres posturas , sendo a principal a de rosto a rosto , e tambem a do estribo ; que a da anca revolta , he menos propria nesta postura.

Com a garrocha se fazem as feridas nas mesmas partes , que com o garrochaõ , e tambem no focinho , onde pegaõ muito melhor , e nas orelhas , olhos , testa , e tudo o que ha do peito para diante , onde parece muy bem depois da sôrte as hastilhas pregadas , e as fitas tremolando.

E se advirta , que de qualquer maneira destas , que se fação as sórtes , se haõ de executar sempre , quando o touro cometer ; porque hirlhe metter o garrochaõ , onde elle e stiver acantonado , ou rendido , nem quando elle passa para outra parte , ou vay fugindo , naõ he cousa praticavel , nem tambem conveniente andar com muitos excessos , buscando o touro , quando he pouco

ani-

animoso, e anda fugindo, ou buscando as tranqueiras por onde faya : o mais que se póde fazer, quando elle anda pela praça, he hirlhe occupar o posto onde mais costuma estar parado escavando, porque alli o virá melhor a acometter.

Em todas as fortes andaré o Cavalleiro sempre muito defafogado, e senhor de si, com grande cuidado na composura do corpo, e pernas; mas não mostrando ser affectação na advertencia, senão como descuido natural, empunhando o garrochaõ com ar, e manejando a garrocha com galhardia.

As causas, que obrigaõ ao toureador a puxar pela espada (que deve ser larga, e com bom fio) e avançar com ella ao touro, são todas aquellas, em que o touro o offender, deixando-o (como dissemos) affrontado, como são: ferirlhe o Cavallo, fazerlhe perder o estribo com encontro, quebrarlhe o peitoral, ou huma das tres filhas (porque sendo todas se ha de apear, e investillo a pé) cahirlhe o chapeo, tomarlhe algum lacayo nos córnos, ou toureiro, que ande com elle acompanhando-o; porque sendo outras diversas pessoas, só lhe acodirá
com

com o garrochaõ, e assim algumas mais semelhantes, em que se veja recebe o Cavalleiro aggravo. E logo que tirar pela espada, que será com toda a desenvoltura, e por cima do braço da redea, investirá ao touro por toda, e qualquer parte, que o colher mais depressa, dando-lhe cutiladas, e procurando sempre, que estas sejaõ antes do meyo do touro para diante, que para trás, e quanto mais se chegar, e arrimar a elle, saõ mais seguras, e melhores, chegando-se sempre com o lado direito, e depois de haver dado algumas cutiladas boas, e que bem se manifestem, o deixe acabar de jarretar aos lacayos; porque andando o touro já rendido, não pareça em Mouro morto graõ lançada; e em todas as occasiões, que puxar pela espada, ha de fazer que primeiro o touro morra, do que a embainhe.

Os casos, que obrigaõ ao Cavalleiro a buscar o touro a pé, e investillo às cutiladas, saõ todos aquelles, que por qualquer modo lhe impediaõ o buscallo de Cavallo, como saõ matarlhe o Cavallo, ou ferillo tanto, que o incapacite, ou fique com tan-

to medo , que totalmente fuja ao touro , o quebrarlhe as filhas todas , o cahirlhe o Cavallo , e quebrarlhe as redeas ambas , ou huma só , cahirlhe a espada , e affim tudo o mais em que o Cavalleiro fique defarmado , e incapaz de poder investir o touro de Cavallo , e outros casos a estes semelhantes ; que como são alguns contingentes , e se não pódem prevenir , se regularão pelos que temos relatado : e tambem será obrigado a pôr logo os pés em terra , se vir que alguns amigos se anticipaõ a descer dos palanques a seu respeito , ainda que seja sem haver occasiaõ para isso.

Tanto que o Cavalleiro se pozer com os pés em terra , sem embaraço , nem dilacão alguma , hirá logo com a espada na mão rosto a rosto direito ao touro ; advertindo que em o touro o acomettendo , o espere , não de ilharga , mas com o peito a elle ; na qual postura ha de estar até chegar muy perto , porque de se desviarem alguns muy cedo , nasce o hirem os touros seguindo , e executando , com que só ao tempo do abaixar o touro a cabeça , e fazerse para o levar , he que ha de desviar entaõ o

pé direito com o corpo sobre o esquerdo, deixando cahir no mesmo movimento a espada sobre o pescoço do touro, ou tambem no focinho, ainda que o golpe do pescoço he o melhor; com que fazendo-se com acordo, e ligeireza, hirá o touro desarmando a diante, deixando-o livre: se logo tornar a fazerse, esperallo outra vez da mesma fórte, to las as mais, que forem necessarias. Este modo de desviar para a parte direita do touro he muito melhor, que para a esquerda; porque os touros sempre abaixaõ, e arrimaõ o córno esquerdo, e naõ o direito, como a larga experiencia tem mostrado, e o golpe tambem he mais seguro, e melhor de talho, que de revés; com tudo pelas differenças de casos, e successos, que póde haver, bom he saber livrar o corpo com presteza sobre huma, e outra parte.

MANEJO REAL DA CAVALLARIA.

P A R T E II.

*Quaes sejaõ as partes, e feições, que fazem
o Cavallo formoso.*

HE necessario saber, que debaixo deste nome Cavallo se comprehendem todos quelles, que variamente se nomeaõ; Cavallo de rua, faca rocim, quartáo, e outros. Porém o Cavallo de que em termos fallamos, he aquelle em que verdadeiramente concorrem todas as perfeições, que direy, ou ao menos a mayor parte dellas; porque raras vezes se poderãõ achar juntas em hum Cavallo; porém aquelle que destas, que aqui apontar, tiver mais, esse se entenderá, que tem mayores vantagens.

Primeiramente deve o Cavallo ser bem proporcionado de membros, com igual correspondencia de huns a outros.

Deve ter as orelhas juntas huma da outra, direitas para cima, e não derramadas para os lados; grandes, delgadas, com o pello curto, que mostre as veyas.

O topete comprido, e sedas finas; a testa larga, e sem covas fundas acima das sobancelhas: as queixadas estreitas, no que vay da testa ao pescoço; porém bem apartadas, e largas huma da outra por baixo, para que a garganta entre bem nellas, e lhe não impida o recolher da cabeça para o bom enfreamento.

Os olhos grandes, claros, alegres, e bem sahidos para fóra, e a distancia que vay delles, até as ventas, muy escarnada, estreita, e com muy pouco pello.

As ventas largas, e córadas por dentro, e que tenhaõ os orgãos, a que chamaõ alentos, bem abertos; e aquelles que tiverem dous de cada parte, são os melho- res.

O beijo de cima agudo, e mais comprido, que o debaixo: os dentes brancos iguaes

iguaes com os debaixo, e não belfos; os beiços affim de cima como debaixo delgados, e não carnudos.

A boca estreita nos assentos do freyo, porém rasgada para cima.

Os pádares acima dos dentes recolhidos: a barbada descarnada: o pescoço estreito junto às queixadas, comprido, e que o seja mais desde os peitos até as queixadas, e mais curto das orelhas para a cernelha.

As crinas compridas, finas, e não muy bastas.

A taboa não redonda, mas larga, teza, e sem gato.

A cruz, ou femelha, grossa, e mais alta, que a anca.

As espaldas não muy carnudas.

Os peitos largos, sahidos para diante, e não encovados.

As mãos grossas, mas descarnadas: os joelhos planos.

O nervo, que vay detrás da canella, grosso, e enxuto.

A junta debaixo enxuta, e sem sedas nos travadouros.

As quartellas curtas. A

A coroa do casco negra , e que não seja acima tão larga , como abaixo.

Os candados largos , e altos.

A tapa do casco negra , ou parda liza ; igual , e sem rugas ; na forqueta do calcanhar larga , e apartada.

Todo o casco redondo , e muito mais largo abaixo , do que em cima na coroa do casco.

As ranilhas enxutas , e a palma recolhida , para que fação o casco concavo , e vazio por dentro , e que as mãos sejaõ direitas , e não esquerdas , e haja mais distancia de hum a outro terço , do que de hum a outro casco.

Os lombos fortes , e não muito pandos para baixo.

As costellas , que nasçaõ largas em cima , e que não sejaõ redondas , e apanhadas.

O bojo largo , mas não muy descido.

Os rins planos.

As ancas iguaes , e partidas com canal pelo meyo ; o sabugo do cabo curto , e grosso , bem recolhido no nascimento ; e bem provido de sedas finas , e luzidas.

Por

Por baixo do cabo , que não seja concavo , mas sim sahido.

Os testiculos pequenos.

A verga curta , e com algum final branco : mas o embigo , que não seja branco.

As coxas largas , e grossas por dentro , e por fóra.

As sodras sahidas , e avultadas.

As curvas enxutas.

Os nós das juntas descarnados.

As pernas , e mãos grossas de ossos ; porém enxutas de carne.

As juntas debaixo , quartellas , e cascos , como dissemos das mãos.

Largo , e apartado de huma , e outra perna.

E sobre tudo será necessario para dar alma a estas perfeições , que tenha ardençia , e alegria , com paixão moderada , para que lhe não falte a viveza , e alento necessario.

Das cores, e sinaes, que fazem mais galharda a gentileza do Cavallo, e do que indicaõ humas, e outras.

Sobre as cores dos Cavallos tem feito varios discursos os Escretores, inclinando-se huns mais a estas, e outros àquellas; porque assim como são diferentes os gostos, assim são diversas as opiniões.

Com que será necessario declarar por extenso quantas sejaõ as cores simples, e mescladas, dando methodicamente a razaõ, porque humas produzem melhores effeitos do que outras.

Todas as cores dos Cavallos se reduzem a quatro, semelhantes aos quatro humores, de que o animal he composto, que são, sangue, colera, melancolia, e fleuma; sendo o sangue vermelho, a colera amarella, a melancolia negra, e a fleuma branca: seguindo os quatro elementos, que são ar, comparado ao sangue, fogo à colera, agoa à fleuma, e terra à melancolia.

E daqui se segue, que da cor do Cavallo se infirirá qual destes humores domina
mais

mais nelle ; porque sendo semelhante mais ao vermelho , diremos que o fangue ; se ao amarello , que a colera ; se ao negro , que a melancolia ; se ao branco , que a fleuma.

E não só nos Cavallos , mas nos mesmos racionaes vemos produzirem os humores os effeitos do seu temperamento. He o homem fanguineo , rosado , leve , e alegre ; e pelo contrario o melancolico , escuro , pezado , e triste ; e assim os mais : sendo certo , que a natureza do temperamento move a inclinaçãõ , como bem disse Plataõ , e outros Filozofos ; e com mais efficacia no irracional , do que no homem , pois este com as operações do discurso , e da razaõ a tempera , e modifica.

E em consequencia deste principio , regra , e sciencia certa , direy quantas sejaõ as cores dos Cavallos , e as que denotaõ bom , ou maõ temperamento , conformandome tambem com a experiencia.

As cores , em que mais dominaõ dos humores o fangue , e dos elementos o ar , saõ castanho claro , castanho maduro , castanho nebruno , castanho pecenho , castanho dourado , e castanho boyuno : e de todas estas

cores são bons os Cavallos, e de bom temperamento, tendo os extremos pretos, e sendo sobre ellas bem affinalados, como em outra parte diremos: exceptuando o castanho boyuno, que he huma côr deslavada como de boy; mayormente tendo os extremos da mesma côr; pois estes taes não ha peyores bestas, como nos tem mostrado a experiencia.

As cores, em que dominaõ mais dos humores a fleuma, e dos elementos a agua, he o branco, e a estes pertence oporcelana, o ruço argentado, ruço queimado, ruço rodado, ruço cardenho, ruço tordilho, ruço sabino, ruço ruaõ, ruço melado, ruço pecenho, e ruço cabeça de mouro.

Os melhores Cavallos destas cores são aquelles, que ao pello branco misturaõ os pellos, em que dominaõ mais a colera, e o fangue, para que os anime; e he de bom temperamento o ruço sabino, por ser composto de tres cores, castanho, branco, e preto: estes costumãõ ser fortes, mansos, e de bom medrilho. O ruço rodado, ruço escuro, tendo o pello luzido, e os extremos, são muito fogosos, ardentes, fortes, e aturadores; porque domina nelles muita colera,

ra, e requeimando-se, se lhe converte na melancolia adusta.

Os brancos são brandos, froxos, e de pouco alento; como também os ruços claros, e os porcelanas ordinariamente de máos cascos.

As cores, em que mais dominaõ dos elementos o fogo, e dos humores a colera, são, alazaõ claro, alazaõ escuro, alazaõ tostado, ruaõ escuro, melado escuro, e ruaõ picado, a que os Castelhanos chamaõ assucar canella. Destes os melhores são o lazaõ tostado, lazaõ escuro, e o ruaõ escuro, sendo affinalado com muitos brancos; porque com a fleuma temperaõ a colera: estes costumã ser muito fogosos, vivos, ligeiros, e esquentados de boca. E todas as cores desmayadas não provaõ bem, e regularmente são faltos de cascos.

As cores, em que dominaõ dos humores a melancolia, e dos elementos a terra, são o murzello, o melroado, e andrino, o castanho escuro, o pardo, e o pelle de rato. Destas os melhores Cavallos são os castanhos escuros, os andrinos, e murzellos, sendo o pello bem vivo, luzido, e o do

murzello bem azevichado ; porque denota requeiração de colera , convertida na melancoliã aduſta ; de que ſe ſegue terem muita paixãõ ; e para temperar eſta he bom , que tenhaõ muitos ſinaes brancos.

As outras cores melroado , e pelle de rato , ſaõ as peyores ; e aſſim coſtumaõ os taes Cavallos ſerem de poucos espiritos , froxos , tristes , e ſujeitos a varios achaques.

As outras cores de foveiro , e remendado ſe naõ póde dar razaõ ; porque de qualquer cõr os póde haver miſturada ao branco : e aſſim ſe entenderá , conforme a ella , a que humor , e inclinaçaõ ſe ſujeita.

E ſobre tudo ſe póde ter por regra geral , que toda a cõr bem viva , o pello fino , luſtroſo , e curto , que ſe vejaõ as veyas levantadas ſobre a pelle delgada , ſaõ ſinaes infalliveis de Cavallo fino.

Dos ſinaes brancos dos Cavallos , dos que denotaõ bem , ou mal.

Muitos tiveraõ para ſi , que os ſinaes brancos dos Cavallos eraõ mais neceſſarios nelles para a galhardia , e ornato ,
do

do que para os prognosticos, e indicios da sua boa, ou má inclinaçãõ; porque como está dito, tudo o que elles tem de branco he fleumatico, e máo, e sómente he necessario mais em algumas cores de fortes temperamentos para as conter.

E assim para a formosura, e perfeiçãõ do Cavallo (como digo) são muito necessarios; e porque tambem he certo, como a experiencia mostra, que os zainos por falta de sinaes são ordinariamente de pouco valor, e estimaçãõ: pelo que começando desde a cabeça até os pés, direy o conceito, que conforme os Authores, e experiencia de huns, e outros, se tem.

Primeiramente a estrella branca na testa, a que os Francezes chamaõ pelota, estando bem alta, he bom final: a silva branca, começando acima dos olhos, e acabando antes das ventas, he final bom, e muito melhor sendo direita: a frente aberta, que he huma sylva larga, como não chegue das bandas aos olhos, nem lhe cubra os olhos, he bom final: a verga com final, ou malha branca, he bom final: o pé esquerdo he bom final, e muito melhor os pés ambos; e sendo

do os brancos de hum, e outro iguaes, muito melhor; e estes sendo marchetados com arminhos pretos, ainda com mais vantagem: as sedas brancas sobre o nascimento da cauda he bom final: as moscas brancas por todo o corpo do Cavallo, com tanto que não sejaõ mais pequenas, que moscas; porque taes costumaõ havellas os Potros, quando a pelle he branda, procedidas de picadas dellas, e he indicio certo de ser a pelle molle; porém as que são naturaes, são boas. E estes até aqui são só verdadeiramente os bons finaes.

Os que se lhe oppoem, e são mal opinados, são a estrella abaixo dos olhos, ou a huma banda, he máo final.

A sylva, que principia dos olhos para baixo, he máo final; e os Cavallos, que a tem assim, costumaõ ser encapotados, rasteiros, e defairosos no obrar; e se esta sylva pára, e interpolla com a côr do Cavallo, e ao depois torna a continuar, he peyor (porque aos taes chamaõ sobrefaltados) e se reputaõ por traidores, com que algumas pessoas tem delles peyor conceito, do que dos argeis.

A fylva, que nascendo direita, for voltando a acabar sobre alguma das queixadas, he máo final ; e peyor sendo sobre a esquerda.

O que chamaõ façalvo, ou touca branca, que cobre o branco a mayor parte do rosto, he máo final ; e peyor, se continuando por cima das ventas, entrar na boca, a que chamaõ (beber em branco) e ainda ferá muito peyor, se comprehendendo algum dos olhos, ou ambos, tomarem a côr do branco, ficando zarcos.

Qualquer outro final nas queixadas he máo final, sendo malha branca.

O branco por baixo da barriga he máo final ; e tambem os pellos brancos nas verilhas são máos.

Huma mão branca he máo final ; e peyor sendo a esquerda.

As mãos ambas brancas he máo final ; e quanto mayor for o branco, peyor ; e muito mais não havendo branco nos pés.

O pé direito branco he reprovado, a que chamaõ argel.

O que tem o pé direito, e a mão da mesma parte, chamaõ travado ; como tambem

bem o que tem a outra mão, e pé da mesma parte.

O que tem o pé direito, e ambas as mãos, chamaõ argel transtravado.

Dos rodopios bons, e mãos, e dos que chamaõ Gayas.

PElo que pertence aos rodopios, he necessario entenderse, que huns são naturaes, e outros extraordinarios. Os naturaes he bom prognostico, que não falte algum no seu proprio lugar; e pelo contrario faltando com elle a natureza, he prognostico adverso: são os naturaes, hum em meyo da testa, outro na garganta, dous nos peitos, nas verilhas dous, e no embigo hum.

Dos extraordinarios querem os Francezes, que sejaõ bons, e de condiçaõ soberana os Cavallos, que tem dous, ou tres na testa.

São muito excellentes os rodopios junto às crinas na taboa, e quanto mais juntos à cabeça, melhor; e sendo compridos (a que chamaõ espada Romana) ainda com mayor vantagem; e se da outra parte da taboa

boa houver outro semelhante no mesmo lugar, he sobre todos melhor.

Todos os rodopios da espora para trás são bons; e muito melhores, se forem junto ao nascimento da cauda de ambas as bandas; porque os Cavallos, que os tem, costumão ser muy velozes, e corredores; e por isso chamaõ os Mouros aos taes rodopios figas para os que vem de trás.

Tambem os dous naturaes das verilhas he bom final, que subaõ bem altos junto aos rins.

O rodopios, que denotaõ má inclinação, são aquelles, que estaõ nas espaldas, ou junto dellas, e pelos peitos fóra dos naturaes; e todos os que estiverem visinhos à região do coração; porque a estes chamaõ Gayas, que se achaõ muy ordinariamente nos Cavallos traidores, e de inclinação perversa.

Como se ha de fazer a escolha dos Potros, que andão nas manadas ; e das cautelas com que se devem comprar os que estão já recolhidos, e pensados.

Assim como ha alguns homens, que são inimigos de criar Potros, e que seguem aquelle proverbio, de que quem cria hum Potro, não cria outro; assim tambem ha outros taõ inclinados a esta criação, que apenas lançaõ de casa huns já feitos, quando logo trazem outros: e para que haja muitos, e bons Cavallos, he de louvar a curiosidade desta criação; mayormente nas pessoas, que vivem fóra no campo, e quintas largas, aonde lhes he mais facil, e conveniente, porque sem trabalho os vaõ criando alli com suavidade no pasto; não deixando por isso de ter os Cavallos, que costumão para seu serviço.

A primeira cousa, e a mais principal, que aconselharey aos que quizerem fazer boa criação, he que mandem vir os Cavallos do Reino de Andaluzia, que pela experiencia, que temos, sempre he mais segu-

ra a criação, que nelles se faz; porque ainda aquelles, que não são finos, sempre sahem com boa figura, e com capacidade para servirem bem nas estradas, e na caça; e raras vezes se tem visto, que fayaõ froxos, e ciosos, ou moleiros, que são irremediaveis defeitos, de que se seguem outros peyores.

Porém quando não seja possível, que venhaõ daquelle Reino, tambem costumaõ fahir bons os do campo de Coimbra, e de terra de Miranda da Provincia de Tras dos Montes; donde temos visto fahir Cavallos de boa figura, e de boa condiçaõ; e para este fim será necessario tirar informaçã, se são de boa raça os pays, e avós, e se do pay, e mãy tem sahido outros bons Cavallos; e quando não possaõ preceder estas informações, e os forem escolher nas manadas, será necessario, que tenhaõ observaçaõ destas seguintes advertencias.

Que entre toda a manada será o melhor Potro aquelle, que levantar mais por cima dos outros a cabeça.

O que dando-lhe hum tiro, ou fazendo-lhe algum estrondo perto da manada, fahir della mais furioso, e ligeiro.

O que passando algum ribeiro, vallado, ou parede, se arrojar primeiro a passar diante.

O que tiver as orelhas mais juntas, grandes, direitas, e delgadas.

O que tiver os olhos mais vivos, grandes, e sahidos para fóra.

A cabeça mais pequena, secca, e descarnada, a modo de carneiro.

O pescoço comprido; porque entendem pouco aquelles, que os buscão curtos, e grossos.

As costellas largas, e bojudas.

Os ossos dos quadris distantes hum do outro.

O sabugo do cabo curto.

As coxas das pernas com algumas foderas sahidas, que he sinal infallivel de que venha a alargar muito.

As pernas bem apartadas huma da outra, como tambem as mãos, e que não sejam esquerdas.

Os cascos redondos, negros, ou pardos.

E isto basta, que se acha em hum Potro bruto, ainda que pareça feyo; porque
tudo

tudo vem depois a compor com as carnes, sendo bem pensado, e com luzimento do pello estando recolhido.

Naquelles, que estaõ já recolhidos nas estrebarias, e pensados, saõ mais enganofas as compras, e escolhas, que nelles se fazem; porque estando já limpos, gordos, cubertos, e com o pello assentado, enganaõ ordinariamente à primeira vista; de tal sorte que os mais advertidos tem errado em semelhantes compras. Além de que alguns criadores os cebaõ, dando-lhe de comer mantimentos muy prejudiciaes à conservaçaõ da faude, que supposto a tenhaõ de presente, depois com qualquer trabalho lhe sobrevem grandes achaques, daquelles mantimentos grossos, e demasiados, que o calor, por superfluos, naõ póde vencer; e ficando sem perfeito cozimento, se convertem em humores crassos, e petuitosos, de que se adquirem grandes enfermidades, e manqueiras, como ordinariamente vemos.

Costumaõ tambem estes taes criadores, para que os Potros pareçaõ bem assinalados, fazerlhe estrellas, e moscas brancas pelo corpo; e para o tal effeito lançaõ hum lagar-

to vivo em agua ardente refinada , até que nella apodrece ; e depois lhe poem emplastos repetidos por vinte e seis , ou vinte e sete dias na parte , que tem rapado com huma pederneira fina até fazerlhe sangue ; e tambem para o mesmo fim usaõ de huns pôs feitos de raiz de pepinos silvestres (a que o vulgo chama de S. Gregorio) misturados com doze escropulos de salitre , e mel , e tambem farinha de favas o que baste para fazer unguento , que lhe poem repetidas vezes ; e desta sôrte com a industria da arte emendaõ os defeitos da natureza.

Tambem para encobrir os finaes mal postos dos Cavallos argeis , e dos sobrefaltados costumaõ tingirlhe os brancos ; para o que lhe poem unguento feito com sete escropulos de caparrosa de vitriolo , e quatro escropulos de erva espirradeira , ou o seu succo , misturado com sebo de crestaõ , e com elle lhe untaõ os pellos brancos para lhos fazerem pretos.

De que idade se devem recolher os Potros à estrebaria, e como se devem fazer trataveis, e sujeitar às prizões.

TAnto que o Potro se apartar da manada, e conduzir do monte, se trará alguns dias nos campos, ou em tapadas com outras bestas, até perder as saudades; e o não tiraráo do pasto até a idade de dous annos, e ainda mais, havendo commodidade, aonde pafte seguro, e livre das Egoas, se a condição delle o permittir; que supposto o Capitão Pedro de Aguiar no seu livro da Alveitaria cap. 6. aconselha, que de hum anno o podem recolher à estrebaria, e o costumem às prizões; tem mostrado a experiencia, que andando livres no seu pasto natural, e descubertos ao tempo, se fornecem, e fortificaõ melhor nos membros, e crescendo, alargando, e endurecendo, para que depois sintão menos o rigor, e aturem melhor o trabalho.

Com que sendo o Potro da idade, que dissemos, se recolherá à estrebaria, e se terá alguns dias solto, e sem prizaõ, aonde se lhe dará de comer muito a miudo, assistindo
o mais

o mais do tempo gente com elle, até se ir domesticando, de forte que suavemente o possaõ sujeitar às prizões, sem fazer grandes estrondos; porque de os quererem prender na força da braveza, tem succedido muitas desgraças, encabrestando-se, quebrando mãos, e pés, e fazendo-se em pedaços: e será muito conveniente, que estejaõ na mesma estrebaria com elle na manjadoura outros Cavallos mansos, com que se vá costumando, e se deve usar de toda a brandura, dando-lhe de comer na mão, e pondo-lha pelo lombo, e depois pouco a pouco pela cabeça, e orelhas; levantando-lhe as mãos, e pés, até que vá consentindo tudo; e sem o escandalizarem, se venha a conseguir delle toda a mansidão necessaria:

Como se haõ de conhecer, e saber examinar as idades dos Cavallos.

P Ara bem se examinarem os defeitos, e achaques de hum Cavallo, se deve fazer com toda a attençaõ; e muito mayor nos Cavallos de mais preço, advertindo tudo na fórmula, que direy.

Primeiramente se ha de ver a idade pa-
ra

ra a qual ha muitas noticias; sendo a principal os dentes, de que he necessario ter todo o conhecimento; e para o ter fundamental, he necessario saber, que o Cavallo tem vinte e quatro dentes queixaes, com que mastiga; doze da parte alta, e doze da parte baixa; e tem mais quatro colmilhos, dous debaixo, e dous de cima; e logo doze dentes diante, que são aquelles, com que pega na palha, e cevada, e com que apanha a erva, quando andaõ apastar: as Eguas não tem colmilhos, e se algumas os tiverem, ferão excellentes.

Estes doze dentes de diante vem aos Potros aos tres mezes depois de nascidos; e por isso lhe chamamos dentes de leite, que são os que melhor nos manifestaõ a idade do Cavallo, porque aos dous annos sobre dous mezes mais, cahem quatro destes dentes, os que estaõ mais adiante no meyo dos outros, e vem em seu lugar outros mais fortes, que são aquelles que o Cavallo ha de ter para toda a vida: logo se differençaõ na brandura, e no feitio tanto dos outros, que não he necessario muita declaração para os saber estremar.

Aos tres annos, pouco mais, ou menos, cahem outros quatro seguintes junto aos novos, e vem outros novos em seu lugar. Aos quatro annos cahem os ultimos, que saõ os que estaõ junto aonde affenta o freyo, e vem da mesma sorte outros novos: com que aos cinco annos se manifesta, que ainda naõ estaõ iguaes aos outros, e aos seis annos já igualaõ; porém tem huma cova aberta pela parte de dentro, que naõ acaba de cerrar-se, senaõ depois de sete annos: donde vem o dizerem estar desta idade cerrado.

Mas com tudo no meyo ainda se mostra ordinariamente, alguma parte da cova, ou negridaõ a modo de fava seca, que até os oito annos manifesta a idade com certeza: sendo que ha Cavallos, que sendo pensados em casa de criadores, com potagens, graõ cozido, massas, e farellos, com que naõ gastaõ os dentes, parecendo de sete annos muitas vezes, sendo já de nove, com que as covas se vem a cerrar com o moer dos dentes, vindo crescendo da raiz, e naõ que o osso se accrescente naquella parte para fazer cerrar a cova; mas sim porque se gastaõ as paredes dos lados.

Em

Em Alemanha alguns mercadores de Cavallos, que os vão comprar, e os criaõ para os vender, pelos não terem muito tempo em casa, e gastarem com elles mais sustento, lhe arrancaõ os dentes do leite todos, tanto que elles são de tres annos; e como a natureza sente aquella falta, acode logo com outros: e assim os vendem para a guerra, dizendo que são de quatro, ou cinco annos; porque menos desta idade se não servem delles nas campanhas. Os colmilhos começaõ a nascer depois dos quatro para os cinco annos.

Tanto que os Cavallos não julgaõ já, e estaõ de todo cerrados, póde-se ver se os dentes são brancos, e as gengivas bem chegadas a elles; porque será final de não passar de dez annos: e pelo contrario, sendo amarellos, e muito compridos, descarnados, e apartados das gengivas, he final de velhice. Se o dente debaixo tiver moido muito no dente de cima, fazendo nelle encaixo; conhecido he, que o Cavallo passa de dez annos: quando os dentes de cima crescem para diante a modo de colheres, e os debaixo fazem huma concavidade por

V ii

bai-

baixo da lingua, he sinal de grande velhice. Quem he curioso tambem pelo beijo debaixo conhece a idade, contando-lhe as rugas, que faz o beijo, que costumaõ mostrar dos sete annos por diante.

As mãos, pernas, e verilhas tambem mostraõ logo se o Cavallo he novo, porque estaõ mais lizos, e frescos: e em outras muitas acções mostra o Cavallo não ser muito velho; comendo bem, e outros mais indicios oppostos aos que direy; e vem a ser as celhas arrugadas, e com pellos brancos, e tambem quando se pega no couro do Cavallo sobre a queixada, ou sobre as pás, e está muito tempo sem estenderse, he sinal de velhice, e mais se detiver he sinal de mayor velhice do Cavallo.

Alguns contratadores vendem os Cavallos velhos por novos; e para esse effeito lhe limaõ os dentes, e lhos fazem curtos, e brancos, e lhe abrem com hum buril huma cavidade nos ultimos dentes debaixo; e lhe queimaõ com ferro hum graõ de centeyo, que lhe tinge a cova de preto.

Como se devem ensinar os Potros antes de serem montados a algumas cavallarias, que não dependem de pezo, ou trabalho; e como se lhe ensinão a fazer as cortezias, pondo hum joelho, ou ambos em terra.

ANtes que os Potros cheguem à idade, e tempo de serem montados, se lhe pódem ensinar algumas cavallarias, que não sendo violentas, que os maltratem, as concebaõ naquella idade tenra com suavidade, e apprehensaõ; pois saõ como os cães de perdizes, e de coelhos, que em pequenos se ensinão a darem voltas, terem soffrimento, trazerem à mão, com que depois vão para o monte meynos ensinados. Assim os Potros, em quanto novos, se pódem ir metendo nestas cavallarias, que se seguem.

Por selhe-haõ os cabeções, e com elles levarse-ha o Potro aonde haja terreno brando de palha, ou areya no lugar do manejo; e ahi se prenderá entre dous pilões pelas duas argolas dos lados com cordas seguras, para que se desfengane, de que não póde soltar-se: e posto assim, se lhe ataráõ

dous

dous cabos , ou cordas , nas quartellas , ou travadouros , e duas pessoas dos lados pegarão nellas , tendo cada hum sua vara de marmeleiro delgada na ponta , com a qual lhe darão hum na mão direita até que a levante , e depois lhe dará o outro na mão esquerda na mesma fôrma , baixando huma , e levantando outra ; e neste exercicio gastarão meya hora de manhã , e meya de tarde , por espaço de seis , ou sete dias , até que com promptidão destroque baixando huma , e levantando outra ; e tanto que o Potro fizer isto bem , se lhe dará huma folha de couve , ou coufa de que mais goftar , e fazendo-lhe affago : depois disto , para que elle entenda , aquella pessoa , que estiver da parte direita , com a corda atada na quartella , lhe dará com a vara suavemente na mão , para que a levante , tendo-a assim firme levantada ; e no mesmo tempo lhe dará o que estiver da parte esquerda com a vara , até que dobre a mesma mão , e ponha os joelhos em terra branda , ou em palha , aonde com todo o affago , e suavidade lhe darão folhas de couve , ou equivalente , de fôrma , que coma com os joelhos no chão ,

enob
diver-

divertindo-o no mesmo tempo com a voz, para que depois venha a entender, quando o mandarem ajoelhar sem as cordas; o que fará no espaço de quinze dias, frequentando-lhe as lições duas vezes cada vinte e quatro horas, como fica dito.

E quando quizerem, que ponha só hum joelho em terra, lhe dará o Cavalleiro, que estiver em cima, com a vara na mão direita, fallando-lhe com a voz costumada, dizendo: *Ajoelha a terra*; o que fará tambem, dando-lhe com a ponta do pé na junta da mão direita, estando o Cavalleiro em cima: e tambem o poderá chamar atrás huma, ou duas vezes antes de ajoelhar, para que faça as cortezias com boa ordem, medida, e concerto; como eu tenho ensinado a muitos Cavallos.

Para recolher o Potro à estrebaria.

A Ssim que o Potro se recolher à estrebaria, deve o Cavalleiro tomar conta delle, não permittindo, que o escandalizem, e maltratem, nem fação tomar algum máo refabio os mesmos lacayos, que
o tem

o tem a feu cargo , recommendando-lhe muito todo o affago , e brandura , naõ consentindo , que lhe dem mais levemente ; porque destas defordens se originaõ muitos refabios , que se achaõ nos Potros , e em quanto naõ estiver lizo , e aprazivel , naõ ha que cuidar em outra coufa ; sendo a primeira a demandallo ferrar com muita manha , e cautella ; e se naõ quizer estar quieto , o naõ devem obrigar com rigor ; mas , como digo , com industria lhe mandarãõ dar bem pouco , ou nada de comer por espaço de vinte e quatro horas ; e logo depois estando faminto , lhe mandarãõ dar hum penso de cevada branca , ou do que elle mais gostar ; e em quanto estiver divertido a comer , se póde ir ferrando.

Para lhe pôr a sella.

E Stando o Potro lizo , que naõ estranhe a gente , deixando-se affagar , limpar , e varrer a Cavalhariça , e seguro de que naõ estranha nada disto , pódem começar a por-lhe os cabeções , e fazello passear duas , ou tres vezes no dia , ainda que seja detrás de
outro ,

outro, se não quizer fahir só, segurando-o sempre com a voz, affagando-o, e dando-lhe huma ervinha: para outro dia, que for andando com alguma liberdade, lhe poráõ a guia, dando-lhe duas voltafinhas à direita, e parallo com o final *Chi chò*, ou *Olá basta*, &c. outras duas à esquerda, fazendo o mesmo, tornallo à direita; pois desde logo haõ de observar estes principios, assim o de trazellos duas vezes sobre a direita, e huma sobre a esquerda; como o da voz, que póde servir de final, para quando estiver capaz de poderse montar.

Feitas estas precauções, e parecendo, que corresponde bem a ellas, depois que tenha feito bem este trabalho; outro dia mandarão trazer a sella, e na parte mais commoda o farão arrimar, pondo-lha com toda a cautella, de fórma que se não affuste, nem fuja com o corpo. Para este caso, e para tudo o mais, convem muito desde logo costumallos aos antolhos, porque se os tiver postos, he mais seguro, que não fará nada: contentarse-haõ, que a leve à cavallariça, e a tenha hum par de horas, sem pretender outra cousa.

Daqui por diante advirto, que assim ao Potro, como ao Cavallo, lhe mandem pouco, e a miudo, porque sempre lhe sahirá melhor; em caso necessario, mandallo de manhã, e de tarde, do que alargarlhe duas voltas mais em cada lição; continuando este trabalho, e parecendo-lhe, que já não estranha a sella, lhe porão os estribos no principio curtos, quanto lhe toquem no ventre, e não vá exposto a metter hum pé, querendo-os facudir, e lhos hirão alargando pouco, a pouco, até que os soffra; que isto serve para dous fins: o primeiro, e muito do nosso caso he, que costumados a este bater dos estribos, perdem a apprehensão das pernas, e se lhe evita o vicio de cabejar: (que he bem indigno, e feyo) o segundo para a boa regra; pois em os soffrendo, e entendendo bem a voz ao parar, podem subir nelle sem receyo, que tendo estas duas probabilidades, me persuado, que não fará nada; porque ainda que intente fazer algum desmancho, dandose-lhe o signal, e voz de parar, se deterá; e como o vão segurando huma, e outra vez, conseguirão desvanecerlhe qualquer apprehensão, que

que possa occorrerlhe em sua defenſa; porque aquelle que ſoffre os eſtribos, não pôde ter motivo de eſtranhá-las pernas, que vão iguaes, e firmes, ſem lhe fazer dano.

Não quizera, que iſto pareceſſe nimiedade, ou indigno da noſſa profiſſão; porque a voz de Domador, Desbravador, e de Ajudante, e alguns caſos, que tenho experimentado, me perſuadem, a que eſtes caſos não paſſão pela aſſiſtencia, e juizo de alguns Cavalleiros: e ſendo aſſim, merece eſte erro, que lhe tirem o nome; não havendo em toda eſta profiſſão couſa, que peça mais cuidado, do que eſtes principios, como manifeſta a experiencia; que no principio ſempre os remedios ſão mais faccis, e efficazes, como adagio de que ao enforçar ſe fazem os pães tortos.

Do trote.

HE o trote o movimento mais natural, que uſão regularmente os Potros no campo, quando ſão novos; e por iſſo deve ſer o manejo, em que ſe haõ de exercitar, e reduzir, até que venhaõ a ſer Meſtres; pois

com elle se resolvem , aligeiraõ , se unem , soltaõ a espada , soffrem a sujeiçaõ , firmaõ , e poem em seu devido lugar a cabeça , até que chegaõ à ultima perfeiçaõ de Cavallo.

Tem o trote quatro circumstancias precisas , para trotar em rigor , que saõ : resolutto , solto , igual , e unido. Para todos estes modos de trote , devem as mãos , e corpo do Cavalleiro ajudar com firmeza , e suavidade , para evitar o inconveniente de que naõ tome demasiado apoio.

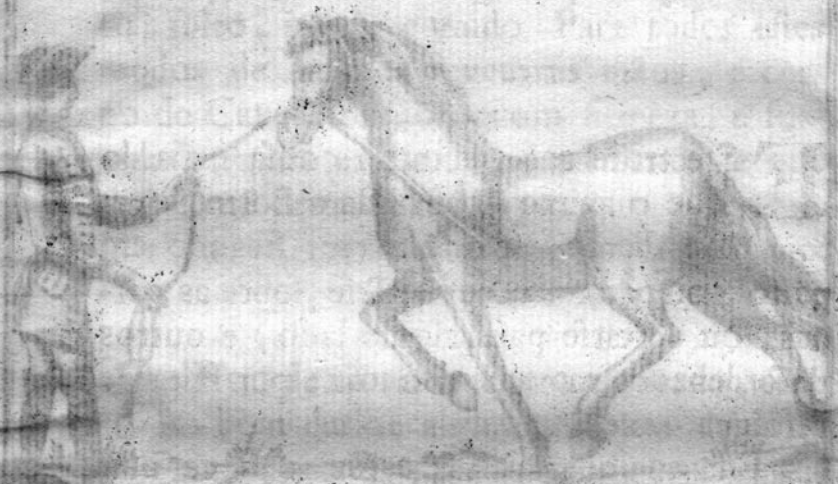
Trote solto.

ANtes de trotar o Potro montado , será bom darlhe algumas voltas debaixo da guia , porque na pouca idade tendo muita ardencia , e vendo-se solto , poderá incommodar ao Cavalleiro ; e tambem assim se soltará melhor , e começará de andar com mais segurança , e desembaraço.

No principio andarã sem freyo , nem fella , e sómente com a guia , e cabeções amarrados a huma filha mestra , e hum lacayo detrás para o avivar , em caso necessa-
rio ,



Como se deve introduzir o potro a trotar para
o desembaraçar, e resolver.



The text in this section is extremely faint and illegible. It appears to be a block of text, possibly a description or a list of items, but the characters are too light to be read accurately.

rio, e que não pare, ou volte para algum lado, como se mostra na Estampa n. 4.

Trotando assim alguns dias, e vendo que anda com soltura, sem fazer defensão maliciosa, se lhe porá a sella com os estribos soltos, como fica dito, e com as mais cautellas ponderadas.

Trote resolutivo.

E Ste trote não he outra cousa mais do que o animo, com que o Potro se arroja para diante, sem se deter, ficando em passo, ou parando, levantar-se sobre as pernas, ou voltar-se para algum lado, e outros desordenados movimentos, que por falta de resolução executa.

Em qualquer destes casos se deve usar das regras, que já ficaram advertidas; e sendo necessario, se lhe darão algumas avançadas; mas não se ha de parar de repente, e só sim que caya em galope, depois em trote, e ultimamente em passo; o que tudo se deve executar com suavidade; porque a parada nos Potros lhe he nociva, sendo de jacto executada, que assim lhe impede a resolução.

soluçãõ: a falta desta se acha ordinariamente nos Potros fleumaticos, e de pouca força; e algumas vezes nos maliciosos, que são inimigos do trabalho.

Montar o Potro.

TENDO dito como se deve preparar o Potro antes de começallo a montar, sem que fallasse no freyo, agora advirto, que lho metaõ, e com toda a cautella, e brandura, (1) ainda nas lições antecedentes; pois não me parece, que o Potro deve montar-se só com os cabeções, porque os nossos Cavallos são muito faceis de pescoço, o que poem indefenso, assim ao que monta, como ao que manda com a guia; de fórma, que dando huma cabeçada, ou levantando a cabeça, nem a guia, nem as redeas tem o seu uso; e posto o freyo (ainda que por ora não sirva de mandar o Potro) o contém, e impede a cabecear taõ livre, que se ponha em toda a liberdade.

Preparado assim o Potro com os seus anto-

(1) *Qui equos domant primum suavissimè tractant, ut asuescant. fræno. Plutarc. in Moral.*

antolhos naquella parte, em que se houver de montar, lhe poráõ a guia; e fazendo chegar ao que se houver de pôr nelle, hum, e outro o seguraráõ, affagando-o, movendo a sella, e advertindo-lhe, que em cahindo nella, ha de ficar immovel, sem fazer mais mistria, que a de fingirse huma estatua.

Isto he de summa importancia, e o mais que digo substancialmente; advertindo, que as redeas do freyo devem levallas em ponto largo, e as dos cabeções mais recolhidas; porque sobre estas ha de carregar todo o pezo da cabeça, até que nellas faça algum apoio, se a sua boa condição lho permittir; e o que agora parece huma frioleira, he muito effencial, e nada mais para quem o entende; por não ter o Potro tempos mais expostos a formar alguma apprehensão, do que os de sentir o homem na sella, e o de começar a moverse com elle; e por isso não consintaõ, que faça operação alguma o Cavalleiro, e o lacayo o obrigaráõ da mesma fórma, que fizeraõ antes de o montar; e tendo-o passeado hum pouco, parecendo-lhe, que vay affentando já, sem

fem esportuxar, lhe tirarão os antolhos, e continuarão affagando-o, e dando-lhe humas folhas de couve, ou o equivalente; e se não quizer comer, he final de que está desconfiado, e com má intenção, e assim será necessario descer delle, e tornallo a affagar.

Preveni, que tomassem as redeas dos cabeções na mão esquerda, porque supposto a direita haja de governar a sua, em algumas occasiões ha de ser como auxiliar, e não ligada, como a esquerda; pois esta as deve levar ambas, para que a direita fique livre nestes casos, e possa valer-se della; assim para segurar o Potro, coçando-lhe o pescoço, como tambem para se ajudar da mesma, em caso urgente, e necessario; porque deve-se cuidar muito em que não arroje de si a quem for de cima: e nestas lições haõ de continuar, e divertir o Potro, até lograr, que tome algum apoio nos cabeções; para o que nem o Mestre o ha de golpear com a guia, nem consentir que o Cavalleiro de cima lhos mova; porque a primeira cousa, que se ha de pretender he, que tome arrimo, e apoio; e tomando-o, pódem começar a mandallo; mas sem elle não: e as-

fim

firm que vá baixo , nem que vá alto , não lhe dê cuidado ; pois em conseguindo , que tome apoio , o mandarão , e reduzirão ao justo.

De não fazer isto com esta cautella , e com este cuidado , se seguem muitos máos effeitos ; e de tocarlhe ante tempo os cabeções , o fazerem-se detidos , e irresolutos ; o que os atraza muito.

Direy a este assumpto hum proverbio Italiano , que disse hum Cavalleiro de Napoles : *La gatta per aver fretta , fece la prole cieca*. Quer dizer : As gatas por abreviarem os partos , parem os filhos cegos : *Toda a aceleração pare abortos*. (1)

Em cujo supposto , podem estar certos , que como pratiquem com exacção estas circumstancias , não perderão o tempo ; e porque se alentem a entrar com mais confiança , e mais apreço nestas miudezas , lhe faço saber , que em sua observancia , sómente com trinta e tres lições se fez mestre hum Cavallo inteiramente ignorante , sem mais principio , que o deixarse montar , e ter idade competente. E porque não enten-

Y

daõ,

(1) Imperad. Carl. V.

daõ, que he ficção minha, não darey menor testemunha, que a delRey Luiz XIII. de França, como veráo no Manejo Real citado. (1) O Cavallo era de Hespanha, chamado o Bonito.

Nestes termos creyo, que será menos molesta a minha prolixidade, asseverando, que se quizerem tirar algum proveito dos seus Potros, não consintaõ, que Desbravador, nem Domador os monte sem a sua assistencia, nem que na estrebaria lhe ponhaõ fella, e freyo, sem que o vejaõ; salvo que tenhaõ huma sobradissima satisfação do bom modo dos lacayos.

Primeira lição para começar a fazer o Potro.

NA certeza de que o Potro consente o Cavalleiro, conhecerá os cabeções, e não estranhará o freyo, he tempo de começar a mandallo; para o que se devem capacitar, primeiro de tudo, da natureza que mostra; pois neste principio se funda todo o acerto. Se o Cavallo he bem condicionado, e disposto, requer hum modo de

(1) *Manejo Real*, fol. 26. Fig. 3.

de enfino; outro o que for impaciente, e fogoso; e o que fleumatico, lerdo, e soffrido, o pede diverso; pois a estes se devem mandar sempre com animo, e resoluçãõ, obrigando-os a que tudo façãõ com espirito; naõ lhe consentindo nunca froxidaõ alguma; cuidando de os naõ apurar de mais, e trabalhando-os sempre menos do que a outros; porque estes se devem obrigar, a que tudo façãõ com fogo, e colera, pondo-lhe aquella que lhe falta; para o que devem trabalhallos em trotes soltos, largos, e fervidos, e nos galopes vigorosos; porque assim despertarãõ, e conseguiráõ porlhe o ardimento, que naõ tem; pois o costume faz outra natureza, e hum contrario se cura com outro.

Se he fogoso, e impaciente, devem trazello nos trotes detido, curto, e suspendido, para quebrarlhe a impaciencia, e temperarlhe o fogo; e os galopes se lhe devem dar escutados, e vagarosos, de maneira, que nelles vá, como quem espera, que o mandem, naõ lhe dando lugar a que se antecipe: e isto se entende, que deve ser feito com suavidade.

Se o Cavallo for bem disposto, e bem condicionado, não ha que advertir; pois mandado regularmente, se convidará de melhor a melhor. Estas são as regras geraes, que não se oppoem à regra particular do movimento, e propensão de cada Cavallo; pois ainda que digo que ao lerdo se ha de levar vigoroso, e determinado; se o seu natural movimento he detido, e acaso dístico mesmo nasce o soffrido, e vagaroso, bem se conforma o que ainda que vá suspendido, o obriguem sempre a ir vigoroso de mais em mais, para que se não esqueça, e affroxee: o fogoso, e impaciente póde ter o seu ar atropellado, e assim o devem ter, dando-lhe todo o socego, que permittir a sua intrepidez, galopeando-o poucas vezes, e trotando-o de ordinario. Posso segurar, que se póde fazer hum Cavallo na ultima perfeição, sem o galoppear.

Miffer Colla Pagaõ, hum dos mayores homens de cavallo, que venerou a Escola Napolitana, não duidou, que hum Cavalleiro de Napoles entrasse em hum festejo publico em hum Cavallo, que elle estava ensinando, e não tinha chegado a pol-
lo

lo nos galopes , tendo-o sómente justo em passo , e trote ; e assim cumpro com admiração de todos os intelligentes , que o viraõ trabalhar.

Estando o Potro desembaraçado , se acha em termos de o poderem mandar , e começar a recolhello sobre o passo ; o que conseguiráõ tendo os cabeções nas duas mãos iguaes , e em tal proporção , que sem movimento extraordinario , nem descomposto , possaõ mandallo , se tiverem as duas redeas metidas em toda a mão esquerda , como fica dito , ajudando a direita a sua redea , com o leve movimento de huma , e outra , ao modo de quem serra , correspondendo , e ajudando ao mesmo tempo , o soarlhe a vara , apertarlhe os joelhos , chegarlhe as pernas , firmar-se sobre os estribos , carregando o corpo hum pouco atrás , logo começará a unir-se , quebrar-se , e suspender-se ; pois todos estes effeitos acharáõ conformando só estas ajudas. Tendo-lhe assim dado hum passfeyo , o chamaráõ a parar , avivando-o entãõ mais com o sonido da vara , estallo de lingua , e as antecedentes ajudas de coxas , pernas , e corpo ; e precedendo isto , lhe fa-
ráõ

rão o final de *Olá basta*, &c. E se não der algum final de entender bem a parada, ar-
rimando-lhe as pernas, e aligeirando-o dos
braços, promptamente o lançaráõ adiante
dous, ou tres passos, continuando-lhe as
mesmas ajudas, chamando-o outra vez a pa-
rar, para que elle o vá entendendo; e se
acaço estás a pé, montando-o outro, pode-
ráõ arrimar-se à parte esquerda do Potro, pa-
ra o ajudarem tambem com a vara, ou
chambriera, e parando como deve, o affaga-
ráõ, fazendo-lhe logo dar huns passos atrás
deitando-o a diante, e tornando-o atrás ou-
tra vez: a isto se ha de obrigar dando-lhe
o Mestre huns toquesitos com a guia, mos-
trando-lhe a vara, e quando for necessario
tocarlhe com ella nas mãos corresponden-
do, e ajudando o que estiver em cima com
deitar o corpo atrás, ferrilhando-lhe os
cabeções, e não com toques asperos; por-
que o levar atrás os Cavallos pede muita
manha, e admite muito pouca violencia;
pois a mayor, que se póde praticar, he
quando está sem Cavalleiro, darlhe toques
com a guia, pondo-se diante, mandallo com
resoluçãõ, e com voz irada, dizendo-lhe

Atrás;

Atrás, *atrás*, e hindo para elle fallando-lhe com rigor a modo de que lhe querem dar, isto he para o que se defende, que sendo bem feito, o conseguiráõ; pois eu o consegui de todos sem excepção, tendo alguns de tanta defenfa, que chegaraõ a investir-me.

Devem entender, que esta de andar atrás o Cavallo he lição de summa importancia, sabendo-se fazer; pois com ella lhe poráõ em seu devido lugar a cabeça, abriollohaõ, e poráõ sobre as pernas, e o aligeiraráõ no freyo, e cabeções quanto quizerem, fazendo-lhe entender as ajudas do corpo, pernas, e mão, e que comprehenda a differença, que ha entre suspendello, ou levallo a diante; e ha caso em que muitos Cavallos se embaração, quando os Cavalleiros os confundem, por não lhe fazerem entender bem esta differença, que sendo pouca, necessita de fazerlha mais intelligivel, para que saibaõ distinguilla. Se quizerem fazer as cousas com methodo, e proveito, haõ de chamar o Cavallo atrás, igual, socegado, e direito, de fórma que se não derrubar de diante, baixar a cabeça, nem trocar para os lados, antes

tes bem haõ de fazer , que a leve em seu lugar devido , e que naõ se precipite ; e todo o fundamento essencial desta obra consiste no tempo , que o Cavallo ha de tornar a diante ; porque entaõ haõ de firmar-se sobre os estribos , deitar o estomago fóra , carregar sobre os genitacs , arrimar-lhe as pantorrilhas , obrigando-o a que faça hum tempo sobre as pernas vencendo o lombo , como quando se prepara para fazer huma curveta : isto ha de preceder ao tornar a diante , pois neste tempo consiste tudo ; e ha de ser taõ prompto , que o vir atrás , e tornar a diante se haõ de equivocar ; porque este contratempo he o que aligeira o Cavallo no freyo , lhe vence o lombo , ensinando-o a usar das pernas , e lhe faz entender com pontualidade aquella imperceptivel differença de trazer o corpo atrás , a pollo natural , tornando ao seu lugar para que say a diante.

Se isto se houvesse de fazer como os fignos , que se quebraõ sobre a garupa do Cavallo , naõ seria difficuloso de entender ; mas devendo-se fazer , sem que se perca hum ponto da boa postura , he pouco visível , e por consequencia menos advertido ; de-
sejo ,

sejo, que o sejaõ os Cavalleiros sobre este ponto, que a experiencia lhe ensinará a sua importancia.

Estamos em que passeavaõ o Potro, e que o paravaõ para o começar a unir, e que entendia bem a parada, o teráõ feito assim: e sempre que trabalhar em qualquer Cavallo, ha de ser primeiro sobre a mão direita, e logo sobre a esquerda, tornando a deixallo sobre a direita; sendo geral esta regra, por ser a mão a que os Cavallos tem mais repugnancia; mas no caso, que se offereça algum, que a tenha sobre a esquerda, lhe mandarão o contrario.

Advirtaõ tambem, que não digo, que troquem o Potro; porque isto não se deve fazer, em quanto não tiver alguma uniaõ, e comece a trazer seguro pescoço, e cabeça, tomando algum apoio no freyo, de fórma, que possaõ mandallo; porque de se fazer o contrario ante tempo, costuma nascer o vicio de se defenderem a esta, ou àquella mão; pois quebrandose-lhe o pescoço antes de terem alguma uniaõ, a mesma desmanha se lhe faz mais sensível, e os poem na apprehensaõ de que lhe não tem con-

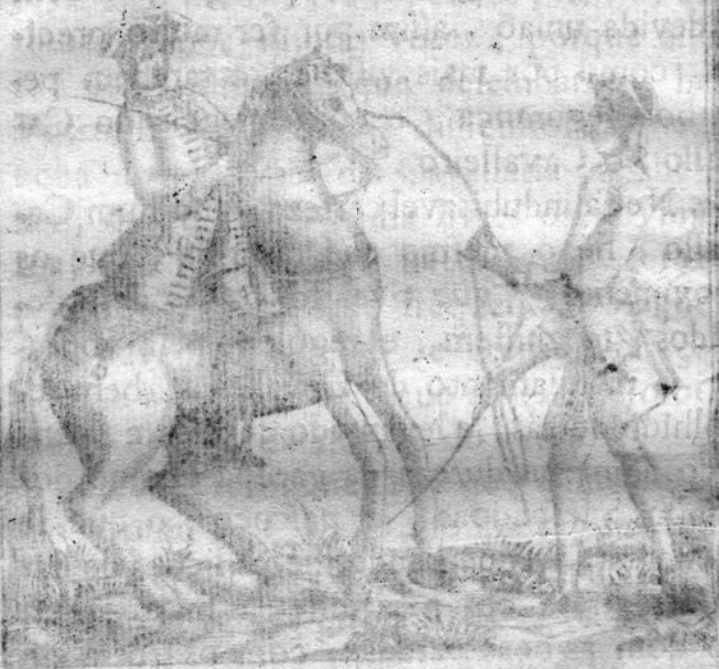
veniencia ; e assim começaõ a dificultar.

Advirtaõ mais , que o Potro se não deve recolher , e unir , em quanto não estiver muito , e bem desembaraçado , o que se consegue com muitos , e repetidos trotes: digo muitos , e repetidos , *id est* , continuados por muitas vezes ; porque assentaõ os Authores , que desembaraçar hum Potro he a cousa mais difficultosa , que se acha no exercicio da Cavallaria ; e he fazer , que o Potro tenha livres os movimentos , que tinha presos naturalmente ; razãõ porque se lhe haõ de frequentar as lições , que devem ser breves , e com moderaçãõ , por ser melhor , que fique antes deseioso de mais , do que enfastiado do muito.

Muito recommendo , que assim ao Potro , como ao Cavallo , se lhe repitaõ as lições de andar atrás , e tornar a diante ; e seja com todas as circumstancias já ponderadas , e da fórma , que se mostra na Estampa n. 5.



Como se fa cilita o cavallo adar passos atràs



C'est le cavalier qui attaque le pié-
ton, et qui le tue par sa vitesse
et sa force. Le piéton ne peut
rien faire contre le cavalier, et
il est obligé de fuir devant lui.

União do Cavallo.

DEpois que o Potro estiver bem desembaraçado, e que trote com as quatro effencias circumstancias: solto, resolutto, unido, e igual; será bem, que galopee com a devida união, assim por ser muito precisa, como por mais vistosa, e tambem pela boa segurança, e conveniencia do Cavallo, e Cavalleiro.

Nesta indubitavel certeza, unir hum Cavallo, he o mesmo que fazerlhe, que os movimentos, que tiver soltos, e desordenados, se ajustem, e regulem pela vontade, e mandamento do Cavalleiro, bem recolhido detrás, e levantado de diante, vencido assim na dureza da garupa, como dos lombos, espadoas, e pescoço; o que se conseguirá frequentando-lhe as lições de dar passos atrás, como já disse; e mais que isto com as boas paradas, com os trotes em circulo curto, e com as avançadas; e sendo estas quatro lições tão precisas para huma cousa tão importante, como he a união dos Cavallos, será bem explicar cada huma particularmente.

Dar passos atrás o Cavallo.

HE muito preciso a todo o Cavallo, que houver de servir nos festejos publicos, na caça do monte, e nas occasiões da guerra, que saiba andar atrás, como já fica dito, igual, socegado, e direito; e sendo assim esta lição bem executada, he muito proveitosa para a uniaõ dos Cavallos; porque fazendo-lhe levantar a cabeça, a poem, e firmaõ em seu devido lugar; e encolhendo os membros do corpo lhe faz recolher a garupa de fórma, que vem a ficar unidos, aligeirando-os nos movimentos da redea, e abrindo-os de pés, e mãos áquelles, que naturalmente são fechados.

O modo de os facilitar a que andem atrás, será carregarlhe o Cavalleiro sobre os rins, e ferrilharhe os cabeções com o movimento de ambas as mãos; e se tiver só o freyo, se lhe moveráõ as redeas suavemente com a mão de unhas a cima; mas no principio será necessario, que o Mestre o ajude com a guia, e que com a vara lhe toque nos braços, como se mostra na Estampa n.6.

Segunda lição para mandar o Potro.

Suppondo ao Potro já com algum apoio para entrar a mandallo, lhe continuarão as lições sobre os trotes, para que se vá desembaraçando, e aligeirando cada vez mais: entende-se este exercicio com moderação, como já lhe disse, explicando-lhe o meu dictame, com o de outros Authores, que na profissão fazem ley.

Os Cavallos são animaes de pouca memoria, que até nisto andou a natureza liberal com elles; pois se a tiverão, se lembrariaõ mais facilmente dos seus trabalhos, e das suas femrazões, do que da boa doutrina, e concertada lição; o que sem duvida os obrigaría a porem-se em mayor defenfa. A próvida natureza suppre com a boa vontade, o que aos Cavallos lhe tira de memoria; por isso torno a recommendar, que as lições sejaõ breves, e assim pódem ser mais frequentes. Bem conhecerão, que isto he racionavel, porque fallando de dar lição a hum Potro, devém juntar a doutrina, e criação, sem que se opponhaõ; pois não haõ de

de desfazer com o ensino o que intentaõ conseguir com a educaçaõ delle; porque sem este cuidado já mais chegarão ao fim pretendido.

Continuarão pois a trotar o Potro por direito, se o trazem solto; e se andar debaixo da guia, seja em torno, observando sempre o manejo, que já disse de ferrilhar os cabeções; em tal fórma, que os movimentos das suas mãos se unaõ com os do Potro, o que lhe servirá para recolhello, e unillo; e tanto o unirão, quanto conformarem os movimentos das suas mãos, e cabeções com os do mesmo Potro. Estes movimentos os fazem as mãos, tendo as viradas unhas abaixo, só com movellas da parte de fóra para as mesmas munhecas; pois este bastará para conseguillo, se sabem fazello; e se querem chamallo arriba para ali geirallo, tendo as mãos em frente huma da outra, farão o mesmo movimento de ferrilhar; com a differença, de que agora ha de ser para cima, como quem esfrega as unhas de huma mão com as da outra; e a isto conformarão as ajudas de pantorrilhas, sonido de vara, e estallo de lingua, suspendendo

Dois movimentos dos cabeções.

dendo o corpo; com o que obrigaráo o Potro a levantar-se de diante, e a que vá pondo em seu lugar o pescoço, e aligeirando-se sobre a mão, entregará o lombo; que são os dous principios, em que devem pôr a intenção; pois conseguidos, estamos bem; porque (fallando em proprio estylo de picaria) he ter reduzido o Cavallo.

Naõ posso, em quanto às lições, determinar o tempo, porque isso he privativo da prudencia do Cavalleiro; com tudo porém devo dizer, que naõ se atropelle com o gostoso desejo de ver o fim ao seu intento; porque este o segura mais feliz, e ainda mais prompto, detendo-se o tempo conveniente: e bem assim ainda que o Potro se convide voluntariamente a mais do que lhe mandaõ, se deixem levar da sua boa disposiçaõ: a experiencia lhe mostrará, que quando o Cavallo a passo fizer com perfeiçaõ huma cousa, lhe custará muito pouco, que a faça a trote, e depois a galope. Trotando pois o Potro já por direito, já em torno a huma, e outra mão, como fica dito no passo, continuarão dando-lhe suas paradas a tempo opportuno, procurando sempre

pre fazello , quando vay bem ; e parando melhor , affagallo muito ; chamallo duas vezes atrás , e tornallo a diante ; que sempre he bom retocarlhe esta lição.

Tambem haõ de saber , que se o Potro se apoiar de maneira , que naõ bastem os manejos dos cabeções , que ficaõ ditos atrás , para obrigarlo , o chamaráõ a parar ; porque com a boa parada , e com fazello ir atrás , e tornallo a diante , haõ de conseguir o aligeirallo inteiramente , assim no apoio dos cabeções , como no do freyo.

Isto baste por titulo de segunda lição ; sendo preciso dividillas , para que fiquem mais intelligiveis.

Parada do Cavallo.

HE a parada huma suspensão de toda a fuga , ou movimento ; e assim deve todo o Cavallo saber parar (se he Cavallo mestre) com as circumstancias de obediante , prompto , com a cabeça alta , mettendo bem a anca , e ficando firme sobre a mesma trilha , em que se chama ; porém no Potro (que he o de que ao presente tratamos)



Como deve parar o Cavallo.



Comme deve parir el cavallo

mos) se ha de observar a idade , disposi-
 ção , e força , com que se acha ; pois , como
 já disse , lhe he muito prejudicial , se não
 tem os requisitos necessarios.

Primeiramente serve para o suspender
 daquella profissão , em que trabalha , e o faz
 obediante , e soffrido , e por ultimo chega
 a unillo ; e a razaõ he , porque indo a avan-
 çar aquelle passo , sentindo-se deter , levan-
 ta o pescoço , recolhe o corpo , e mete a
 garupa , e com a repetição a quebra de fór-
 ma , que chega a unir-se.

Tanto que parar bem , andando a passo ,
 se parará nos trotes , e depois nos galopes ,
 e por ultimo nas escapadas , em que será a
 parada mais violenta.

O modo de costumallo he deitando o
 Cavalleiro o corpo atrás , as pernas a dian-
 te , levantar as mãos para o peito , reco-
 lhendo-as , e costumallo à voz *Olá basta* ,
 para que vá entendendo-a , e se faça obedi-
 ente ao preceito de seu amo : não queren-
 do fazer tudo em hum dia , mas sim pouco
 a pouco com muito socego ; pois como le-
 vo dito : *Ao Cavallo ardente , Cavalleiro pru-
 dente ; e ao Cavallo soffrido , Cavalleiro activo.*

Trote unido.

R Eduzido já o Potro a trotar solto, e com resolução, será bem, que trote unido. Isto se faz começando a trabalhar o Potro em terreno direito paulatinamente de dia em dia, recolhendo pouco a pouco, ferrilhando-lhe os cabeções, para que vá levantando a cabeça, e carregando-lhe o Cavalleiro o corpo atrás, para que melhor recolha a anca; pois com aquella resolução, que até aqui tinha colhido de ir a diante, sentindo-se agora recolher, dobrará mais os braços, levantará o pescoço, e meterá melhor a garupa, e ao mesmo tempo hirá tomando socego, e soffrimento: porém não se deve recolher muito nos primeiros dias; pois como os Potros sentem tanto a uniaõ, se lhe fará mais penosa, sendo executada com demasia; e poderá querer defenderse com saltos, empinadas, e outras muitas defensas, que buscaõ para fugir à sujeiçaõ; e neste supposto se trabalhará suavemente, sem o recolher mais do que aquillo, que puder tolerar a força, idade, e natural do Potro;

por-

porque affentaõ todos os Authores , que a uniaõ nenhum Cavallo (por leal que seja) a soffrerá , se naõ for exercitada com suavidade por Cavalleiro prudente , e verificado nesta Arte.

Bem assim , quatro cousas ha muito importantes para a uniaõ dos Cavallos , e vem a ser : os trotes em circulo curto , as boas paradas , e fazellos dar passos atrás , e a diante com as circumstancias , que ficaõ já advertidas , e tambem as avançadas , como se dirá a diante com mais individuação.

Trote igual.

UNido já o Potro sobre o trote , e que tenha colhido fleuma , e socego , será bem que o iguale ; ganhando pouco terreno , e avançando tanto com a mão , como com o pé : isto se conseguirá com a boa ajuda do Cavalleiro , recolhendo , e affroxando mais , ou menos as redeas , quando for conveniente ; pois se avança muito com a mão , e deixa atrás o pé mais do necessario , será preciso suspendello com a redea dos cabeções , quando vay a pouzar a mão , e car-

regarlhe o corpo atrás, para que meta o pé, como se mostra na Estampa n. 6.

Avançada.

A Vançada do Cavallo he hum repe-laõ violento, que se lhe faz dar, em que experimenta alguma leve sujeiçaõ; pois se a naõ tivesse, passaria a ser carreira; e se distingue della, por ser mais curta, taõ sómente de quarenta, até cincoenta passos geometricos, regulando-se mais, ou menos ao seu poder, e necessidade, que peça a occasiaõ, ou motivo, porque se faz dar ao Cavallo.

Os effeitos, que produz, saõ desembaraçar, unir, e meter espirito aos Cavallos fleumaticos, e pezados. Rompe o tempo às defensas de detençaõ, e malicia; como saõ, empinar-se, recuar atrás, parar, deitar-se a terra, torcer a garupa a hum lado, baixar a cabeça, tirar couces, &c.

Consta a avançada de dous movimentos muito uteis para a uniaõ, hum o de estender o corpo para se arrojar, e outro o de o recolher quando pára.



Avançar o Cavallo.



Handwritten text in a Gothic script, likely a title or a line of text related to the illustration. The text is mirrored across the page, suggesting bleed-through from the reverse side.

Additional handwritten text at the bottom of the page, also appearing to be bleed-through from the reverse side. It includes words like 'ca deve mandar' and 'so'.

Todo o Cavallo, que houver de servir para a campanha, ou para a caça, deve saber avançar com muita promptidaõ, e obediencia; observando, que se naõ ha de parar de repente, mas sim, que caya em galope, e detendo-o com suavidade pouco a pouco, que venha ficar em trote, com que levanta, e dobra mais os braços, por causa do brio, e ligeireza, que adquire na avançada.

As ajudas para ella haõ de ser baixar a maõ para darlhe liberdade na redea, deitar as pernas a diante, e fallar-lhe com huma voz resoluta, como *Via*; e se naõ bastar isto, se lhe chega a vara às verilhas com actividade, e por ultimo as esporas, como se mostra na Estampa n. 7.

Como se ha de ensinar a fazer os lados ao Potro, ou trazello à perna.

Supposto que o Potro está já com algum apoio, e se vay desembaraçando nos trotes, he tempo de lhe fazer entender a perna; porque o Cavalleiro prudente nunca deve mandar ao Potro o que elle naõ pó-

pode, nem tem obrigação de entender; como se lhe mandarem partir a volta, ou o pozerem sobre o quadrado, sem que primeiro elle haja entendido o modo de ter sujeita a garupa; como poderão queixarse de que se desviasse, nem como poderiam emendarlhe este defeito, não tendo obrigação de fazerlhe reconhecer, que o era?

Neste supposto, por remate das lições antecedentes, que são as mais largas, e que mais devem continuar, porão o Potro de frente de huma parede em tres passos de distancia para o começar a trazer de costado, ou à perna, que he o mesmo; o que executarão desta fórma: Porse-ha o Mestre à mão esquerda do Potro, prevenindo a quem estiver em cima delle, que lhe ponha a vara ao mesmo lado, e lhe arrime a perna esquerda, deite o corpo hum pouco atrás, e chame a cabeça do Cavallo sobre a direita, e com a redea dos cabeções da mesma mão, de unhas abaixo, para melhor lhe levar a cabeça inclinada para esta parte; pois a mão esquerda do Cavalleiro de unhas acima com a redea do freyo, deve levarlhe a espada, acompanhando-a tambem com a

redea dos cabeções, que manda deter o Cavallo para que se não possa voltar; e ficando o Mestre ao lado esquerdo com a guia na mesma mão, e a vara na direita, faráo que parta direito, obrigando ao Cavallo a que cavalgue a mão esquerda sobre a direita, e que faça o mesmo com os pés, ajudando-o com a guia a que não se volte, e com a vara a levarlhe a garupa. Em logrando que ladeye quatro ou seis passos, parallo, affagallo, e darlhe huma folha de couve; e logo fazendo-lhe dar quatro passos atrás, e tornar a diante da mesma fórma; porque estes quatro, ou cinco passos, que o Cavallo dá, para tornar a ganhar a parede, são os mais opportunos para lograr o intento, fazendo-lhe reconhecer ao Cavallo o que lhe mandaõ, porque depois que chega a pôr a frente junto à parede, não se capacita tanto, por se persuadir a que o estorvo o obriga, e não as ajudas: e assim seguindo as for entendendo, o devem ir desviando da parede, para que entenda que o corpo, e as mãos são a parede, que o detem, e não a que está diante.

Mandando assim o Cavallo, veráõ como

mo em todas as partes , que queiraõ trazello à perna , achará prompta huma parede mestra , que lhe desvaneça outro pensamento , que não seja obedecer ; e porá em mais cuidado , que não ganhe terra atrás , do que a que cuide em sahir a diante. Sempre que o Cavallo teime a não querer ladear , não porfiem com elle , mas fazerlhe dar passos atrás , e tornallo a diante , obrigando-o a que chegue à parede ; pois , como já disse , he o meyo mais efficaz de o conseguir.

Tanto que assim o levarem sobre a direita , dez , ou doze passos , chamallo atrás , e passando-se por diante d'elle a occupar o lado direito , trocarlhe as ajudas , e o mandarão sobre a esquerda , como fizeraõ sobre a direita.

A importancia destas lições he muito attendivel ; pois assim o affirma Pluvinel a El Rey Christianissimo , dizendo-lhe , que o Cavallo , que não entender a perna , por acaso fará coufa boa.

Deve preceder esta lição à de partir a volta , e a de fazer o quadro ; porque se o Potro , quando lhe mandarem partir a volta , desviar a garupa , como he natural , não poderáõ



Como deve Ladear o Cavallo ad^{ta}. com a cabeça
no muro e a espada dentro . . .

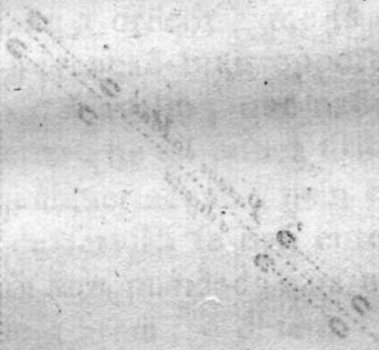


THE HISTORY OF THE
LIFE OF THE
LORD OF THE
TREASURY

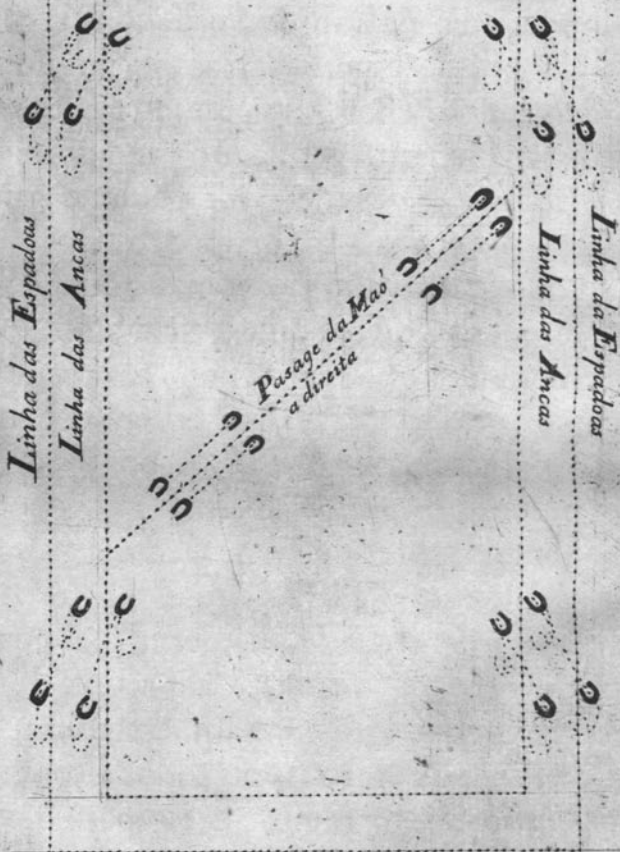
Planisphaerium
de Caelo et Tellure

Mercurius
Veneris

Jovis
Saturnus



Plano para o Menejo
da Cabeça no Muro



derão deterlha, se não entender bem a perna, que he quem a manda; e assim o remedio mais genuino, e a regra de emendar este vicio nos Potros, he a seguinte: Sempre que o Potro fuja com a garupa, e não puderem deterlha com as ajudas regulares, deve-se-lhe acudir promptamente com o socorro de porlhe a perna atrás, e parallo assim, deixando-o estar hum pouco, para que reconheça o seu erro, fazendo-lhe algum affago. Esta he a ordem, que se deve guardar, e a prevençãõ mais opportuna.

Todo o Cavallo, que não souber trabalhar à perna, he de pouca utilidade, pois nem em qualquer acçãõ, nem em manejo, he capaz de servir; se não entende bem a perna, não tem mandada a garupa, por ser o freyo que a firma, e detem.

Com os trotes desembaraçarãõ as mãos dos Cavallos, porém as espadoas só com o exercicio de trabalhar à perna, já com a cabeça dentro da volta, e a garupa de fóra, já pelo contrario, e tambem com a cabeça, e garupa dentro; pois todos estes exercicios sobre serem muito uteis para o vencimento do lombo, e pescoço de todo o

Cavallo, são os mais absolutos para o desembaraçar, e fazer habil, e seguro, e obrigallo a puxar mais os braços, tendo o cuidado de o suspender: e tambem estas lições fervem de abrir os braços aos Cavallos, que são fechados, e para os que tiraõ os braços por dentro, obrigando-os a que os puxem, e arregacem.

Estes, e outros remedios, que ha, deve saber, e usar todo o Cavalleiro, pois assim lho explica a voz commua; e esta de fazer hum Cavallo entre nós vale tanto, como se disseffemos, porlhe o que lhe falta, e tirarlhe o que lhe sobeja; pois se só se houvessem de ensinar aquelles Cavallos, que pela sua boa natureza não necessitaõ de mais, que mostrarlhe as lições, pouco havia que estimar, e agradecer aos Cavalleiros: estes devem ser como os Medicos, coadjutores da natureza, e emendadores della, para fazer novo costume ao Potro, e verificarse aquelle proverbio: *Consuetudo est altera natura.*

Nisto assentaõ todos os professores desta faculdade; e entre elles os mais classicos, D. Antonio Pluvinel, mestre del Rey

Chris-

197.



Garupa no Muro

Debrief



No. 102
 Manejo Real
 Madrid, 1763
 Imprenta de la Real Academia de la Historia

de Santa Catalina de...

de Santa Catalina de...

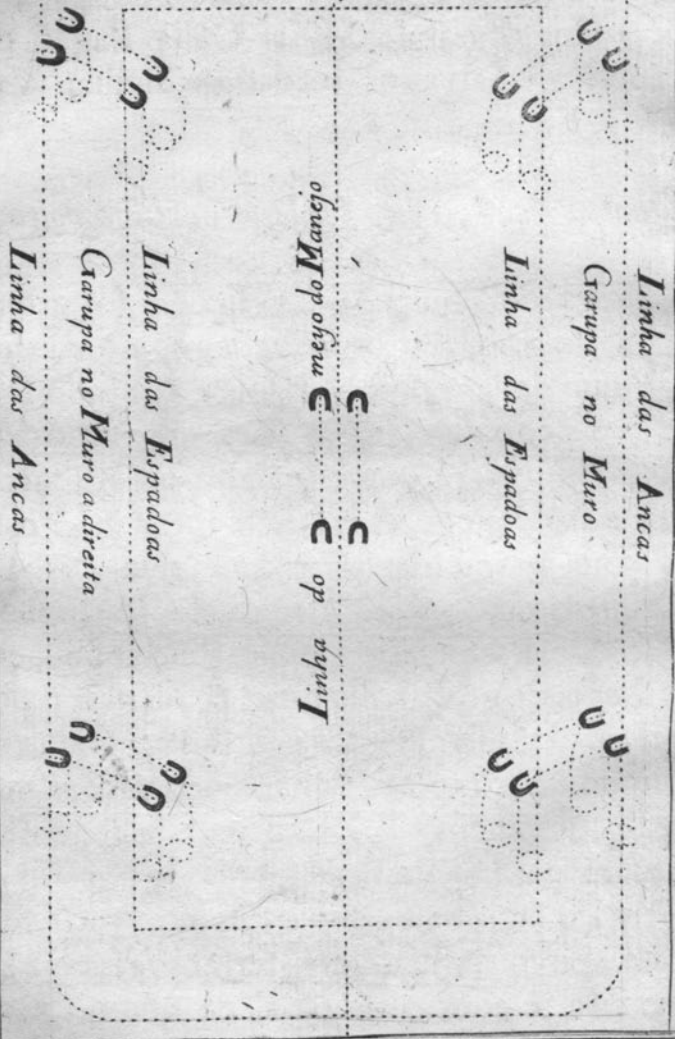
de Santa Catalina de...

de Santa Catalina de...

de Santa Catalina de...

de Santa Catalina de...

Plano p.^o Manejo
da Garupa no Muro



Linha das Ancas

Garupa no Muro

Linha das Espadoas

meio do Manejo
Linha op yhu

Linha das Espadoas

Garupa no Muro a direita

Linha das Ancas

Christianissimo ; Pierre de la Nove Cavallaria Franceza , e Italiana ; D. Pedro Antonio de Ferrara ; Joaõ Bautista Pinhatel ; e por todos o grande Misser Colla Pagaõ de Napoles , e Salvador Jordaõ de Sicilia. Veja-se a Estampa n. 8.

Quarta liçaõ , como se deve partir a volta.

E Sta distribuiçaõ das lições só attende a instruir os Cavalleiros no methodo , que devem observar sobre o modo successivo de usallas , assim para adiantar o Potro , como para que com esta ordem facilitem a sua repugnancia , naõ lhe dando causa com o intempestivo da escola , a que busquem meynos para a sua defensa ; pois já disse que o tempo , e a opportuna applicação dellas ha de governallo a sua prudencia ; porque eu só posso adiantar a noticia , de que seguindo estas regras , acharãõ com a primeira liçaõ vencido o Potro para a seguinte , e assim para as de mais.

Ponho por exemplo : temos o Cavallo com apoio bastante em termos de deixarse mandar , com a noticia de que a perna

manda a garupa, como o freyo, e cabeções, o meyo do corpo a diante; resta agora por lhe as esporas, para que comece a entendel-las: e porque o temos até aqui mandado geralmente, agora entramos a mandallo por partes; e sendo assim que o Cavallo do meyo corpo atrás não tem outro freyo, mais que a perna, e esporas, devo pôr-lhas, pois lhe peço o uso dellas.

Contentarmehey nesta lição, com que partaõ a volta methodicamente segundo as regras da boa escola, que nella se deve fazer pela ametade do circulo, e pela linha do diametro, que o divide, sem que se troque, até que chegue a pizar com os braços a linha do circulo, ou quadro, em que trabalha, como veráõ na Estampa seguinte: para o que o Mestre tendo a guia na mão, ou estando sem ella, deve desamparar o centro, segundo a sua intenção, se a parte com animo de mudar de mão, passando-se ao lado em que ha de ficar; e se a parte com o intento de profeguir sobre a mesma mão em que vem, ha de ficar daquelle mesmo lado; pois desta fórmula a guia não embaraça, e o Cavallo passa livremente; o que
naõ

naõ succederá , nem pôde succeder , se o Mestre naõ tem esta precauçaõ ; e he causa de cometter dous erros muito grandes , e risiveis : o primeiro he , que voltando o Cavallo a cara para partir a volta , e vendo o Mestre defronte , immediatamente se furta , ou arrebatada ; ambos feyos , e intoleraveis : o outro , que devendo o Cavallo partir a volta firme , e direito , naõ o faz , pois se troca assim que vira a cara.

Este modo de partir a volta he principio para ensinar o Cavallo nos manejos de firme a firme : considerem agora , que proporçaõ terá ensinallo a desviar-se para o fim de firmallo , e quadrallo.

Estamos em partir a volta , e ter posto as esporas , dizendo , que as haveriaõ mister ; e me perguntaráõ o para que ? E como o interrogatorio he justo , assim respondo : O Cavallo no circulo leva huma frente ; para partillo chamaõ-no a outra , que faz hum quarto de conversãõ ; neste he natural , que o Cavallo , ao compasso que lhe chamaõ a cabeça , e quarto de diante , elle desvie a garupa , se a perna , e a espora lha naõ detiver , obrigando-o assim , a que os
bra-

braços cavalguem , e o corpo rode , sujeitando-lhe a garupa , para que os pés só se movaõ o preciso , a que o quarto de diante ganhe o terreno , que lhe corresponde. Entenderse-ha melhor com este exemplo.

Huma fileira de seis Soldados , quando se lhe manda fazer hum quarto de conversão à direita , aquelle sobre quem se faz o quarto , repararáõ que só se move ; porém aquelle a quem toca a parte de fóra , tem mais que andar ; e isto he o que representa o corpo do Cavallo com os pés ao que está dentro , e com os braços ao que vay por fóra.

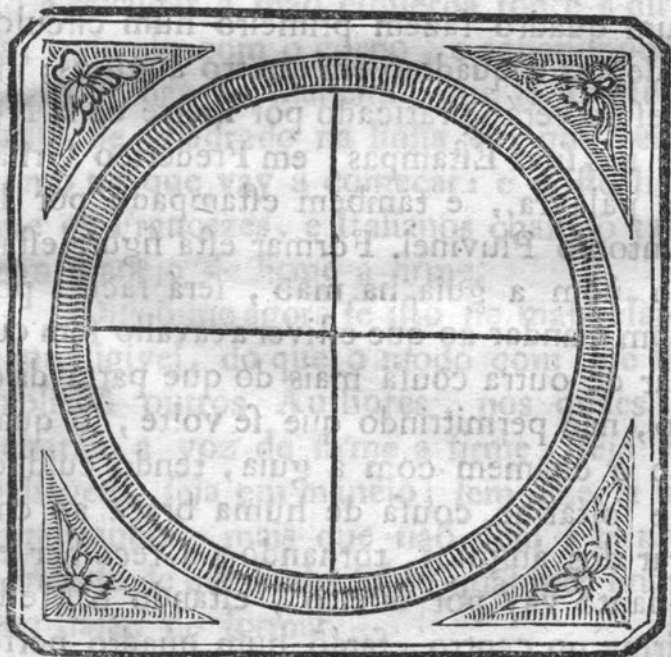
Creyo poderáõ entender assim isto , como o que tenho advertido de ser huma lição disposiçaõ para a outra , pois com esta se achaõ no caso usando da perna , e espóra , para que o Cavallo não fuja com a garupa , nem ao tempo de começar a partir a volta , nem ao de acaballa , para quando chegar à trilha do torno , trocando-lhe as ajudas , o façaõ mudar de maõ.

Naõ me parece dizer mais sobre este assumpto , por não confundir , e não fallar contra o mesmo , que tenho proposto de

naõ

naõ ser possível formar hum Picador, nem hum Cavalleiro por relaçaõ ; porém se tem os principios correspondentes, me persuado, que com este modo de explicaçaõ bastará para obrar methodicamente, e ao menos para que se naõ ria quem o entender, vendo-o obrar, como quem pertende o acerto: e para melhor intelligencia, vejaõ a Estampa seguinte.

Como se deve partir o Circulo.



Quinta lição do quadrado.

CHegamos sem desgraça a tratar a lição de proveito, pois até agora andamos dando voltas obrigados da necessidade de não estar o Potro em estado de fazer cousa de importancia. Não he de estranhar, que eu haja posto o Cavalleiro em redondo, para depois o pôr em quadrado: todos os Mathematicos o fazem assim; para formar hum quadro fazem primeiro hum circulo, e depois o quadraõ em quatro angulos; isto mesmo veráo praticado por Pierre de la Nove nas suas Estampas, em Frederico Grisaõ de palavra, e tambem estampado por D. Antonio Pluvinel. Formar esta figura estando com a guia na mão, será facil; pois com mandar ao que estiver a cavallo sem cuidar de outra cousa mais do que parta direito, não permittindo que se volte, só quando o chamem com a guia, tendo cuidado de soltarlhe cousa de huma braça ao chegar dos angulos, tornando-a a recolher em quanto vay por direito, estando o Mestre firme no centro, faráo hum quadro perfeito,

to, pois o tiraõ a cordel. Para se fazer isto bem, e com proveito do Cavallo, haõ de cuidar em que vá sempre firme sobre a guia, tocando, e apoyando nella como sobre as redeas dos cabeções; advertindo isto mesmo ao que estiver em cima, que fazendo-o assim, e obrigando-o a que vá direito, lograráõ, que ao chegar do angulo, como se lhe acaba a guia, se ache precisado a accommodar o corpo de fórma, que faça o angulo vivo, e perfeito, vendo-se precisado a cavalgar a maõ esquerda sobre a direita, rodando com o corpo, e accommodando as pernas de maneira, que se apresente tanto de quadrado na linha em que vem, como na que vay a começar: e a isto he a que os Francezes, e Italianos chamaõ tambem manejo de firme a firme.

Digaõ-me agora se isto he mais claro, e intelligivel, do que o modo com que lho explicaõ outros Authores, nos quaes só acharáõ a voz de firme a firme, seja em passagem, seja em manejo; sem dizer a sua importancia, mais que naõ dem a frente, pondo-se de quadrado sobre qualquer linha, que hajaõ de formar.

Olhando isto directamente ao fim, que poderáo ter entendido na explicaçáo das meyas voltas, e Pirueta; de que o Cavallo, em qualquer manejo que seja, e em qualquer movimento que faça, estando de quadrado, se ache prompto, e disposto para o que quizerem contramandarlhe; pois o tem de firme, e cubertos os teus flancos, que vem a ser os dous lados.

O modo que haõ de observar desde que começarem a formar esta figura sobre passo, trote, ou galope, ha de ser este: Antes de chegar ao angulo dous, ou tres passos, haõ de dizer ao que estiver a cavallo, que comece a recolhello, firmando-se mais sobre os estribos, com as demais ajudas prevenidas para a ligeirar, e chamar o Cavallo acima com o freyo, corpo, e pernas, fazendo-lhe sentir mais a da parte de fóra; pois assim lhe faráõ entender, que o vaõ a prevenir para o voltar; o que fará com facilidade, só com lhe voltarem a maõ da redea sobre a outra linha, em que ha de proseguir, tendo-lhe para isso firme a garupa com a perna de fóra; porque preparado assim o Cavallo, só ha que fazer levarlhe a espadão;

doa , pois o de mais já está prompto com o recolhido ; e tanto , que devem cuidar muito não ganhe terra atrás , que he muito feyo , e está exposto a fazello , se as pernas não estiverem promptas ; porque sem esta circumstancia , nem calvagará , nem ro-dará.

Naõ desprezem a menor advertencia de todas estas , porque nellas consiste todo o primor , e toda a effencia de manejar hum Cavallo ajustado , e com ordem : pôdem estar certos , que em lhe fazendo bem o Cavallo , e o Cavalleiro esta figura , terãõ pouco que vencer em outra qualquer ; e que o fazer bem estes angulos he final de estar bem visto em todas as ajudas , assim o Cavalleiro , como o Cavallo , e que este tem bem vencido o pescoco , e cabeça , e bem mandada a garupa , que he o tudo. Tambem necessita estar bem solto , e desembaraçado nos trotes ; porque assim esta , como outra qualquer figura , seja a passo , trote , ou galope , contém todo o primor na boa igualdade com que se deve executar ; pois naquelle mesmo ar em que começarem a obra , nesse a devem continuar , e acabal-

la, guardando sempre o mesmo tom, e cadencia; e como pela experiencia conhecerão, que se o Cavallo for trotando por direito, e começarem a chamallo, e prevenillo para a volta, este a deve fazer cavalgando, e rodando, cujos contratempos, não estando bem desembaraçado, lhe deterão, e perturbarão o ar, e tom que leva.

Deve se trabalhar neste manejo com cuidado, e satisfação; porque eu prometto, que tanto que tiverem o Cavallo prompto, resolutto, e seguro nelle, o tem inteiramente feito para tudo; porque não achará difficuldade em outro, nem em porse nos galopes muito regulado; pois em qualquer dos angulos, que lho permittaõ, se levantará a galope devidamente bem unido, com pé, e mão correspondente, e ainda em seu ar natural; porque sabendo já deterse justo, e regulado, não ha motivo, que o obrigue para não fahir muito firme, socegado, e seguro.

Naõ posso deixar de dizer (ainda que não corresponda a esta lição) que de não terem os Cavallos este principio, nascem as suas desordens, e os erros dos seus enfreamentos,

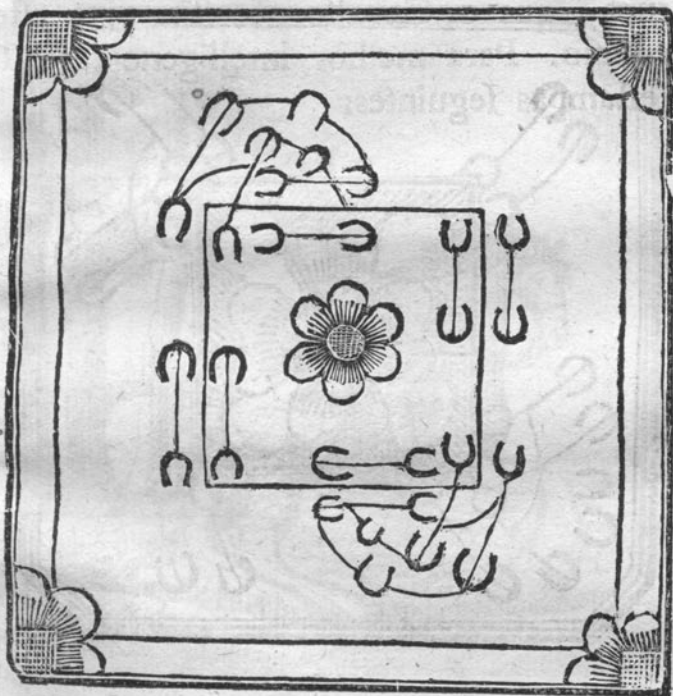
mentos, o que conheceráõ pela experiencia; pois tanto que o Cavallo souber deterse, entendendo bem as ajudas, estará habil para accomodar os seus braços, e pernas, vencido o lombo, segundo a necessidade do que se lhe manda. Sabendo usar de hum, e outro, o tem em estado de que não finta, nem ache difficuldade, que o mova a apoiar-se, abandonar-se, nem a tirar pelo freyo, que são os casos, em que os Cavallos se poem em desordem, que não acharáõ naquelles, que ensinarem segundo os preceitos sobre-ditos.

Desde que se começa a dar lição por este methodo, acharáõ prevenido, e de novo recommendo, que assim que o Cavallo se apoiar com demasia, e excessõ, acudaõ logo a aligeirallo com as ajudas do corpo, pantorrilhas, sonido de vara; ferrilhar de cabeções; e se porfiar, parallo fazendo-o ir atrás, e tornallo a diante; pois assim se reduzirá a tudo quanto quizerem.

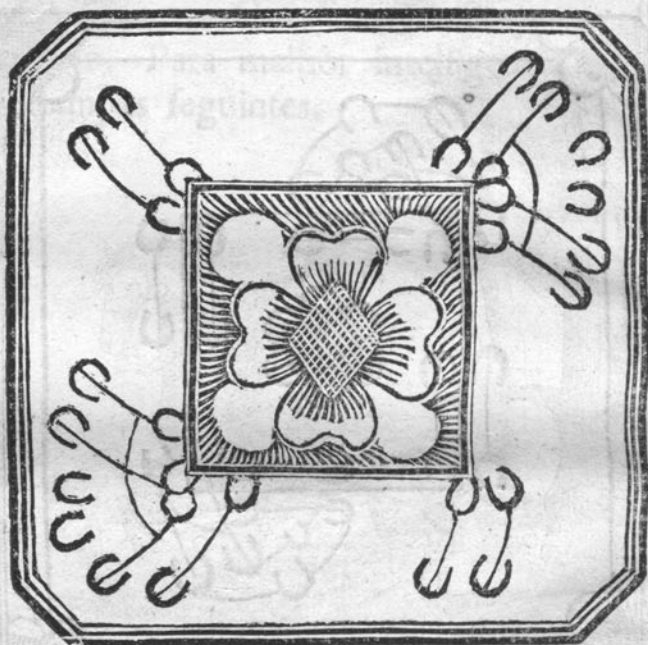
Sobre este quadrado se fazem differentes figuras, e por differentes modos, e são tres os mais communs: hum levando o Cavallo direito; outro levando o Cavallo com
a ga-

a garupa dentro, de maneira que faça com a trilha dous quadrados, hum com os braços, e outro com as pernas, e o terceiro com a garupa, e cabeça dentro da volta: estes dous só servem para mostrar a habilitade, e primor do Cavalleiro, e de utilidade só tem o vencimento de pescoço, e garupa, que o Cavallo necessita para este exercicio. Para melhor intelligencia vejaõ as estampas seguintes.

Como o Cavallo deve trabalhar por direito,
fazendo só volta nos angulos do Qua-
drado.

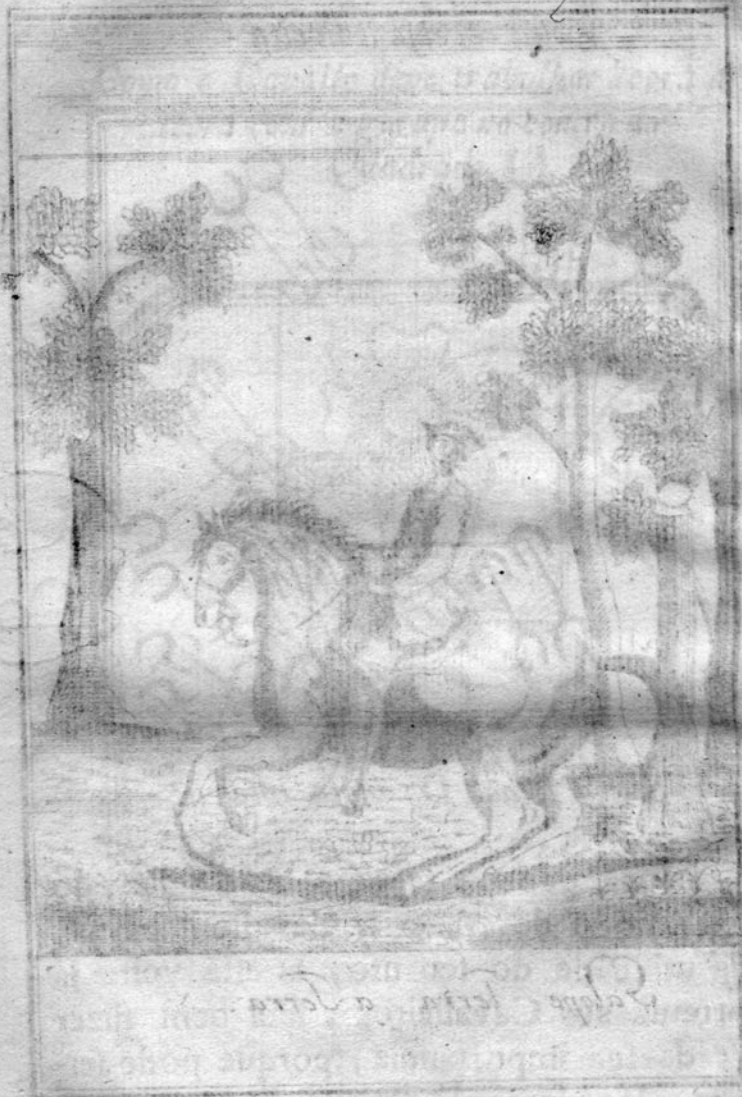


*Como o Cavallo deve trabalhar terra a
terra com a garupa no centro do
Quadrado.*

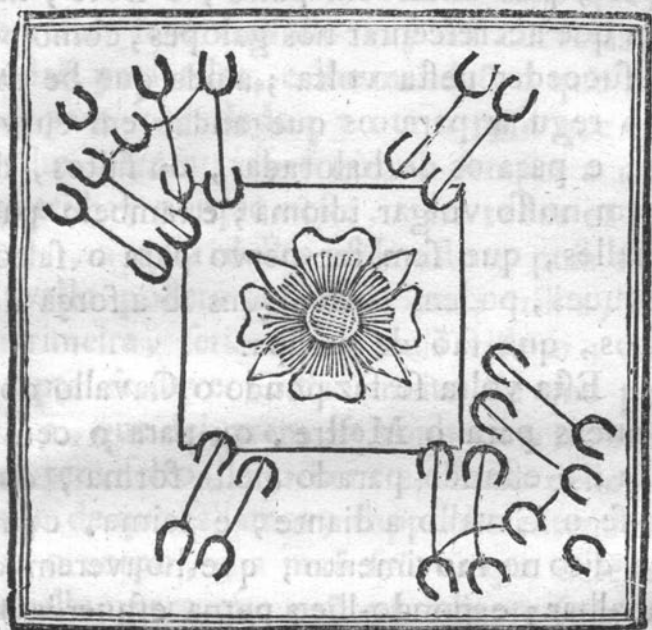




Galope Terra a Terra.



Allegoria della
 ... a terra ...
 ...

Volta reversé à direita*Sexta lição. Da volta inteira.*

Ainda que na terceira lição falley do modo de trazer o Cavallo à perna, e da utilidade do seu uso, e esta volta já a propuz aos Cavalleiros ; será bem dizer mais da sua importancia, porque póde servir aos Picadores de aproveitar mais algu-

ma cousa ; e tambem porque nisto de escola não trato particularmente lição de galopes ; pois ditas em passo , e trote , não tem que accrescentar nos galopes , como pôde succeder nesta volta ; ainda que he manejo regular para os que andaõ em curvetas ; e para os de balotadas , ou saltos , dito em nosso vulgar idioma ; e tambem para aquelles , que sem ter nervo para o salto , e couces , podem tirar alguns só à força dos soltos , que são de garupa.

Esta volta se faz pondo o Cavallo com as ancas para o Mestre , ou para o centro della ; e estando parado nesta fórma , chama-se o Cavallo a diante , e acima , como fica dito no movimento , que houverem de trabalhar ; e pondo-lhe a perna esquerda para o levarem sobre a direita , formarãõ dous circulos , hum com as mãos , e outro com os pés , cuidando muito , que não ganhe terra atrás , porque he muito feyo , nem adiante , porque não he do caso. Vejaõ aqui hum manejo , em que comprehenderãõ bem a precisão , que fica dita na medida dos estribos , pela pontualidade com que as pernas ajudaõ aqui o Cavallo ; pois pantorrilhas ,
e es-

e espóras vão em hum continuado exercicio , já mandando , já ajudando , hum , e outro sem intermissãõ , e tudo sem que se perceba : se o Cavallo vay em curvetas , o ajudaõ para ellas , e lhe mandaõ o que bafte , para ir de lado ; a outra para que naõ ganhe terra atrás , e guarde sempre a mesma trilha ; porque neste , e em todos os manejos , a gala delles está nisto ; pois se o Cavallo podera naõ fazer mais trilha , que a primeira , seria tanto mais vistoso ; mas sempre se deve cuidar muito de que pela trilha , que deixarem , se conheça o manejo , que tem feito , e o bem ajustado delle , e neste de que fallamos , supponho entendem , que o corpo , e a maõ são os que detem o Cavallo , para que naõ vá adiante (tenhaõ muito cuidado nestas precisões.) Em cada curveta , tres vezes póde o Cavallo ganhar atrás , ou adiante , ao levantar-se , ao firmar-se sobre as pernas , e ao cahir da curveta , em todos estes tempos tem contingencia , se o Cavallo se naõ acha igualmente ajudado , e mandado : as pernas aqui são as que fazem mais obra ; porque sobre os seus officios de ajudar , e mandar , se lhes accres-

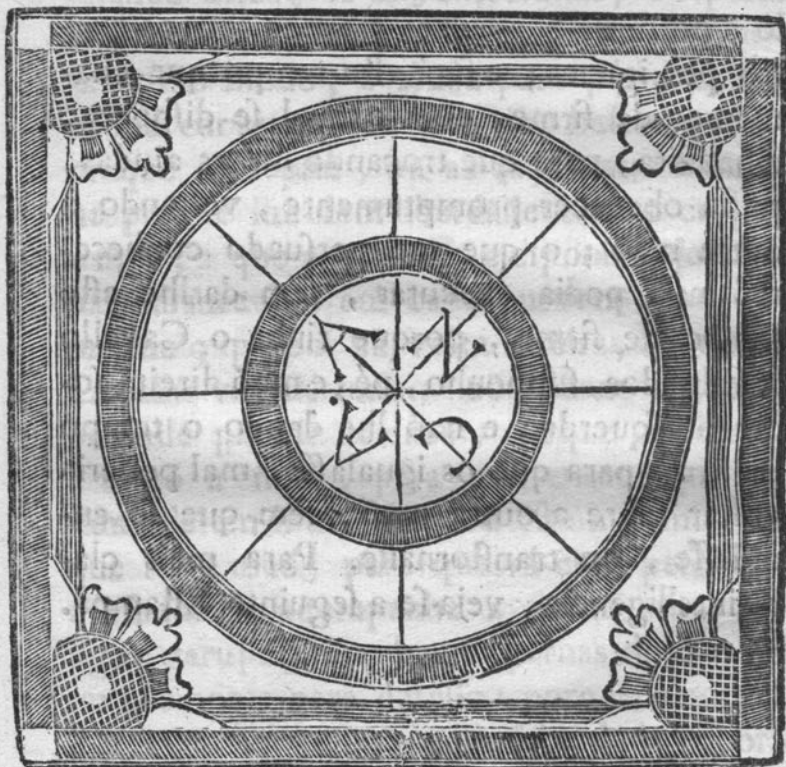
centa o cuidado de emendar qualquer leve descuido do tento da mão, e corpo; porque indo este mandando, e sustendo o Cavallo, qualquer cousa que o obrigue mais, he causa de o fazer perder o terreno, ganhando atrás, se as pantorrilhas, e esporas não acodem a esta emenda.

Do modo, e ajuda para pôr o Cavallo em curvetas, já tenho dito bastante: para que as repita, ou as faça para diante, he preciso lhe dem liberdade com o corpo, e mão; e que as pernas, e esporas o lancem para diante; e em cada curveta repetir o mesmo; porém na volta inteira, em que o Cavallo vay de lado, não pôdem darlhe liberdade para ir adiante, porque o detem, e viraõ a mão, para que entenda a sua vontade em ir de lado; e a este movimento, que faz a mão, para que vá com pescoço, e espadoa, acompanha a perna para que siga a garupa, e ambas as pernas devem estar promptas para detello; porque o corpo, e a mão com esta falta de liberdade o obrigariaõ mais do que he justo, e necessario.

Fazendo se esta volta de passo, ou de trote, deve-se advertir, que antes de mudar

dar de maõ, se ha de mandar fazer ao Cavallo hum tempo de firme. Desejo que entendaõ isto ; e assim digo , que vindo o Cavallo sobre a direita , lhe arrimarãõ esta perna igualmente com a esquerda , que o vinha mandando ; o que obrigará o Cavallo a porse de quadrado , ficando com os quatro pés iguaes ; e fará este tempo que chamamos de firme , com o qual se dispoem , e habilita , para que trocando lhe as ajudas , possa obedecer promptamente , voltando à outra maõ ; o que me persuado conhece- rãõ não podia executar , sem darlhe este tempo de firme , porque tinha o Cavallo cavalgados, supponho , pé , e maõ direita sobre a esquerda ; e não lhe dando o tempo de firme para que os igualasse , mal poderia voltar sobre a outra maõ , sem que se enredasse , ou transtornasse. Para mais clara intelligencia , veja-se a seguinte Estampa.

Galope ladeado em curvetas sobre a direita.



Nas curvetas deve-se observar o mesmo, pois ainda que nestas não ha de adiantar o Cavallo pé, e mão, mas sim levar os braços muito iguaes, dobrando-os muito bem, e as pernas com a mesma igualdade, e bem recolhidas; com tudo isso deve-se obrigar ao tempo de firme, antes de o voltar sobre a outra mão; pois vindo-o trabalhando sobre huma, e querendo-o voltar sobre a outra, sem o prevenir com o tempo de firme, lhe faráo cometer hum contratempo desordenado, não podendo o Cavallo conservar a devida igualdade em huma sobreza tão impensada; que ao menos tem o risco de que o Cavallo na primeira acção se troque adiantando pé, e mão, que lhe corresponder, precisando a terem a necessidade de tornarlhe a explicar a sua vontade, fazendo-lhe entender segunda vez a das curvetas; o que sobre ser dezar, he impericia.

Setima lição. Meya volta.

EM quanto a estas duas lições he questão de nome o pôr huma antes da outra, pois da mesma fórma fará meyas voltas

tas o Cavallo, e o Cavalleiro, que fizer a volta inteira. He a meya volta hum dos manejos mais uteis para toda a funçaõ da guerra; e para o combate do homem a homem preciso, e indispensavel: compoem-se de quatro tempos, que vem a ser, Disposiçaõ, Observaçã, Conversã, e Conclusã. Explico melhor: finjamos huma linha recta, e que sobre ella se ha de fazer a meya volta de galope, ou em curvetas; se chamará o Cavallo acima em hum, ou outro ar, e fazendo tres, ou quatro curvetas por direito, estas servem de eleger terreno, em que se ha de começar, e fazer este manejo; e por isso se chamaõ Disposiçaõ, servindo de pôr o Cavallo naquelle movimento, em que ha de trabalhar. Feito isto, arrime-se a perna esquerda ao Cavallo, para que metendo a garupa dentro, fique o Cavalleiro em disposiçaõ de poder explorar com huma vista a linha, que deixa atrás. Nesta disposiçaõ se fazem tres, ou quatro curvetas, que servem de observaçaõ, e em outras tres, ou quatro forma-se a meya volta, que se chama de Conclusã; e o saõ na realidade, pois está concluida: e se ha de profeguir,

pre-

prepare-se o Cavallo com outra curveta de firme , em que tenho fallado , e fallarey ; pois esta deve preceder , sempre que o Cavallo venha trabalhando sobre a perna , e queiraõ chamallo fobre a outra ; porque naõ fazendo este tempo de firme para preparar , e dispôr o Cavallo , naõ pôde deixar de embaraçar-se , e assim se deve ter entendido para sempre. Preparado assim o Cavallo , se faça outra curveta trocando , e fazendo a quarta : pôde se começar a outra meya volta , guardando os mesmos tempos de observação , conversão , e conclusão ; e nesta fórma proseguiráõ , cuidando em suspender todo este manejo , antes que fraqueie o Cavallo.

Quero advertir como em todo este manejo , o effencial ponto ha de ser o levar o Cavallo de quadrado , e sempre de firme em firme , por ser o antidoto contra o inconveniente , de que se possa abrir o Cavallo , ou outros semelhantes , que pôdem succeder.

Todo este manejo , que tenho referido para se exercitar no picadeiro , he muito effencial , e preciso para a guerra ; accres-

centando-lhe a Pirueta , a que os Francezes chamaõ *Coup de pistolet* ; que entre nós vale por Acção de pistola , e de espada ; e se deve executar assim : Sahindo a contender com outro Cavalleiro , e pondo-se em distancia proporcionada , partirá hum , quando o outro , em que gastaão os tempos que chamamos de disposiçaõ ; e estes serãõ mais , ou menos ao seu arbitrio : advertindo que ambos devem partir sobre a direita , e conservar-se sobre ella , em quanto durar o combate ; pois nisto differe este manejo feito em guerra , ou em picadeiro ; porque neste se muda de maõ em cada meya volta por bizzarria ; e na guerra naõ , pela necessidade que ha de se buscarem sempre pelo lado da maõ da espada.

Assim que passar o contrario , logo se devem começar os tempos de observaçaõ , para explorallo , e fazer quando , ou primeiro que elle , a conversaõ (agora conhecerãõ se com propriedade se daõ a estes tempos os nomes que lhe correspondem) e fará o Cavalleiro , quando o seu contrario , a sua conversaõ , e conclusaõ , para ganharlhe a frente occupando a linha em que começou,

çou , e não perdendo nem hum pé de terreno , pelo damno que se lhe póde seguir : tornando a passar , fará o mesmo , observando os tempos , e fazendo o sua meya volta , aonde antes a tinha feito o seu contrario , pois aqui teráõ já trocado os lugares.

Nestas passagens , tendo já disparado as pistolas , com que em tal caso se achão em termos de lançar mão à espada ; fallando como Cavalleiro não posso deixar de advertir , que fazendo se este manejo em publico , ou à vista do Exercito , (como em outro tempo se costumava) deve o Cavalleiro disparar ao vento a pistola , primeiro que o seu contrario , dizendo-lhe que he à sua faude ; pois em dar ao seu contrario a ventajem de descarregar a sua pistola , deixando-o a elle com a sua carregada , faz huma bizzarria ; e o seu contendor , que será , ou quererá parecer taõ guapo como elle , fará o mesmo ; e ainda na seguinte passagem lhe previnirá com a outra , se se descuidar de fazello ; porque este genero de duelos se remetem à espada ; e esta gloria de se fazerem prisioneiros não em os corpos , mas sim em o pundonor ; por serem estas as fe-

ridas mais sensiveis a quem as padece , como mais gloriosas a quem as consegue ; se logra ganhando lhe a garupa deitar-se-lhe em cima , e deixando-o indefenso , conceder-lhe a vida , que está em seu arbitrio tirar-lhe. Em o nome de passagens , que tenho dado a estas idas , e vindas , teráõ advertido , o porque se dá a este manejo o dito nome. Segue-se a Pirueta , por ella acabarão de reconhecer a importancia destas acções.

Pirueta.

A Pirueta , volta rapida , ou de espada , se faz assim: Vay o Cavallo galopando em curvetas sobre huma linha direita : quer fazer a Pirueta , chame-se o Cavallo a hum tempo de firme , e mettendo-lhe a perna , e espora da parte esquerda , o voltará sobre a direita , obrigando-o a fazer em hum salto toda a conversão , e no seguinte toda a conclusão ; que vem a ser reduzir os quatro tempos da meya volta a tres ; pois o primeiro que fez de firme suppre o de observação , que aqui não se dá , e o segundo he a conversão ; e vejaõ que serve disso , e o



Piruetta a direita.



Pinella a discesa, al. 1800

terceiro com que a fechaõ, equivale aos de conclusaõ: porém este se ha de cuidar em fazello com reflexaõ ao de firme; porque o cerrar a volta, e arrojare o Cavallo ha de fer a mesma acçaõ. Entenderaõ melhor dizendo-lhe o fim: Esta volta he para ganhar a garupa ao seu contrario, por isso já disse andava unida com as meyas voltas, que se estas servem para o manejo das pistolas, aquella para o da espada; agora teraõ entendido, que desde que a tiraõ para a contenda, andaõ expostos em cada passagem a que o seu contrario se lance em cima delle, e por consequencia o muito importantes, que saõ os tempos de observaçaõ, e o trazer em todos o seu Cavallo muy unido, e quadrado; pois desfunido-se, ou flanqueando-se, tem o risco de que advertindo-o o seu contrario, que vinha desfunido, o encontrasse, e deitasse por terra, e se lhe dèsse flanco, lhe mettesse o Cavallo nelle; que quando naõ lograsse o proprio, conseguiria ao menos o descompollo de fórma, que com pouca difficuldade ficasse senhor da sua garupa, e de lançar-se-lhe em cima, que em tal caso he a ultima desgraça; pois, como fica dito, ou

lhe

lhe tira , ou lhe perdoa a vida , que he o proprio , e como Cavalleiro fica incapaz de tornar a contender com elle ; porque não póde haver acção mais indigna , que usar daquillo , que outro me dá em offensa sua : e assim neste caso , como o de cahirlhe a hum homem a espada , levantando-lha o feu contrario ; ou parando na pendencia , dizendo-lhe que a tome ; ou por acaso cahindo , e o contrario (por mais bizarria) o mandasse levantar ; em todos estes casos a acção mais heroica , que hum homem póde fazer , he confessarse rendido ; mostrando neste mesmo cumprimento da obrigação , que cede à fortuna , mas que está tão senhor de si , que o não faz ao valor : por todas estas circumstancias , ainda que mal explicadas , a vossa comprehensão conhecerá bem , que esta escola he grande , não só pela utilidade de saber , senão pela propriedade de ensinar ; o que não deve omittir quem quizer desempenhar a sua obrigação.

Quero satisfazer de prevenção a hum duvida , que se póde offerecer , e será esta pergunta : Se o meu contrario tem tão bom Cavallo , e o sabe mandar tão bem

como eu, quando chegará o caso, que nós ganhemos a garupa? Respondo com o exemplo de dous, que jogaõ igualmente a espada, pois a razaõ he a mesma, que será aquelle que estiver mais em si, ou tiver mais fortuna. Bem pudera accrescentar algumas circumstancias, que podiaõ segurar muito esta ventajem, como saõ: o socego em mandar o seu Cavallo, o cuidado na sua conversação; porque nestes casos, o mais inteiro está mais superior; podendo aproveitar ao Cavalleiro qualquer leve descuido, ou fraqueza em o seu contrario: mas se em tudo me derem igualdade, isto não será responder; e assim direy que lhe dou preceitos para não errar, ainda que não tenho jurisdicção para segurarlhe a fortuna do acerto; e no caso que hum combatente tenha melhor Cavallo do que o outro, o que deve fazer este, he moverse sobre o seu centro com a ponta da espada direita para o seu contrario, em ordem a que lhe não ganhe a garupa, nem os flancos.

Meya aolta, à qual deve seguirse à Pirueta.

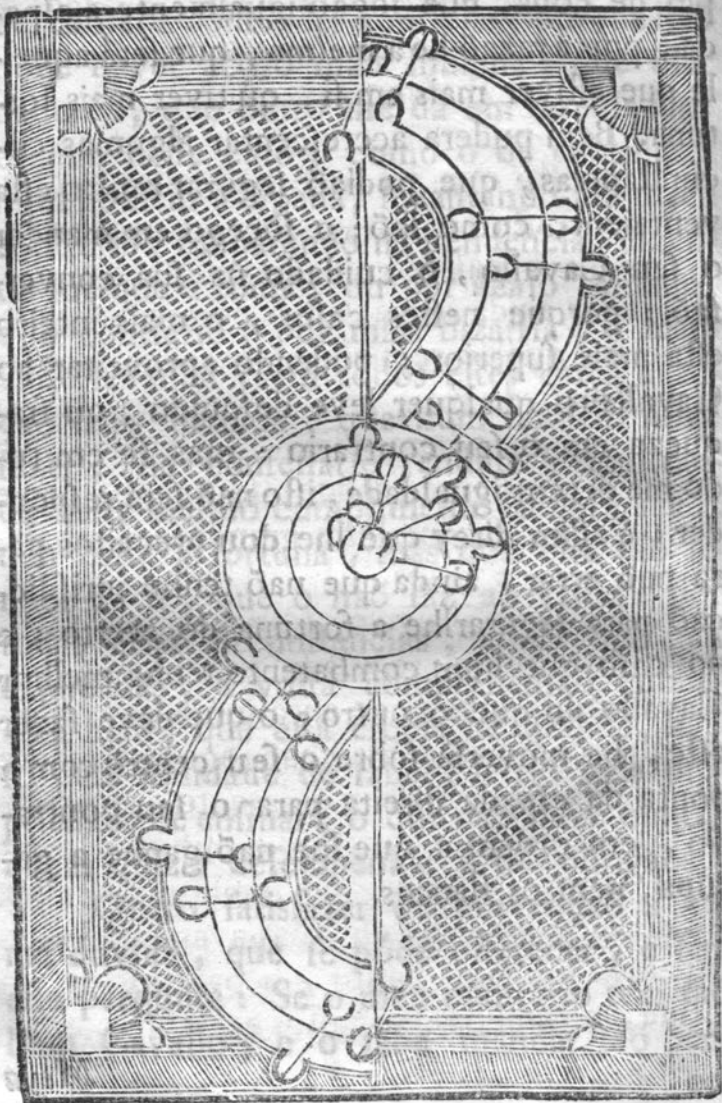


Figura em que deve passear o Cavallo depois que estiver perfeito ; e o modo com que se ha de reduzir o que tiver difficuldade para isso.

Supposto que até aqui não falley em huma cousa tão importante , e necessaria , como he o passêy do Cavallo ; foy por não estar ainda em aptidaõ com as circumstancias , que se requerem para isso , por ser a profissãõ de mais arte , e delicadeza em que deve ir ; e bem assim he preciso , que esteja já obediente , unido , socegado , firme da cabeça , e com hum grande desembaraço de pés , e mãos.

Costumaõ alguns Cavallos não sujeitarse ao passêy regulado pela Arte , por terem muita viveza de anca junta com muito espirito ; e assim marchaõ fogosos a diante em huma especie de movimento , que participa de passo , e trote , misturando alguns saltos sacudidos de lombos. A estes he necessario darlhe algumas avançadas , ou repelões de trinta passos , e parallos de repente , e fazellos dar passos atrás , e tornal-

los a diante , para que assim venhaõ a recolherse de garupa : e naõ se emendando , ferá necessario porlhe outro homem nas ancas , para que se recolha.

Sendo Cavallo muito ardente , ferá necessario porlhe os antolhos , e tirallo a campo largo , aonde se lhe frequentaráõ as lições de passayo ; e depois de oito dias de exercicio se lhe tiraráõ ; e se naõ se emendar , tornarlhos a pôr tantas vezes , até que o Cavallo entenda , que lhos poem para effeito de que passaye ajustado , firme , e unido , como se mostra na Estampa n. 9.

Oitava lição. Para galopar o Cavallo.

ANtes de tudo rogo aos Cavalleiros façãõ reflexaõ sobre o methodico desta escola.

Sendo , como he , bem sabido , que entre todos os movimentos do Cavallo o trote he o seu mais natural , e aquelle em que sente menos violencia ; e assim he taõ vulgar , quando se vê hum Cavallo trotaõ , o dizerse que tem o passo da mãy ; como quem dissera , que aquella graça naõ he adquirida



Como deve pasiar o Cavallo ~

Almoxarife Real

Para el servicio de su Magestad Real



En la imprenta de la Real Academia de San Fernando

quirida senaõ herdada ; he pois este movimento, por mais natural , como fica dito , o em que se ensina , e o em que se lhe vencem todas as difficuldades , que se podiaõ offerecer ao Cavallo em outros movimentos mais violentos. Com os trotes se tem aligeirado , com os mesmos se acha desembaraçado : nos trotes lhe ensinaraõ todos os manejos , e lhe tem feito entender a perna , e conhecer as ajudas , e apoyado sobre o freyo , e cabeções , com que lhe pozeraõ em seu lugar a cabeça , entende bem a parada ; e agora veráõ o pouco , que resta para fazer. Suppostos todos estes principios antecedentes :

Quando pretendaõ levantar o Cavallo indo descuidado , ou froxo , se o querem com mais orgulho , levantarlhe-haõ hum pouco a maõ , virando-a de unhas acima (como tenho dito) firmando-se sobre os estribos , fazendo-lhe sentir mais os joelhos , juntando-lhe as pantorrilhas , e o movimento de lançar o estomago fora ; pois todas estas ajudas saõ as que chamaõ o Cavallo acima , preparando-o para o que houver de executar , e saõ previas para tudo , servindo para que

faia diante, que em todas as acções he a primeira, e o dispoem, prevenindo o para o que quizerem mandarlhe.

Sendo a galopar sobre a direita, continuarão as ajudas, firmando-se mais sobre o estribo esquerdo, fazendo-lhe sentir mais a mesma perna, estalo de lingua, soarlhe a vara, e se não corresponder, tocarlhe com ella no lado de fóra, ou nos braços, ou ventre, segundo a sua difficuldade; o que tambem poderá obrigar a chegarlhe a espora do mesmo lado; e algum haverá que as necessite ambas: e nisto se ha de entender não está a causa da parte do Cavallo, senão da parte do ensino; pois nos Cavallos, que se fazem para a guerra, para a caça, ou para outro trabalho semelhante, se lhe ensinão a soffrer mais as ajudas; porque assim são mais faceis de mandar, não estando tão delicados: e deve ser assim por boa regra, pois a todo o Cavallo se lhe deve proporcionar o ensino, attendendo ao fim para que se faz, assim como em algum de picaria he primor fazello tão resentido, e delicado, que prove bem o ajuste, e habilidade de quem o mandar; em os que não são para isto, he

he juizo , e razaõ , que se façãõ com mais tolerancia para o serviço ; porque estes taes Cavallos não são para tudo , nem para todos.

Nestes , e em todos os mais modos de ajudar , e mandar o Cavallo , haõ de ter presente , que se lhe dizem todos para que os saibaõ , mas haõ de usallos segundo a necessidade o pedir ; pois se sahir com a primeira ajuda , escusaõ a segunda , e as de mais ; e se precisa todas , todas lhas haõ de dar , e taõ promptas , que lhas haõ de unir , como se fosse huma só ; sendo esta uniaõ , e separaçãõ de ajudas a prova do bom Cavalleiro , que sabe mandar o Cavallo ; e já se entende que esta mesma regra se deve praticar sobre a maõ esquerda.

Resta agora dizer o principal , e he , que sahindo a galopar o Cavallo , he preciso levantallo justo , e bem unido , pois isto se entende , sahindo sobre a direita , que seja levando diante o pé , e maõ direita , o que he unido , e justo , levando-o em seu ar regular , sem mais , nem menos acceleraçãõ do que a que a este corresponde ; e quando for sobre a esquerda , levará diante pé , e maõ

maõ esquerda. O conhecimento disto tem sua difficuldade, e se chama sentir o Cavallo, que, fallando mais claro, he entender o Cavalleiro, percebendo do movimento do Cavallo que pé, ou maõ faõ os que move, qual deixa, ou qual adianta; porque sahindo a galopar sobre a direita; póde o Cavallo adiantar o pé, ou maõ esquerda, o que se diz ir trocado, publicando, que o Cavalleiro naõ o entende; e ainda que saia bem, póde depois desunirse adiantando o pé, ou maõ da parte de fóra; o que tambem se diz ir falso: e he grande defar para o Cavallo, e Cavalleiro; pois a hum, e outro fazem igualmente notoria a sua falta de habilidade, e intelligencia.

A estes casos devem promptamente acudir com o remedio, que saõ as ajudas: se vay desunido de maõ, tornallo a chamar de novo, como se o prepararaõ para sahir a galopar; e naõ se unindo, tocarlhe promptamente com a vara na espadoa de fóra, e tirarlhe pela redea do cabeçaõ da mesma parte: e se for desunido de pé, o preparaõ tambem, e lhe tocaráõ com a vara no ventre por cima da perna pela parte de fó-

ra ; e se não obedece , chegarlhe a espora do mesmo lado , e bem atrás , sem descomposição , que isto o unirá : se continuar trocado , o baixaráo ao trote , sem que o deixem levantar aos galopes , até que faya unido como deve , fazendo-lhe para isso sentir as mais fortes ajudas , até que entenda com effeito , e obedeça à vontade do Cavalleiro ; e o mesmo faráo em todas as mais desordens.

Por regra geral tenho dito , que duas voltas sobre a direita , e huma sobre a esquerda he que se devem dar ao Cavallo , não obrigando ao contrario razaõ particular : o que quero explicar he , que não fação destrocá o Cavallo , nem passallo de mão , em quanto não esliver bem firme ; já-seja galopando em torno , ou em quadrado sobre a mão direita , o devem parar primeiro , em quanto galopea , antes de o passar à mão esquerda ; e não faráo o contrario , sem que conheçaõ estar já bem firme , como advirto.

Devem tambem advertir com especial cuidado o movimento , e ar de galope , a que o seu Cavallo se inclina ; porque aqui en-

entra a pedra filosofal da intelligencia.

Entre os Medicos he aforismo o seguir por onde a natureza guia; e entre os Cavalleiros he ley. Não conseguirão de nenhum Cavallo cousa louvavel fóra do seu ar natural; e a mesma razaõ dicta isto mesmo, pois tudo o que he violento não deixa de ter dissonancia, e no ponto que tratamos he tão grande, que aquelle, que mais fatiseito ficar do seu trabalho, não tirará mais do que o tempo perdido.

Nestas quatro palavras digo toda a essencia do Cavalleiro. Com a doutrina, que aqui ensino, bem observada reduzirão, e concertarão todo o Potro, e todo o Cavallo, por refabiado que esteja: com essa mesma mal instruida refabiarão qualquer Potro, por bom que lhe pareça, e acabaráõ de perder qualquer Cavallo, por melhor inclinaçãõ, e natural que tenha.

Ha cousa tão facil, e tão suave para pôr hum Cavallo sobre as pernas, como he fazello dar passos atrás, e tornallo adiante? Pois affirmo que além de ser tão facil, nada he mais seguro; em lhe fazendo observar aquelle contratempo, que tenho dito,

(na



Galope à direita unido

Faint, mirrored text bleed-through from the reverse side of the page, appearing as ghosting of the original text.



Handwritten text at the bottom of the page, likely a signature or a note, written in a cursive script.

(na primeira lição de fazer o Potro) e tornallo a diante , não ha pilar , nem coufa tão descuberta que tanto o obrigue : e sobre fer isto tão certo , mais lhe seguro que nesta lição se pódem refabiar muitos Cavallos , huns porque ao começallos a trazer atrás , logo o Cavalleiro quer precisallos a que o fação bem , e vaõ direitos ; e como para isto he necessario quebrarlhe o pescoço , e muitas vezes obrigallos a fazer força nos rins , que ainda não podem , nem sabem ; eis-aqui dous motivos sobejos , para duas apprehensões violentas no Cavallo , embeberse , ou empinar-se . Devem-se contentar , quando pertendaõ no Cavallo coufa nova , só que a faça ; pois para o fazer bem , pede mais tempo , e outras circumstancias .

O trote (como já disse) se escolheo para aligeirar , e desembaraçar os Potros : em outro exercicio se fazem detidos , e irresolutos muitos Cavallos , sendo causa desta desordem , em vez de os rasgar , e romper com toda a liberdade , andallos recolhendo a cada quatro passos , querendo-os pôr sobre as pernas ; o que lhe motiva os vicios sobreditos , tirando-lhe a resolução ,

deixando-os fó com o sentido , e apprehen-
 saõ de se ir prevenindo a parar , e deterse ;
 sendo este o vicio que se lhe pega com mais
 facilidade.

O partir a volta sem a devida cauté-
 la de os fazer destrocár , para que entrem
 certos , tem refabiado a muitos Cavallos ,
 sendo este hum dos motivos porque se acha
 desterrado o uso dos pilares ; porque como
 nestes não havia o arbitrio de distinguirhe
 ao Cavallo o modo de mandallo (por estar
 prezo) nem a facilidade de poderhe acu-
 dir com algumas ajudas , que bem emenda-
 sem o sentimento que hia tomando , se re-
 fabiavaõ ; e se achou que custava mais o
 emmendallos quando sahiaõ , do que lhe
 aproveitava o reduzirlos.

Isto mesmo succede em qualquer li-
 çaõ , se o juizo , e prudencia do Cavallei-
 ro , não sabe distinguilla com a proporçaõ
 necessaria.

Tornando aos galopes , digo , que nem
 todos os Cavallos se podem reduzir a hum
 mesmo tom de galope ; porque huns pelo
 feu ar natural o teraõ curto , outros largo ;
 aquelle fervido , este escutado ; alguns ga-
 lhar-

lhardo, poucos atropellado; e de nenhum destes acharáõ quem saiba distinguir qual he o melhor; pois em todos os Authores leráõ quanto airoso he hum galope avançado, quaõ particular hum escutado, admiravel hum galhardo; mas naõ veraõ que nenhum decida, se estes lhe parecem melhor do que o galope atropellado, pois acharáõ, que os taes Cavallos recreyaõ a attençaõ de quem os vé, e o gofio de quem os manda, como aquelle que vay terra a terra, em hum galope curto taõ pausado, e taõ bem medido, que a dedos vay prendendo a curiosidade, fem soltalla, nem inda quando se troca, por saber unilla com a precisaõ dos seus bem concertados movimentos.

Supponho estaraõ entendidos desde a primeira liçaõ, que para chegarmos ao que agora tratamos, temos vindo ganhando, derrubando, e aligeirando o Cavallo, ganhando o com as apraziveis lições, que tenho proposto; derrubando-o com as boas paradas, com deitallo atrás, e tornallo a diante; aligeirando-o com os trotes, manejo de cabeções, e os mais exercicios de perna, que soltaõ, habilitaõ, e ensinaõ a entender as

ajudas, accomodando-se para bem correspondellas. Quizera lograr o fim de que me entendessem, e por isso não quero confundillos com mais individual explicação: e para a melhor intelligencia vejaõ a Estampa seguinte n. 12.

Nona lição sobre o ar das curvetas.

ENtre os Cavalleiros se regulaõ a quatro os manejos dos Cavallos, o que fica dito até galopar; este que agora vamos a dizer chamado curvetas, o de salto, e passo, que he o primeiro dos altos, e o de capriolla, que fazem os quatro; isto he, falando com alguma intelligencia, e fundamento.

Os modos de galopar acabamos de dizer, que são diferentes; e assim de qualquer sorte que o Cavallo o faça, nunca se lhe pôde dar outro titulo, que o de galope, pois não he outro ar: as curvetas são todas humas, altas, baixas, ou como quer que sejaõ; salto, e passo com couces, ou sem elles, tambem não he outro ar, ainda que o modo seja distincto.

Na capriolla da mesma maneira se comprehende todo o genero de capriollas, seja cerrada, seja garupada, ou facudida; porque nada disto muda de ar, posto que mude de nome; pois ainda que se diga salto de carneiro, encabritarse, jogar de lombo, nem outro titulo correspondente, não trocãõ o movimento, ainda que as vozes o distinguãõ.

Antigamente os Nauticos por quatro ventos se governavaõ, depois por dezaseis, e hoje por trinta e dous; porque se quizerem, os atomos se faraõ divisiveis: porém como não sou Filosofo, não quero meter-me em taes questões, busco o Cavalleiro pratico, e assim vamos ao nosso intento.

Desde a primeira parada, que já disse, começámos a dispor o Potro para as curvetas, pois aquelle modo de parallo aligeirando-o sobre a mão, e o recommendar, que sempre que fizesse pezo nella, ou se apoyasse com demazia, o chamassem a parar, fazendo-lhe dar passos atrás, e tornallo a diante, como fica prevenido, não era outra cousa mais do que habilitallo para que viesse a fazer curvetas; e assim estou certo

(sup-

(supposto que até agora não falley nellas) que o Potro as fará já, como o tenhaõ mandado com a arte sobredita, por ser o modo mais efficaz, e seguro de aligeirar os Potros de diante, sem o perigo de se refabiarem, como tem succedido a outros recebidos em boa escola: e assim não se deve usar de outro meyo, pois com elle a todos tenho reduzido; sómente a hum pezado, e perguiçoso usey de hum páo, não por estar destituido da esperança de o conseguir, mas por comprazer com huns Mirões pouco experimentados, a quem pareceo difficultoso, que pudesse reduzir aquelle Potro a este ar; e por fazerlhe o gosto; lhe mostrey que podia ser: e logo dizendo o como, poderá servir, em caso necessario, a qualquer Cavalleiro curioso.

Mandey vir hum páo grosso como hum temaõ de hum arado; este meti no buraco de huma parede tres palmos levantado da terra, e dando a outra ponta a hum moço, mandey ao que estava no Potro, que viesse trotando de longe aligeirando-o, e chamando-o acima, e que ao chegar perto do páo, o ajudasse à curveta: eu me puz ao lado

do páo para o precisar, e com effeito o embaraço o obrigou a levantar os braços, e faltando, o fiz repassar quatro vezes com o mesmo cuidado, com o que se levantou depois, sempre que se lhe pedio: isto obrigará a qualquer Cavallo a romper; mas a que as faça bem, depende dos mais principios referidos; e assim deve-se cuidar, desde que o Potro começa a entender, de ajudallo, levando-o no seu ar, e procurando em todos accommode bem as pernas, e dobre bem os braços, pois nisto está o tudo, de que sejaõ airozas, estando a cavallo attento, para acudir-lhe com a vara nos braços, se não os dobra; e na garupa se deixar as pernas, e não acompanhar, como he justo. Já disse o como se deve ajudar; e como se póde reduzir he assim do modo que agora digo, e riaõ-se de qualquer outro; como dos pilares; porque entre os cabeções, e as pernas do Cavalleiro, he elle juiz de poder do seu Cavallo, e até onde póde usar delle; e assim arbitro de chegar aqui, e não mais, se he conveniente; e este arbitrio não o tem nos pilares; aonde o Cavallo póde quebrarse, ou irse mais do
que

que convem; e offendendo-se nos rins refabiar-se, empinando-se, ou defendendo-se como poder. Veja-se a Estampa seguinte n. 13.

Eu levo em força de pratica a opiniaõ de que nenhum Cavallo traz os refabios do ventre de sua mãy; o máo modo de mandallos, a menos cautéla, e a pouca experiencia lhos origina: má condiçaõ, defeitos de lombos, de pernas, braços, e de cascos os herdaõ, e alguns destes os contrahem no campo em que pastaõ; porém o defenderse mais nisto, do que naquillo, isto não póde ser.

A palavra refabio explica isto mesmo; pois aquelle *re* vale tanto, como se dissessem *sobre*; commummente dizemos *refabiado* daquelle, que sabe mais do que he justo; e isto nasce de ensinar os Potros indevidamente fóra de tempo, e sem lhe conhecer o natural; pois sem este conhecimento preciso he errar muito; porque não o havendo para prevenir aos Cavallos, e para distinguir nelles o que lhe sobeja, ou o que lhe falta de poder (o que fazem por ignorancia, ou por malicia) não póde haver acerto. Todos estes erros pedem distin-

ças, e muy differentes emendas, se lhe trocã estas, sobejo motivo daõ ao Potro, para o fazer incorregivel, e dificultar o seu ensino.

Eu direy quanto me for possivel; porém a experiencia mostrará quaõ difficultoso he prevenir tudo o que se possa offerecer: do mais commum se passaráõ mil cousas; vejaõ que facil será prevenir os casos todos, mas por regra geral affento naõ haver defeito, que naõ esteja subdito aos preceitos da Arte.

Decima liçaõ. Para o salto, passo, e capriolla.

SUpposto que já disse, como para o exercicio da Cavallaria era necessario que o Cavalleiro conhecesse (primeiro de tudo) o ar natural, ou inclinaçaõ dos Cavallos, para nesse mesmo os exercitar, e instruir; fallando-lhe sobre outros manejos, lhe naõ falley na capriolla, sendo, como he, ar distincto, e dos mais singulares, e celebrados entre os homens de Cavallo, por exquisito, e particular; pois saõ bem poucos

os Cavallos, que se encontraõ para estes manejos.

A todo o Cavallo, de qualquer manejo, se ha de ensinar na fórma que fica dito; porque as lições sobre passo, trote, e perna faõ as da obediencia, e ensino; e nellas he que se ha de ajustar o Cavallo, pois naõ o estando no manejo baixo, a que chamamos terra a terra, naõ poderá vir justo a outro nenhum.

Quando trotaõ o Cavallo, e o vaõ aligeirando nas paradas, he regularmente a occasiaõ de mostrar o seu ar, e natural vontade, já seja ao salto, ou à capriolla; e bem assim devem segurallo nos trótes, e galopes, até que o tenhaõ devidamente apoyado na redea: entaõ começaráõ a aligeirallo no seu ar desta fórma: suppondo que o Cavallo está bem entendido nas ajudas, e aligeirado de diante, e recolhido detrás, com as curvetas na fórma sobredita, vamos agora a ajudallo sobre o seu ar, que he a sua vontade, e inclinaçaõ, a qual conduz muito para conseguir este manejo.

Meteráõ o Cavallo a trote rijo, e direito em fórma que lhe fique alguma parede

de a hum dos lados , e sobre huma trilha conhecida , aos vinte , ou trinta passos , chammallo-haõ a parar em duas , ou tres curvetas , e na ultima ajudallo-haõ ao salto , ou capriolla , que naquillo que for do seu ar , corresponderá facilmente , e obedecendo ; parallo-haõ : tendo-o alli hum pouco quieto , o affagaráõ , dando-lhe huma folha de couve , ou equivalente : tornem a metello a trote , e aos oito , ou dez passos faraõ o mesmo ; e obedecendo como da primeira vez , apeem-se promptamente , e dando-lhe algum mimo , mandem-no para a estribaria , que no dia seguinte elle o fará com mais gosto ; continuando-lhe as lições depois de conhecer o seu ar. Se o Cavallo for remisso em corresponder a elle , se porá o Mestre naquella paragem aonde houver de fazer a capriolla , e com a voz costumada , vara , e chambriera ajudará ao que estiver em cima a requererlha por todos os modos , acodindo-lhe aonde for necessario ; pois se o Cavalleiro o aligeira de diante , o Mestre o fará detrás , ou pelo contrario , para que assim se resolva ; isto he facil todas as vezes que o Cavallo tem esta natural propen-

saõ; o que se entende pelo seu ar, sendo o mesmo que dizer, que o Cavallo se inclina a elle.

Já teraõ experimentado isto mesmo, pois desde que lhe ensinaraõ a parada nas curvetas aligeirando-o, teriaõ o trabalho de lhe vencer a sua vontade, quando o obrigassem a parar sobre as pernas aligeirando-o de diante, se queresia fahir o de salto em salto, e o de capriolla em capriolla; porque ao solto de garupa lhe repugna a sujeição de recolhella; e ao bem disposto a fahir, o ficarse sobre as pernas; e o outro a mesma força, e fortaleza, o ficarse com lombo baixo, e sujeito: trabalhando o Cavalleiro (naõ obstante estas inclinações sobreditas) em regular nos Cavallos as ajudas à sua mesma natureza com a uniaõ, que se lhe dá; pois quanto mais unido o tiverem, se achará mais habil para usar a liberdade da sua inclinação, quando lha permittaõ; porque o justo, e regulado o traz mais inteiro, como experimentarãõ facilmente; pois se hum Cavallo andasse tirando couces à sua eleição, e o outro capriollas à sua idéa, isto es enfraqueceria preci-

famente, ainda que (naõ obstante a sua liberdade) o soubessem fazer, naõ seria possível corresponderem com o devido alento, e menos com segura regra, costumados a fazello por antojo, o naõ devem estranhar que o Cavallo lhe naõ corresponda nas primeiras lições, antes será isto effeito da sua obediencia, tendo-lhe o Cavalleiro mandado o contrario até agora: e se depois disso se achasse na sua total liberdade, seria indicio certo de o ter pouco adiantado. Observem em tal caso o naõ lhe mandar muito, tendo cuidado paulatinamente do seu poder, e vontade, para deixallo sempre com humia, e outra couza. Em todo o trabalho se deve observar esta regra, a deixar o Cavallo com vontade he consequencia de que vá a melhor; porém a de apurallo humia vez, traz consigo tantas, e taõ más, que eu naõ quizera verme, nem ao Cavalleiro em tal Cavallo, que o tivesse sido. Advirtaõ aquelle proverbio que diz: *Ao Amigo, e ao Cavallo naõ ha apurallo*: e mais digo, que nada he mais perigoso do que a falta de poder em qualquer Cavallo; naquelles que tem demasiado espirito, he o

Cavalleiro juiz arbitro ; porque o defafo-
gallo he facil : porém nos froxos , e lerdos ,
nem arbitrio , nem jurisdicaõ lhe fica.

S U P P L E M E N T O

*Das advertencias muito uteis , e necessarias
para os Cavalleiros curiosos.*

Como nem todos os Cavallos, que
costumaõ vir à escola, saõ taõ pre-
cisamente Potros, que possaõ fazel-
los desde a primeira sella, pois huns a con-
sentiraõ já, outros viraõ montados, e apoya-
dos, e tambem alguns desbaratados, e per-
didos ; em todos estes Cavallos a primeira
 applicaçãõ devem polla, antes de entrar a
mandallos, em reconhecer bem por onde
erraõ ; porque assim vaõ mais seguros, e
ganharãõ muito tempo, começando logo a
doutrina sobre a sua difficuldade : e isto ha
de ser em tal fórma, que o Cavallo naõ co-
nheça que se lhe oppoem totalmente à sua
má inclinaçãõ. Vejaõ aqui hum exemplo,
e deste proporcionarãõ outros para os mais
casos: Trazem-lhe hum Cavallo com o pef-

coço vencido à direita, ou à esquerda; este por força do costume ha de trazer a cabeça torcida; em tal caso subiráo nelle com a cautéla de que a sua querença lhe fique ao lado contrario; e passeando-o por algumas vezes com esta reflexaõ, achallo-haõ emmendado, sem que elle o tenha conhecido, nem ao Cavalleiro custe algum trabalho. Explico-me melhor: tem torcida a cabeça ao lado esquerdo, montaráo nelle, deixando a cavalhariça sobre a direita, e sahindo a passayo fóra do povoado, deixem-lho sempre sobre a direita, andando à roda delle, permittindo ao Cavallo que se incline para aquella parte; e pelas ruas passeallo-haõ com a mesma cautéla; e ainda que não logrem o effeito nas primeiras vezes, repetindo-as o conseguiráõ suavemente, que supposto pareça isto facil, entendaõ que não o póde haver mais efficaz, para vencer qualquer Cavallo refabiado; assim nisto, como quando se defende a não voltar sobre alguma das mãos; razaõ porque recommendo que estimem sempre o mais facil, e o mais natural; porque he o mais seguro; o que não acharáõ já mais

nos

nos remedios fortes, e violentos; porque estes logo trazem consigo mil contingencias, e para o futuro demasiado risco; pois o Cavallo que chegando a porfiar com elle, e lhe não vencem o cestro, entendo que fica confirmado nelle. E mais advirto, não he vencer hum Cavallo o moello até conseguir o intento; porque o poderá fazer depois de fatigado, e isto não he ficar vencido.

Cabeções.

NO uso dos cabeções, já disse os três modos com que regularmente se costuma usar delles; e agora advirto, que postas as redeas nas cilhas, como fica dito, servem para os Cavallos duros de pescoço, e torcido mais a huma mão, do que a outra; pois com este meyo, o obrigarão à vontade de quem o manda. Serve tambem para os Cavallos soltos de pescoço, e que dão cabeçadas para cima, e para os que levantaõ o focinho, a que chamaõ Estrelleiros, aos que se empinaõ acobardamento; e he meyo de tirarlhe o vicio; porém com estes

estes devem usar de muita prudencia, mandando-os com muita moderaçãõ; attendendo a naõ os pôr em violencia, nem em difficuldade, em quanto naõ estejaõ seguros de que elles sofrem, e temem a violenta sujeiçãõ; porque aliã aventuraõ, que receoso o Cavallo della, se resolve a empinar-se, e póde cahir sobre o Cavalleiro. Para este vicio acharãõ nos Authores diferentes remedios; porém seguro que naõ sãõ efficazes, mas sim contingentes. Este que digo, com prudencia obrado; naõ tem contingencia alguma, cujo effeito está bem provado; e assim observem o que acautello: fujaõ à difficuldade: intenta empinar-se, chamem-lhe immediatamente a cabeça ao seu joelho, voltando-lha a huma, ou a outra mãõ, que elle se hirã defenganando, e reduzindo à obediencia; e huma vez que o esteja, entãõ com segurança poderãõ (acordando-se do vicio) se o intentar, abri-lhe a mãõ, e rasgallõ fortemente com as espóras, e arremeçallo a diante com resoluçãõ, fallando-lhe com rigor, e com a vara, e melhor com hum açoute no ventre, e nas cadeiras; porque haõ de advertir, que se o Ca-

vallo erra de diante, o haõ de castigar do meyo do corpo para trás; e se tira couces, do meyo corpo a diante; pois ainda que tenhaõ ouvido dizer, que ao Cavallo, que se empina, he proprio castigallo dos joelhos para baixo, creão-me que he bom para ouvido, mas naõ para executado: isto he o que posso dizer pela minha experiencia, e pela que tenho lido, e visto praticar a pessoas intelligentes.

O segundo modo, que disse postas as redeas nas argollas dos coldres, serve o mesmo em Cavallos faceis, especialmente nos que daõ cabeçadas para baixo, inclinando-se tambem a encapotar; porque assim os traz acima, e à firmeza do pescoço com mais facilidade; e ajudará tambem a vencerlhe os lombos, que sempre saõ mais duros, e rijos nos Cavallos, que se encapotaõ.

Na postura regular naõ ha mais que dizer; só repetirey, que usem delles com varilhas, e naõ os atem; porque será ir apregoando, que naõ sabem usar das redeas, e devem castigar desde a muserolla até o lugar, que corresponde aos alentos do Cavallo;

lo ; e assim o modo de pôr os cabeções manda que se não cerre tanto , que lhe tire o jogo ; pois se o cerrado lho impede ; o atado que fará ? Neste ponto pudera dizer muito , mas contento-me com que fação reflexão de que se vay atado , e fixo lhe poderá servir de pouco ; pois nesta postura logo fará perder ao Cavallo a sensibilidade daquella parte.

Uso do freyo.

Sobre o freyo já disse o meu sentir , como o dos mais selectos Authores nesta faculdade ; e com elles aconselho não usem nos Potros mais que de hum simples canhaõ com cambas direitas , ou de escarlha pinharel ; e nos Cavallos feitos , freyos ligeiros a esta correspondencia : pelos que fizerem de baixo desta escola , eu prometto que com qualquer obraráõ bem. Para mais apoio , e satisfação sua nesta materia , peço-lhe fação reflexão do apreço , que merecem as palavras , que cito de Pluvinel , por serem ditas a hum Monarca taõ grande , a quem he dívida fallarlhe com verdade sincera ;

apoyando isto mesmo humas testemunhas de tanta authoridade, e excepção, como os que se acharão a esta conferencia, que sempre foraõ: o Duque de Vellegarde Estribeiro Mór, o Mariscal de Suuere, e o grande Condestavel de França; pois acrescentando à sua representação a especial, que se lhe dava na faculdade pela sua grande intelligencia, basta para convencer a mais escrupulosa nimiedade; pois a mim, e a outro qualquer isto nos faria ley, ainda sem chegar ao infallivel da experiencia.

Advirtaõ agora o que devem fazer para que qualquer Cavallo se enfreye devidamente: Primeiro lhe devem dar a conveniente liberdade na lingua; e sendo necessario, deitalhe fóra os beiços aos Cavallos, que fazem delles almofada, pondo-os sobre as gengivas; depois he necessario proporcionar as cambas no curto, ou comprido, e no mais, ou menos voltas, na proporção de chamar acima, ou abaixo, segundo necessitar a formatura do pescoço do Cavallo, e a postura da sua cabeça; e sobre tudo que a barbella vá, e descance em seu justo ponto, e devido lugar; e que o

olho do freyo não esteja alto, nem baixo, segundo corresponder ao Cavallo; e por ultimo com hum freyo pinhatel bem proporcionado na boca, nem muy largo, nem muy estreito, e que os ellos, e ganchos da barbella tenhaõ a volta correspondente; pelo receyo de que colhendo-os a camba do freyo, não levantem o beijo do Cavallo, e a mesma barbella, tirando-o do seu lugar; o que succede a este genero de freyo mais do que a outros, por ser redondo; e não haverá Cavallo, que não sirva bem com este tal freyo.

Vejaõ aqui literalmente traduzido o que se resolveo na grande conferencia, que cito: advirtaõ nas suas circunstancias, e acharaõ o bem ponderado, que está tudo; e o pouco fruto, que se tira de estampar freyos; pois nella, nem se dá, nem proporciona a essencia do freyo, que consiste nestes pontos, que tal vez não teriaõ chegado à sua noticia; pois seja o freyo que for, as cambas lhe tiraõ o effeito, se não forem correspondentes à formatura do peçoço do Cavallo, e à postura da sua cabeça; e em ter o olho do freyo quatro dedos

de

de alto; ou só dous, lhe faz mudar a intenção, sejaõ as cambas, e o bocado como quizerem; pois ainda que o tenhaõ bem ajustado, como me deixem pôr o olho à medida que eu quizer, veraõ que facilmente lho desconcerto; e o mesmo farey com as cambas. No que poucas vezes teraõ reparado he, se topa, ou naõ o cotovello da camba nos ganchos, ou ellos da barbel-la, está o tudo, de que o freyo sente ao Cavallo, porque se topa, levanta a barbel-la, e o mesmo bocado; com que assim naõ hindo nada em seu lugar, vejaõ que bom effeito póde produzir.

Com alguns Cavallos me tem succedido, encontrando eu a seus donos nelles, dizerem-me: *Veja V. m. que dissaborado vay o meu Cavallo com este freyo*; reparar eu nelle, e vendo estes defeitos, voltarhe os ganchos à sua devida correspondencia, e sahirem os Cavallos tanto melhor, que pareciaõ outros.

Para dar a conhecer, que naõ sou Picador da qualidade de alguns, que reservaõ o melhor para si, ponho aqui hum modo facil, e prompto para que qualquer Caval-

lo obedeça ao freyo , ainda que seja dos mais desordenados de boca : Traraõ na algibeira huma cadenilha taõ grossa como o cordel de que fazem a ponta aos lategos , a qual terá em huma ponta hum ganchofinho , capaz de prender no olho do freyo ; e dizendo o para que , conformaráõ o seu comprimento. Quando succeda haver de montar Cavallo , de que tenhaõ alguma desconfiança , usem desta inventiva , nesta fórma : Meteráõ o ganchinho da cadea em hum olho do freyo ; e levantando todo o beijo debaixo do Cavallo passalla-haõ ao outro lado , que fique entre a gengiva , e o beijo , e metendo a outra ponta da cadeya pelo outro olho do freyo , a atem de fórma que fique justa ; e só com isto acharáõ o Cavallo bem obediente para tudo quanto lhe mandarem , e elle souber ; cujos effeitos confirmaráõ o que fica dito ; porque a causa desta novidade he , que a cadeya obriga o bocado ao justo , e devido lugar , e precisa a barbella a naõ fahir do seu assento , pois isto a deixa immovel ; e sempre que concorraõ estas circumstancias , faráõ que o Cavallo respeite a qualquer freyo ,
que

que lhe ponhaõ, e lhe impeça as defensas, deitando-lhe os beiços fóra; naõ lhe permitindo o usar mal do bocado, nem que o tome nos dentes, nem outros máos usos, que lhe podiaõ facilitar o desordenarse: e o mesmo poderáõ fazer com hum cordel; pois a cadeya só tem a differença de que possa servir em todas as occasiões; sendo mais facil, e menos conhecida de quem a vê de fóra.

Aos Cavallos que chegaõ à Escola já desordenados de boca, he mais difficultoso o ensino; porém naõ he impossivel com o sobredito, e com outros remedios, especialmente com o uso da boa doutrina.

Quando a hum Letrado, ou a hum Medico se lhe pede algum parecer, elles o naõ querem dar, sem que lho proponhaõ por letra, para que ao pé della melhor conste da sua resposta, conservando por este prudente modo a boa reputaçãõ do seu character: assim tambem com a mesma reflexãõ, e honra deve ostentarse o Cavalleiro circunspecto; de fórma que vindo-lhe à sua Academia algum Cavallo desbaratado, para reduzillo a melhor obediencia, deve es-

colher tempo opportuno, em que possa indagar a origem do seu erro; e não entrar a enfreallo por informaçã aerea, sem outro methodo mais, do que ser desta, ou daquella qualidade a boca do Cavallo: isto he estimarse pouco, ou ignorar muito; porque se a falta do Cavallo consiste na do seu lombo, como se ha de emendar com o ferro? E se a desordem da boca está na da cabeça, e mão do Cavalleiro, como se ha de enfrear esta ignorancia? Se o Cavalleiro tivesse habilidade para enfrear ignorantes, não era justo que andasse entre as bestas, mas sim que entre os homens lhe levantasse estatuas.

Senhores Cavalleiros, fação V. mercês mais estimaçã de si, que a profissã he bem digna de toda a mayor, que se lhe pôde dar; porém se V. mercês a fazem risivel com puerilidades, lograrão que seja defestimada, &c.

Com a boa doutrina, torno a dizer; todo o Cavallo se enfreya seguramente, e sem ella nenhum; porque ainda que este, ou aquelle, pela sua boa natureza, se deixe mandar sobre o freyo, corra, e pare

quando o mandarem, deste (fazendo-lhe muita mercê) poderá, quando muito, dizerse que está obediente; mas quem o entender, não ha de julgar, que está enfreado, e unido; porque na realidade assim he.

Póde succeder, que lhe venha algum Cavallo de linda boca, e bondade por natureza, porém que não possaõ levantallo ao manejo violento, sem que lhe fuja; e só por esta causa, sem mais reflexão, entraõ a multiplicarlhe freyos ao Cavallo, e com todos faz o mesmo: em tal caso como ficará a sua reputação? Se montassem este Cavallo, experimentando-o, veriaõ que este defeito consistia em huma pura galhardia do Cavallo, que pondo-se a retouçar, colhia o freyo, tomando a cadenilha, ou a camba; e tudo isto sem alguma malicia, nem má intenção; pois só com lhe fallar, tocando-lhe com a vara, ou esporas, ficava taõ lizo, que podia mandallo hum menino: e não seria este caso huma bem má vergonha? Pois, amigos, isto succede frequentemente; e como este, outros muitos exemplos podia dar; tantos, que não sey, se teriaõ paciencia para lellos, ainda que eu a tivesse para referillos, &c.

Fal-

Fallando methodicamente , e como quem defeja o mayor aproveitamento em commum , he-me preciso dizer , que nos Cavallos não ha mais que dous generos de bocas , que são boa , e má ; porque os demais são accidentes , que não mudaõ a substancia ; porque se he rasgada , he boa , e não lha mudará este , ou aquelle accidente ; como taõ pouco se for má , bovina , ou de coelho ; e assim em todas as mais. Ao que tiver boa boca , sempre se veraõ obrigados a conservarilha ; e tambem à melhor , que he a que soffre o apoio , lhe compete este beneficio ; pois nenhum Cavallo póde conservar o apoio , durando muito o trabalho , sem esquentarse , ou pezar mais do conveniente : disto o podem segurar sempre , que com a boa doutrina lhe façãõ entender o modo de aligeirarse ; porque assim podem darlhe liberdade , e elle tomalla , refrescando os assentos em quanto trabalha sobre as ajudas. Ao que tiver má boca , accresce pouco mais trabalho ; pois sendo preciso aligeirar todo o Cavallo , só haverá esta differença ; que o bom o fará com mais presteza , e o máo necessitará de mayor ajuda ; mas se penetra-

rem donde lhe resulta a difficuldade, depressa a emendarão, trabalhando sobre ella. Não podem ter boa boca os Cavallos duros de lombo, nem tão pouco os que o tem debil; huns por carta de mais, e outros por carta de menos; os ardentes, e fogosos da mesma fórma; porque se esquentão em demasia: os grossos de queixadas, porque lhe peza muito a cabeça; e assim o fazem elles na mão dos Cavalleiros.

Agora quero fazer esta pergunta: Se ao fraco de lombo, com a boa doutrina o tem tão corregido, e emendado, que quando o chamaõ a parar, obedece; quebrando-se sobre as pernas, quanto lhe permite a sua pouca possibilidade; porque indicio poderá ninguem persuadirse a que este Cavallo tenha a mais leve apprehensão de desordem? Nem como pôde darse caso que acommetta? No que for duro de lombo succederá o mesmo, por estar já vencido; e ainda neste com mayor razaõ, porque pôde; e só o não querer lhe podia servir de estorvo. O pezado de cabeça, se a traz em seu lugar, e sabe conservalla sem repugnancia, que necessidade terá de que lha levantem?

Ao fogoso, se com as ajudas, e voz o detém, e contém, quando chegará o caso de que com o freyo se lhe esquentem os afentos?

A estas perguntas espero a resposta da experiencia, na qual acharão como o mais genuino freyo he doutrina, doutrina, e mais doutrina.

Tres cousas podem segurar a boca dos Cavallos; a sua bondade, o castigo, e a arte: esta servirá para temperar, e reconhecer a boca daquelles Cavallos, que o seu ardimento lhe permite pouco apoio, sendo preciso alternar com o freyo, e ajudas, levando o huma vez sobre estas, e outras sobre aquelle, para que aquellas o contenhaõ, e este o detenha, sem chegar ao caso de que se offenda. O castigo he necessario para os Cavallos desesperados, pois lhe chegarão taes, que não possaõ soffrer o apoio na boca, comettendo mil erros, de tirar por elle, fazer tisoura, colhella com os dentes, apoyando-se de tal fórma, que inteiramente cheguem a perder a sensibilidade, e por consequencia incapazes de parar. Eisaqui como de tudo isto não he outra a cau-

sa

fa mais que a falta de doutrina, e a ignorancia de quem os monta: para isto devem prevenir o cuidado de quando tirarem pelo freyo, rodarlhe as esporas (como já disse) pois lhe fará tanta harmonia a tal musica, que a escute de boa vontade, e se deterá a ouvilla.

A vara sobre o pescoço tambem he castigo para estas desordens, e para as de mover a cabeça; e neste genero de castigo sempre devem observar a segurança do Cavallo, affagando-o ao mesmo tempo, fazendo-lhe entender, que aquillo não he mandalho, senão emendallo, como pede a sua desordem; à qual tambem corresponde fazerlhe temer cabeções, e freyo; pois a taes Cavallos he boa doutrina darlhe suas certas soffreadas, até conseguir o pollos com temor, e obediencia ao freyo: e nestes Cavallos he permittido usar de freyo rigoroso ajudando-se delle, até fazer que entendaõ as ajudas; e conseguindo isto, lhe sobejará qualquer outro.

Naõ posso dizer, nem sey se haverá quem se atreva a dizello, se huma vez obediante o Cavallo, e enfreado pelo castigo,
fica

fica mais seguro, do que aquelle, que o está pela sua bondade? Deixando à prudencia o juizo desta difficuldade, direy este caso, para que sobre elle façãõ reflexãõ. Tomem hum Cavallo dos que costumaõ fugir com mayor desordem; elejaõ terreno opportuno, aonde sem risco o possaõ correr, mais do que elle possa aturar; e ahi corraõ-no, deixando-o ir, até que sintãõ que elle affrouxa: entãõ ajudem-no com valor, e sentindo que elle torna a fraquear, no mesmo tempo levando hum bom açoute, e boas esporas, castiguem-no intrepidamente em quantas partes do corpo lhe acharem sensiveis, e tambem com a voz, que elle parará de boa vontade, e depois não fugirá; e por terrivel que seja, como lhe repitaõ isto duas, ou tres vezes, parará quando o mandarem, taõ seguro, como qualquer outro.

He possivel que se offereça a dizer, que se nas duas, ou tres tundas acabaõ com elle, que sem duvida parará, e de huma vez? Mas a isto respondo, que será defeito da sua pouca intelligencia, e não effeito do meu prudente conselho; pois não lho dou

dou para que lhe apurem a substancia, mas sim a intençãõ ; porque esta a acha muito para cá do poder, quem sabe mandar.

Tambem quero satisfazer a outro reparo, que se póde offerecer ; e he, que se para todos os Potros lhe approvo hum freyo ; parece difficultoso que hum mesmo remedio convenha para taõ diversas compleições ? Confesso-lhe racionavel a difficultade, e devida a satisfaçãõ ; e assim respondo.

Todos os Potros por sua natureza tem a mesma facilidade em gengivas, e assentos, pois nada disto he calloso, nem o póde ser pela constituiçãõ do seu lugar ; e sendo, como he, a boca humida, callo, e humidade saõ incompativeis ; com que assim no principio toda a differença das bocas está no mais, ou menos rasgadas, mais, ou menos carnosas, dentro, ou fóra : e he couza assentada em boas letras, que o mais, ou menos não muda a especie.

Ao tempo de mandallos he quando o modo constitue as differenças, que depois encontraõ, e as difficultades, que se offerecem nas bocas ; e assim não devem estranhar esta generalidade, pois a vem pratica-

da, e ainda em casos de mayor importancia. Respondaõ-me agora a esta pergunta, e depois applicalla-haõ, se lhes parecer, que vem ao caso.

A quina, que hoje está taõ approvada geralmente, naõ a vem applicar ao colerico, ao fleumatico, ao sanguineo, e a todo o vivente? O Fyfico saberá como a tempera, para a proporcionar à qualidade de cada sujeito. Estudem a Fyfica nesta profissãõ, e a pratica lhe fará conhecer se respondendo adequado.

Parece-me que já disse, que os trotes faõ o principio, em que se fazem os Cavallos: e assim he; porque nas lições de trote, e de andar à perna, he em que se aligeiraõ, soltaõ, e ajustaõ; porém haõ de advertir, que isto se entende sabendo-o fazer com boa regra; pois ainda que o Potro trote muy largo, naõ he trotar ligeiro, e solto, nem desembaraçado; porque se vay tocando as ferraduras, ou taõ tezo, e inteiro como hum touro, isto naõ se chama trotar. O trote deve ser como já tenho explicado: nos Cavallos fogosos, e ardentes ha de ser em cruz com suspensaõ, e deti-

do, que he o modo de quebrallos, e sujeitallos; e pelo contrario nos frouxos, pezados, e lerdos, fogoso, fervido, e determinado, para conseguir que elles o fiquem.

Todas as lições se fazem a trote, assim as voltas, como meyas voltas, quadrados, piruêtas; e estas mesmas figuras se fazem à perna.

Se pertendem mostrar que hum Cavallo está regulado, e justo, e sabe toda a escola, o devem pôr sobre o passo, assignando aquella figura, sobre que o querem trabalhar. Demos por caso hum quadro quadrado partido nesta, ou em outra fórma: feito isto, (que he propôr a idéa) paraõ o Cavallo, tiraõ-no a trote, faz o mesmo que a passo, e tornaõ a parallo para darlhe alento; e tornando a fahir, fazem a mesma acção em trote ladeado, mostrando a todos, que o Cavallo está igualmente resolutto, determinado, e ligeiro, por direito, e de lado a huma, e outra maõ.

Para fazer isto com methodo, devem levar hum trote taõ igual, que os pontos desta musica naõ fação dissonancia, já seja por direito, por largo, curto, volte, corte,

te, troque, sempre ha de levar hum mesmo tom, hum mesmo compasso, e huma mesma violencia.

Bem poderão entender, que para conseguir isto, o trote não póde ser tão furioso; pois deve ser tal, que se possa conservar em todas as voltas, e revoltas, e tambem teráõ cuidado nas lições da utilidade, que resulta de trazer o Cavallo à perna; conhecendo nisto mesmo quanto o desembaraça, depois que ao uso da Brida o Cavallo que não sabe fazer curvetas por direito, e de lado, galopando na mesma fórma, não he capaz de servir em occasião de triumpho, que he o que nós chamamos festejo de Praça publica: e em muitas ainda he preciso que o Cavallo saiba fazer curvetas para trás; porque as funções da Brida tem mais obra que as da Gineta; pois em qualquer festejo que seja, sempre os Cavallos tem muita obra que fazer à perna; e não deve haver função publica, que se faça sem reflexão ao fim principal das Armas, e da Guerra; pois assim se evita darse a garupa: e neste caso, se segue logo trabalho à perna; porque em havendo passagem, entraõ

os tempos de observação para estar todos promptos, tornando-se a buscar a hum mesmo tempo, e com igualdade.

Destes festejos só tenho visto hum estampado por D. Antonio Pluvinel no seu Manejo Real (1) por ordem de El Rey Christianissimo; como se póde ver na estampa, ou figura 49.

Pertender dar regras para todos os casos, que possaõ acontecer, he impossivel; porque nem eu os posso prevenir, nem he facil, que elles succedaõ uniformes: a occasiaõ he quem os offerece, sem ella não póde haver segurança opportuna. Não ha acafo, que não tenha remedio debaixo destas leys, e doutrina: o modo de usallas precisamente se ha de vincular à prudencia do Cavalleiro; porque o caso extraordinario, que póde succeder, não o posso eu acautellar: se me achasse nelle, seria, ou não possivel, porque cada dia se encontraõ novas razões de duvidar. Em litigios, em enfermidades, e fyssionomias, apenas se encontra semelhança; pois estas passaõ a sua carreira, as doenças se curaõ debaixo de huns

(1) Pluin. fol. 63.

preceitos; e as demandas se terminaõ todas pelas leys, sendo todas humas, e taõ varios os direitos.

Na Fortificaçaõ as regras saõ regulares, e ainda a irregular se accomoda à regularidade das regras; e assim ainda que o naõ fique na figura, o vem a ser na essencia, ficando todas as suas partes reduzidas, e sujeitas à defenza, que he o principal fim.

As regras methodicas, e regulares approvadas, e recebidas em toda a Europa para fazer hum Cavallo, saõ as que tenho proposto; a ellas se ha de ajustar: se houver alguma irregular, procurem que o fique na apparencia, e naõ na substancia.

A variedade que tenho dito em manejos, e ares de Cavallos, he essencial; porque nada sobejará, para que o Cavallo faya justo, e o Cavalleiro perfeito.

Nenhum Cavalleiro póde ter a segura firmeza a cavallo, em quanto neste naõ houver tomado o ar a todos os seus movimentos, tempos, e contratempos; porque o segurar-se a poder de força nos joelhos he historia, e muy trabalhoso o pouco que dura; porém o sustentar-se immovel em todos

dos os contratempos, e mayores desordens de qualquer Cavallo, huma vez que o corpo lhe tenha tomado o ar, he muito facil; e tanto, que com ser eu muito debil, estou taõ seguro de que nenhuma desordem (por violenta que seja) me possa descompor na sella, que nem ainda tal cousa me passou pela memoria.

A todo o Cavalleiro succederá o mesmo, pondo-se a cavallo, como fica dito; e a razã natural ensina, que encontrando-se duas resistencias, sempre vence a mayor com estrago da menor: e assim se vê que o vento derruba hum cedro, porque se lhe oppoem ex diametro; e se lhe defende huma fragil cana, porque com suavidade, e brandura se deixa levar da sua fortaleza, e desta fórma se conserva no seu lugar firme, e sem damno. Isto experimentará tambem o Cavalleiro, pondo-se a cavallo na postura natural, que eu proponho a fol. 1.; porque o equilibrio do corpo, a sua docilidade, e foltura, fazem com que os mais violentos movimentos do Cavallo o não immutem mais, do que o vento faz à cana.

Tambem se manifesta por experiencia

entre dous Gladiadores, que batalhaõ com a espada: se algum delles atira hum derrote à espada do seu contrario, este, apertando a na maõ, lha deita logo fóra della; mas, se (como destre) a affrouxar, deixando-a ir com o movimento adverso, a conservará pelo tempo que quizer.

Deve o Picador saber manejar com desembaraço a guia, vara, e chambriera, tomando os lugares, que lhe correspondem, segundo os manejos, occupando-os opportunamente, para ajudar, e mandar aos Cavalleiros, e Cavallos, quando necessitarem: o meyo, ou o centro de toda a figura, em que se faz o manejo, he o seu lugar devido, já mande com guia, ou sem ella; porque dahi está mais prompto, e habil para acodir a qualquer parte, que a necessidade o chame: porém deve cuidar muito de que os seus movimentos sejaõ com regra, e concerto; porque os Cavallos feitos no picadeiro mais cuidado levaõ ao Mestre, do que ao Cavalleiro, que de cima os manda.

Nas Academias da Europa de politica urbanidade se usa, tanto que entra nellas alguma Pessoa distincta, que pela sua
de-

decencia mostre ter alguma inclinação a tal prenda, neste caso, hum dos Cavalleiros da parte do Mestre chega a offerecer-lhe vara, e estribos, pedindo-lhe o favor de que queira montar algum Cavallo; e como entenda tanto, ou quanto, poucos se escusaõ, por ser correspondencia devida ao tal obsequio: e se õ admitte, se lhe chega hum Cavallo dos melhores; e começando a mandallo, o Mestre deve apartarse do seu lugar, sabindo fóra de qualquer figura que elle proponha; porque não pareça, que pretende ter cuidado da habilidade do Cavalleiro.

Em todas as circunstancias, que tenho referido, devem os Picadores ter especial observancia; porque qualquer pessoa intelligente infere dellas se a escola he, ou não formal, e que conceito poderá fazer della, vendo-lhe os principios risiveis, quando sobre a mesma se começaõ a formar Cavallos, e Cavalleiros.

Sempre devem ter cuidado, e zelar muito de que os discipulos sejaõ advertidos, fazendo-lhes entender a importancia das cousas essenciaes, assim pelo dezar, que se lhes

ção da Camara, e approvação do Superintendente, como se dispoem na instrucção do mesmo Superintendente.

5 Feita esta eleição, e approvada pela Junta, não poderá esta, e muito menos o Superintendente, escusar pessoa alguma do encargo de ter Cavallo, ou Egoa; e se sobrevier alguma causa justa, só a dita Junta poderá admittir escusa, precedendo além da justificação da causa a informação do Superintendente: e a Junta não será obrigada a appellar a Sentença, fenaõ no caso em que a informação do Superintendente não concorde com a escusa; porém as partes poderão appellar em todos os casos para a Junta dos Tres Estados na fórma da nova ordem de 24 de Abril do anno de 1751; e quando não houver recurso da parte, dará a Junta parte ao Duque Estribeiro mór da escusa, que admittio.

6 Assim mesmo examinará com toda a ponderação, se he bem se extingaõ algumas Caudelarias por inuteis, e se erijaõ outras de novo.

7 E porque a quantia estabelecida no Regimento de trezentos mil reis, para se

poder obrigar a ter Egoa , he muito limitada nos tempos presentes , ferá mais conveniente , que nos districtos destinados para as Caudelarias , havendo pastos communs sufficientes , o Lavrador tenha quatrocentos mil reis em bens de raiz , e naõ havendo os ditos pastos , tenha seiscentos mil reis ; e se naõ for Lavrador tenha setecentos mil reis dos ditos bens ; e só se eximirá de ter Egoa , tendo effectivamente na estribaria Cavallo feu capaz de servir nas tropas , e a nenhum se admitta escusa de dividas , em quanto conservar a quantia dos ditos bens.

8 Terá grande cuidado , em que se naõ obrigue a ter Egoa quem a naõ puder sustentar , e que se naõ isente quem tiver posses para isso ; e dará conta cada seis mezes de todas as desordens , que houver nas Superintendencias do seu districto , sobre que deve vigiar , para se lhe pôr o remedio necessario.

9 Terá livro particular , em que assente as ordens , que receber de Sua Magestade por maõ do seu Estribeiro mór , e as que por ordem do mesmo Senhor intimar aos Superintendentes.

10 Assignará as listas assim das Egoas, e Cavallos, como das crias, que os Superintendentes, na fórma que lhes he ordenado, mandarão a Sua Magestade cada seis mezes por mão do seu Estribeiro mór.

11 Terá toda a vigilancia sobre se os Superintendentes guardaõ exactamente o Regimento, e as ordens que de novo lhe são dadas, e ficaraõ registadas na mesma Junta.

12 Ainda que haja alguns privilegiados do encargo de ter Egoas, (o qual privilegio se deve examinar) nenhum, tendo a voluntariamente, he isento de a mandar ao Cavallo da Caudelaria do seu districto.

13 Os Ecclesiasticos, posto que sejaõ isentos da obrigaçãõ de ter Egoas, tendo-as voluntariamente, devem ser requeridos as mandem ao Cavallo do lançamento do seu districto.

14 Como algumas Superintendencias tem no seu districto terras muito distantes, de que se segue naõ poderem os Superintendentes facilmente visitar as Caudelarias as vezes que he necessario, e passar as mostras convenientes, e os criadores terem

a oppressão de vir com as Egoas de muito longe com damno das crias, o Corregedor, ou Provedor com os Adjuntos, que lhe estão determinados, ponderem maduramente se será mais conveniente repartir a Superintendencia em duas, ou desannexar della as terras mais distantes, e unillas à Superintendencia que lhe for mais commoda, ainda que seja de diversa Comarca; e do que julgar, dará logo parte ao Estribeiro mór; e julgando ser mais conveniente erigir nova Superintendencia no mesmo districto, nomearáõ logo as pessoas aptas para a dita Superintendencia, na fórmula acima dita, e remeteráõ esta nomeação ao Duque Estribeiro mór, para elle a propor a Sua Magestade.

Advertencias para os Superintendentes.

D Evem guardar exactamente o Regimento, e as ordens que de novo lhes foraõ dadas pelo Duque Estribeiro mór, e intimadas pela Junta da Cabeça da Comarca, e pôr toda a diligencia, para que haja boas criações: vigiaráõ sobre os Ca-

valleiros, como trataõ os Cavallos, especialmente no tempo do lançamento: visitarão frequentemente as Caudelarias, e verãõ com os seus olhos: e outras vezes mandarãõ vir à sua presença os Cavallos, e examinarãõ se os Cavalleiros se servem delles em cousa que os possa deteriorar, e enfraquecer.

2 Se os tem sempre limpos, e cubertos no tempo que he necessario, se a estrebaria he capaz: examinarãõ a cevada, e mais sustento que se lhes dá, se he qual deve ser; se os tem ferrados; e se achar algum Cavalleiro culpado, dará logo conta ao Corregedor, para que este com seus Adjuntos o castigue na fórma que for conveniente.

3 Quando mandar passar as mostras, o fará naquelle lugar, que for menos gravoso ao mayor numero dos criadores.

4 Obrigarãõ aos Cavalleiros, que no tempo do lançamento tenhaõ o Cavallo no lugar, que for mais commodo aos donos das Egoas obrigadas.

5 Quando algum dos obrigados a ter Egoa, por algum caso ficar impossibilitado a sustentalla, dará parte à Junta, e avisará a Ca-

a Camara, em cujo districto morar o dito Lavrador, para que a mesma Camara nomee tres pessoas capazes de a sustentar; e esta nomeação mandará o Superintendente à Junta, declarando qual das tres pessoas approva; e se reprovar alguma, disto mesmo dará razão à Junta, e poderá nomear outra em lugar da reprovada, e a Junta escolherá precisamente huma das nomeadas, que julgar mais conveniente.

6 Os Cavallos, que Sua Magestade deputar para o seu districto, entregará aos mesmos Cavalleiros, que até agora tinhaõ o encargo de ter Cavallos de lançamento; porque como elles tem recebido o paõ, com que os criadores concorrem para a Cavallagem na fôrma do Regimento, mais suavemente o podem sustentar, e devem estar providos de tudo o que he necessario para o sustento do Cavallo, como lhes manda o Regimento.

7 Dará liberdade aos Criadores para venderem os seus Potros a todo o tempo, que quizerem, naõ obstante o mandar o Regimento o contrario; mas com condição de primeiro passarem mostra diante do mesmo

Superintendente; o qual mandará assentar em livro, que para isso terá, o nome, e a terra, assim do vendedor, como do comprador, e juntamente os sinaes, e idade do Potro, que se vender.

8 Quanto às Poldras, como estas podem passar com as mãys todo o tempo, sem o perigo que ha nos Potros, que passarem de dous annos, tem os Lavradores menos oppressão em as não vender; e assim não permittirão se vendaõ antes de terem tres annos, aquellas que derem esperanza de serem boas para mãys; e para isso as mandarão passar mostra, e as que virem que são capazes de dar boas crias, não consentirão facilmente se vendaõ para fóra do seu districto, ou ao menos, quanto for possível, para fóra da Provincia a que pertencerem; e mandarão assentar no livro os sinaes, e idade da Poldra, e os nomes, e terra do comprador, e vendedor, exceptuando o caso em que o Superintendente de outro districto a queira comprar, para refazer a falta de algumas nas Caudelarias do seu districto, como insinua o Regimento.

9 E por quanto os Criadores poderão fen-

fentir oppressão de não hirem às feiras vender as suas crias, o que parece lhes fica prohibido por esta ordem, que nas feiras se não póde praticar, que se fizerem fóra do seu districto; o Superintendente depois de escolher aquellas Poldras, que julgar mais capazes de refazer a falta, que póde haver nas Egoas alistadas, lhes dará licença para levarem as de mais às feiras; mas com declaração, que venhão passar mostra diante d'elle, e deixem na sua mão lista das que levão, e tragaõ certidaõ das que lá vendeirão, e a quem.

10 Para evitar o damno que se segue de se extrahirem Egoas para fóra do Reino, será preciso que a todas as Egoas, assim listadas, como não listadas, que forem capazes de dar boas crias, e tambem as Poldras, que disso derem boas esperanças, se mandem cortar a mesma orelha, que os nossos confinantes cortaõ às suas; porque estes como tem graves penas por lançar ao contrario Egoas listadas, que todas tem a orelha cortada, vem comprar as nossas, e se as acharem com o mesmo final, não as comprarão, e assim se evitará em muita parte a extracção.

segue de não attendellas, como pelo risco, que lhe póde acontecer de desprezallas.

Quando montão hum Cavallo, fazendo-lhe examinar todos os arreyos, como fica dito, para que fiquem segundo a arte, e que o freyo occupe o seu devido lugar, e a barbella caya no correspondente aos assentos; e que saibão pôr os cabeções no assento competente, nem mais cerrados, nem mais largos, do que pede o seu jogo; e que às redeas destes, e as do freyo lhe tirem as voltas para deixar tudo corrente, em estado de poder servir sem contingencia.

Tambem he preciso advertillos do modo como se haõ de arrimar aos Cavallos, e como devem segurалlos, fazendo-os dar alguns passos, depois de justas as cilhas, para ver se estaõ apertadas em demasia, ou se outra cousa os offende. Todas estas miudezas saõ muito essenciaes, e por isso se deve fazer habito nellas, para que se não desprezem; porque de se apertarem muito as cilhas, tem succedido muitas desgraças, inquietando os Cavallos de tal fórma, que se deixaraõ cahir sobre o Cavalleiro; obrigando a outros a sabir taõ violentos, e fó-

ra de tiro, que atropellaráõ quanto se lhe ponha diante, comettendo outras mais defordens com grande risco do Cavalleiro.

O chegar intrepidamente a tomar a fella tem outras muitas contingencias; porque nem todos os Cavallos são de igual focgõ, e soffrimento: e como nem todos são conhecidos, toda a cautela he conveniente, e segura.

O uso dos antolhos, que tenho proposto, devem estimar muito; porque depois de ser muito importante, e precaver a Cavalleiros, e Cavallos de muitos inconvenientes, na mesma profissãõ, de que tratamos, são muito uteis, e necessarios para focegar hum Cavallo, e para tirarlhe a intrepidez a todos, e a alguns o grande cuidado de prevenirse; pois isto os atraza muito, se os antolhos os não emendaõ, fazendo-os mais soffridos, e obrigando-os a que se deixem montar; precisando-os a falta de vista a que não cuidem em ir, senãõ em que os levem; e a pôr mais cuidado em obedecer, do que em arbitrar.

No Manejo Real, que deixo citado, sobre os grandes elogios, e circumstancias
 extracção. m. M. de

de conveniencia, que o grande Pluvinel aponta a El Rey de França, verã como em varias estampas lhe dá differentes lições com os antolhos postos nos Cavallos, para que Sua Magestade conhecesse a sua grande utilidade.

Eu posso certificar, que qualquer Cavallo, por mais destituido que esteja de reduzirse à obediencia, com os antolhos o traraõ a tanta, quanta mostrará a experiencia.

Parece-me que já deixo recommendado, que ao começara fazer os Potros, se lhe tragaõ alguns dias os estribos soltos, e agora novamente o recommendo; e o fim he, para que o tocarlhe os estribos no ventre, lhe faça perder a apprehensãõ das pernas, de que se segue trazerem segura a cauda sem menealla, nem facodilla. Para isto tambem se ha de cuidar de que a vara seja algum tanto grossa; porque a muito delgada incita este vicio, como o latego tendo ponta. A esta apprehensãõ deve acompanhar a de que as esporas não sejaõ muito agudas, e de não lhas chegar ante tempo; pois os que lhas vão fazendo sentir logo, os vão

costumando a este feyo vicio, que sem duvida he o mais indigno.

Tenho concluido o assumpto, mas naõ o desejo de intimar esta nobre affeição, e apreço dos Cavallos nos meus Nacionaes, em que nunca saberey pôr ponto final. Este discurso acabarey dizendo qual he o Cavallo, que merece este grande nome, expressão, que contém o seu verdadeiro elogio.

Dos nomes especificos, que hoje se usaõ, se pôde em certo modo dizer o mesmo, que daquelles primitivos, que impoz aos animaes, e aves o primeiro Homem, inspirado pelo supremo Author do Universo, que vem a fer outras tantas diffinições das cousas; mas a nossa ignorancia nos faz mendigar appellidos, com que saibamos explicallas.

Quando intentamos subin mais de ponto com a nossa exaggeração, para dar a conhecer huma pessoa, gastamos o tempo em buscar epithetos, que a authorizem, dizendo: he hum grande Mestre, grande Soldado, grande Politico, grande Senhor, grande Christão, &c. e bem assim nada disso

equivale ao titulo da expressãõ, que encerra em si o nome proprio da sua especie; pois tendo esgotado todos os superlativos, todos me confessarãõ, que não igualaõ o natural significado, que em nosso idioma contém o dizer, he Homem.

He tambem inquestionavel, que o ser de homem se deve à parte racional, pois sem isso, ou não seria homem, ou não mereceria este decoroso titulo, por não encher a grande significaçãõ, que lhe compete.

Descendo pois ao nosso assumpto, havemos de seguir esta analogia, e proporçãõ em os Cavallos, não sendo proprio levalla do racional ao bruto, quando só pretendemos dar força à razaõ.

Em elogios deste Animal se podiaõ fazer grandes volumes, e muito mais quando o authoriza a Escritura sagrada; (1) porém seria desmentirme na proposiçãõ antecedente, incorrendo no que acabo de condemnar por ocioso: com que assim por isto, como por não impugnar o singello, e nú deste corpo, não o vestirey, mas sim

(1) Lib. Job. cap. 39. v. 19.

fecharey o discurso dizendo, que o nome de Cavallo só competirá justamente ao que tiver qualidades, que lhe sirvaõ de merito para esta honra; porque se não explicará a especie muito em bruto, ficando aggravada a viveza, e energia do nome.

Naõ se deve chamar Cavallo a nenhum pela sua boa figura; porque esta he significacão impropria, e a que lhe corresponde com propriedade he só dizer *Bom vulto de Cavallo*, e o mesmo se deve entender nas de mais partes.

O que propriamente lhe constitue o nome de Cavallo he o que o adorna, e reveste daquellas qualidades, que mais alludem à racionalidade, como saõ: obediencia, lealdade, conhecimento, docilidade, e sciencia, a seu modo, e em quanto pôde caber na sua especie. Isto nenhum o tem por natureza; pois ainda que liberal com elle se manifeste, não se pôde estender a mais do que a dispollo, fazendo-o mais apto para receber com mais facilidade estas nobilissimas qualidades, as quaes não tem outro orgão por onde communicarse, mais que o da boa escola, e doutrina.

Aquelle, que nesta tiver aproveitado, tem direito absoluto ao nome de Cavallo; e deste com justiça se dirá, e deve dizer he Cavallo: todos os mais, sejaõ como forem, só por huma especie de usurpação, ou de abuso se nomearáõ affim; pois o seu proprio attributo he o de Rocins, e não o de Cavallos pelas razões sobreditas.

NOVAS INSTRUCÇÕES

Sobre o Regimento das Caudelarias.

(Liv. 12. da Supplicação fol. 231.)

Como Sua Magestade reservou às suas Reaes Ordens tudo o que pertenceffe à administração da criação dos Cavallos, a que tem dado nova providencia, em quanto se não manda às Comarcas novo Regimento, se deve guardar o antigo, e o que sobre elle tem ordenado o mesmo Senhor: e vem a ser, que na Cabeça de cada Comarca haja huma Junta particular, que se comporá de Corregedor, e estando ausente, do Provedor,

dor, Juiz de fóra, e Capitão mór da mesma terra, ou Governador; e na ausencia de qualquer destes, quem seu lugar tiver.

2 A esta Junta pertencerá a nomeação de tres pessoas para Superintendentes, moradores no seu districto, os mais nobres, ricos, intelligentes, e de melhor procedimento, e consciencia, que houver no districto de cada huma das Superintendencias, para que Sua Magestade destes escolha o que for servido.

3 E esta mesma nomeação fará, logo que vagar alguma Superintendencia, ou por morte, ou por inhabilidade do Superintendente: e em quanto esta se não prover, a mesma Junta supprirá a falta do Superintendente pelo modo, que julgar mais conveniente.

4 A' mesma Junta, (que se comporá de Corregedor, ou Provedor, qual estiver mais visinho da Cabeça da Comarca, quando for necessario convocarem-se, e de Juiz de fóra, e Capitão mór, ou Governador) pertencerá tambem a determinação das pessoas, que se haõ de obrigar a ter Egoa, ou Cavallo, precedendo sempre a nomeação

11 Sobre este particular vigiará com todo o cuidado o Superintendente; e constando-lhe, que algum vendeo Egoa, ou Poldra para fóra do Reino, além da pena que lhes está taxada no Edital, que se mandou publicar, o condemnará em quatro mil reis para o denunciante, e o obrigará a comprar outra Egoa, ou Poldra do mesmo valor da que vendeo.

12 Para fechar totalmente a porta a esta extracção, cada hum dos Superintendentes fará todos os annos huma lista de todas as Egoas, assim listadas, como não listadas, e de todas as Poldras de anno para cima, e por esta lista passará no anno seguinte a mostra, e por ella verá as Egoas, que faltaõ de hum anno para outro, e examinará a causa porque faltaõ; e esta mesma lista será assignada pela Junta da Cabeça da Comarca.

13 Examinará se algum dos Criadores lança ao contrario a Egoa deputada para o Cavallo, e a todo o que achar culpado lhe fará perder a cria.

14 Mandará fazer lista particular das Egoas que ficaõ de vasio, e examinará a causa de assim ficarem.

15 Todos os seis mezes fará lista individual com toda a distincão das Caudelarias, que ha no seu districto, e de todos os Cavalleiros, e Egoas deputadas para o Cavallo de cada hum, e de todas as suas crias com todos os seus sinaes, e idades, e nomes dos donos; a qual lista assignada pela Junta da Cabeça da Comarca, mandará ao Duque Estribeiro mór.

16 De nenhuma sorte consinta, que os Criadores paguem cousa alguma pela marca, ou ferros das Egoas, ou Poldras; e porque não he bem que a pessoa, que as marca, perca o seu tempo, o Superintendente lhe mandará pagar o que for justo, pelo dinheiro que houver procedido das condemnações, que conforme ao Regimento devem fazer os Superintendentes, e na falta deste, se lhe pagará pelos bens do Concelho em que estiver a Caudelaria das Egoas, que se ferrarem.

17 Se no seu districto houver pessoas, de qualquer qualidade que sejaõ, que tenhaõ Egoas de criação com Cavallo proprio, examinará se o Cavallo he capaz, ou as mande ao da Caudelaria do seu districto; e fará

lista especial de todas as Egoas, e criação que tiverem quaes quer pessoas com Cavallo particular, e a mandará a Sua Magestade por mão do Duque Estribeiro mór.

18 Não isentará a privilegiado algum de mandar Egoa, que voluntariamente tiver, ao Cavallo da Caudelaria do seu districto; e o mesmo praticará com todos os Ecclesiasticos, depois de assim lhe ser ordenado pelos seus Prelados, e dará conta daquelles que as não mandarem, ao Duque Estribeiro mór.

19 Examinará se os Cavalleiros fazem alguma avença com os Criadores, aceitando-lhes o paõ da cavallagem sem que socorra a Egoa; ou por isso recebem algum dinheiro; e achando algum culpado, o condemne em dobrado do que tiver recebido, ou ainda estipulado, e dará conta à Junta da Cabeça da Comarca.

20 Para evitar o grande damno, que causão os lobos às criações, e Egoas, deprecará aos Corregedores, e Provedores, para que nas terras das suas Correições, e nas dos Donatarios, ordenem aos Officiaes da Camara fazer as montarias, nos tempos que

manda o Regimento, e que na mesma occasião se fação nos territorios de toda a Comarca em que for necessario, e que pelos bens do Concelho mandem os Officiaes da Camara faraffas aos sitios accomodados para isso por pessoas praticas, na fórma costumada, e fação usar de todos os mais meynos que ha para se evitar este damno; concedendo Sua Magestade jurisdicção aos Provedores para que possaõ ebrigar aos Executores, e Almojarifes a que paguem a quem matar lobo fóra da montaria, e das faraffas, e similhantes ministerios, ametade do premio que dispoem a Ordenaçãõ do Reino, se pagará por sua Real Fazenda.

21 Não admittirá para Cavalleiro homem algum militar pago.

22 Em nenhum tempo se poderá intrometer no preço, ou compra, assim das Egoas que se haõ de listar, como dos Cavallos do lançamento, mas tudo ficará livre nesta parte aos Criadores.

23 Nas terras em que ha pastos comuns para as Egoas, e se costuma prohibir, que os gados miudos vaõ pastar ao mesmo lugar, deprecará aos Corregedores, ou

Pro-

Provedores, para que ordenem às Camaras, a cujos districtos pertencem, ponhão toda a efficacia com as coimas costumadas, para obviar o damno que causaõ os ditos gados miudos, incapacitando os pastos para as Egoas; isto porém se entende só nos pastos em que ha este costume.

Advertencias para os Cavalleiros.

1 **A** Sua principal obrigaçãõ he ter o Cavallo prompto, e tratar d'elle na fórma do Regimento, naõ lhe faltando com a reçaõ, e mais sustento especialmente no tempo do lançamento.

2 **O** Cavallo, que ElRey lhe manda entregar, tratará de sorte, que naõ se damni- fique, sabendo que ha de dar conta d'elle a todo o tempo que lho pedirem, e ha de pagar toda a damnificaçãõ que por sua culpa tiver; e se por descuido seu, ou máo trato, ou emprestimos o Cavallo morrer, ou se inhabilitar, será obrigado a comprar outro a contento do Duque Estribeiro mór, e a mesma obrigaçãõ terá por qualquer causa, que o Cavallo morrer, ou se lhe tirar.

3 Terá sempre completo o numero das Egoas, que o Regimento determina para cada hum dos Cavallos; e das que faltarem, dará conta ao Superintendente, como tambem das que ficarem de vasio, e da causa que para isso houve.

4 Terá o Cavallo, e lançarote promptos no lugar que for mais commodo para os Lavradores, ao qual elles possaõ mandar as Egoas com menos trabalho, e oppressão.

5 Avisará a cada hum dos Lavradores dos dias em que ha de mandar a Egoa ao Cavallo, e para isso fará repartição proporcionada, assim dos dias, como das Egoas que estiverem a tempo de se correrem, e fará que se expeção primeiro as que vierem de mais longe.

6 Terá o Cavallo sempre limpo, ferrado, e cuberto no tempo que for necessario, e em estribaria capaz.

7 Fará lista de todas as Egoas deputadas para a sua repartição, indiyduando todos os finaes, idades, e donos de cada huma.

8 Dará conta ao Superintendente dos Criadores que não acudirem com as Egoas no dia que lhes tinhaõ determinado; como

tam-

tambem dará conta das crias, que se mal lograrem, e da causa que para isso houye, a qual elle deve examinar.

9 Terá cuidado de mandar semear, ou comprar a tempo competente ferrã para o Cavallo.

10 Será conveniente que cada hum dos Criadores em parindo a sua Egoa, vá em termo de oito dias dar conta ao Cavalleiro, declarando se pario Potro, ou Poldra, e o Cavalleiro lhe assignará dia prefixo, em que traga a Egoa ao Cavallo de lançamento; porque a experiencia mostra, que he conveniente para pegarem seguramente as Egoas, chegallas ao Cavallo dentro de quinze, ou quando muito vinte dias depois de parida; e porque assim se não faz, he que as tomaõ os Sendeiros, e vaõ já prenes, quando as levaõ ao Cavallo do lançamento.

11 O Cavalleiro passará ao Criador Certidaõ jurada de como lhe deu parte da Egoa ter parido, e esta foy chegada na fórma referida ao Cavallo de lançamento; e com esta Certidaõ dará o Criador conta ao Superintendente dentro de oito dias, para lançar no livro a memoria da cria, e saber que

296 *Manejo Real da Cavallaria.*

que a Egoa está já lançada. Lisboa Occidental, 13 de Outubro de 1736.

As sobreditas Instrucções foraõ trasladas das Ordenações deste Reino de Portugal do 3. tomo lib. 5. na Colleaõ 2. tit. 112. fol. 285.

F I M.

Este- Hipica española

7-2-n.º 28



